

# **A Experiência Vivida da Pessoa com Amputação através do Corpo**

## **– Influência da Prática de Actividade Física**

Dissertação apresentada com vista à obtenção do 2º  
Ciclo em Actividade Física Adaptada, da Faculdade  
de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do  
Decreto-Lei nº74/2006 de 24 de Março.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Luísa Pereira  
Co-Orientador: Prof. Doutor Rui Corredeira  
Autora: Ana Isabel Castro Almeida e Sousa

Porto, Junho de 2009



## **Agradecimentos**

A concretização deste trabalho só foi possível com a colaboração de um conjunto de pessoas que, através das mais diversas formas, contribuíram para a sua conclusão e a quem pretendo prestar reconhecimento.

Neste sentido, quero desde já agradecer a todos os atletas com amputação que fizeram parte do nosso grupo de estudo e que se mostraram extremamente disponíveis para partilhar connosco as suas experiências, bem como salientar a importância dos seus testemunhos na valorização dos nossos resultados. Assim sendo, agradeço, sinceramente, à Joana, à Leila, ao Abel, ao Bruno, ao Francisco e ao Sandro pela sua amável colaboração neste trabalho.

No entanto, não poderia ainda deixar de agradecer ao Prof. Doutor Rui Corredeira, pelo auxílio prestado na efectivação deste estudo, enquanto meu co-orientador e amigo que se mostrou sempre disponível para me ouvir.

Adicionalmente, quero expressar a minha sincera gratidão para com a Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Luísa Pereira que me orientou de forma brilhante e se mostrou sempre disponível para me ouvir, para me aconselhar, apoiando-me e incentivando-me à reflexão constante. E fê-lo, em todos os momentos, sempre com grande amizade e companheirismo, expresso no sorriso com que sempre me recebeu, e ainda pela forma como partilhou comigo os anseios e as dúvidas que foram surgindo neste percurso, a ela o meu muito obrigado.

Agradeço também aos meus pais e irmão, reconhecendo-os como uma presença valiosa na minha vida, mas especialmente à minha mãe, pela forma como me encorajou a realizar este trabalho, mas também pela ajuda directa que me prestou na realização de algumas tarefas inerentes a este estudo.

Mais ainda, quero agradecer ao Bruno por ter estado, incondicionalmente, ao meu lado durante a longa caminhada de realização desta tese, pela compreensão da minha falta de tempo e de disponibilidade, pelos incentivos constantes que me deu, pelo carinho demonstrado, no fundo por ser quem é para mim e me fazer tão feliz.

Por fim, o meu bem-haja a todos aqueles que, apesar de não mencionados, contribuíram, de alguma forma, para a concretização deste estudo.



# *Índice Geral*

---



## Índice Geral

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>III</b>
<b>Índice de Quadros</b> .....	<b>IX</b>
<b>Índice de Figuras</b> .....	<b>X</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>XI</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>XIII</b>
<b>Résumé</b> .....	<b>XV</b>
<b>Lista de Abreviaturas</b> .....	<b>XVII</b>
<b>1- Introdução</b> .....	<b>3</b>
<b>2- Objectivos</b> .....	<b>9</b>
2.1. - Objectivo geral.....	<b>9</b>
2.2. - Objectivos específicos.....	<b>9</b>
<b>3- Enquadramento Teórico</b> .....	<b>13</b>
3.1 – Deficiência Motora - Amputação.....	<b>13</b>
3.1.1 – Classificação da Amputação.....	<b>16</b>
3.2 – A Prótese.....	<b>19</b>
3.3 – Actividade Física e Amputação.....	<b>24</b>
3.4 – Experiência vivida, corpo vivido e tempo – perspectiva fenomenológica.....	<b>28</b>
3.4.1 – A fenomenologia – perspectiva filosófica e histórica.....	<b>28</b>
3.4.2 – A fenomenologia – perspectiva metodológica.....	<b>34</b>
3.4.3 – O corpo vivido, experiência vivida e a importância da coordenada antropológica tempo para a compreensão destes conceitos.....	<b>38</b>
<b>4- Campo Metodológico</b> .....	<b>45</b>
4.1 – A narrativa.....	<b>46</b>

4.2 – A aplicação prática da narrativa.....	53
4.2.1 – A construção da entrevista.....	55
4.2.2 – Processo de Tematização.....	57
4.3 – Grupo de Estudo.....	61
<b>5- Apresentação e discussão dos resultados.....</b>	<b>65</b>
5.1 – As narrativas.....	65
5.1.1 – A narrativa da Joana.....	66
5.1.2 – A narrativa do Sandro.....	75
5.1.3 – A narrativa da Leila.....	82
5.1.4 – A narrativa do Bruno.....	93
5.1.5 – A narrativa do Francisco.....	100
5.1.6 – A narrativa do Abel.....	105
5.2 – Análise e Interpretação das narrativas.....	113
<b>6- Conclusões.....</b>	<b>149</b>
<b>7- Referências Bibliográficas.....</b>	<b>159</b>
<b>8- Anexos.....</b>	<b>III</b>
8.1 – Guião da Entrevista.....	III
8.2 – Termo de Consentimento.....	V



## Índice de Quadros

<b>Quadro 1:</b> Caracterização do Grupo de Estudo.....	<b>62</b>
---	-----------

## Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Classificação da amputação do membro inferior e superior, segundo Adams et al. (1985).....	16
---	----

## Resumo

Na sociedade actual, é inequívoca a importância atribuída ao corpo, baseada na imagem de um corpo atractivo e bonito, sem deformações. Parece ser evidente o impacto negativo que este contexto tem na pessoa com amputação, nomeadamente, através de uma percepção negativa de si própria. A este respeito, vários autores defendem que a participação no desporto é uma das formas com maior potencial para melhorar a percepção corporal da pessoa com deficiência, neste caso com amputação, uma vez que se constitui uma actividade em que o corpo interage directamente como meio de participação. Deste modo, foi nosso objectivo compreender a importância da prática de actividade física e desportiva para a pessoa com amputação(ões), focando-nos na sua experiência vivida no desporto através do corpo e pelo corpo. O nosso grupo de estudo é composto por 6 indivíduos com amputação, 4 do género masculino e 2 feminino, com idades compreendidas entre os 16 e os 36 anos, todos eles praticantes de actividade física, incluindo diferentes modalidades e tipos de amputação. Foram realizadas entrevistas de tipo biográfico aos atletas, onde pretendemos dar destaque à narrativa pessoal e singular de cada um, organizando as suas experiências vividas no tempo. Após a exposição dos discursos, realizámos uma abordagem dos temas emergentes das narrativas, onde pudemos concluir, de forma global, que a prática desportiva parece influenciar positivamente e de forma determinante a experiência corporal da pessoa com amputação. As experiências vividas por estes atletas proporcionam a exploração das potencialidades do seu corpo desportivo, permitindo-lhes, não só alcançar vivências de sucesso, como obter reconhecimento social por parte dos “outros”, através das vitórias. O desporto contribui ainda para a superação das questões da diferença social baseada no conceito de normalidade, salientando-se a importância das redes sociais criadas no desporto. No desporto, o corpo alcança grande visibilidade e no caso dos atletas com amputação(ões), o facto de exporem a sua amputação na prática desportiva parece favorecer de forma determinante a percepção positiva do seu corpo próprio e a valorização de si próprios enquanto indivíduos com amputação.

**Palavras-chave:** Amputação; Actividade Física; Corpo.



## Abstract

In present-day society, the importance that is given to the body is clear and based on the image of an attractive and beautiful body without any deformations. The negative impact that this context has on the person with amputation(s) seems to be evident, namely through a negative perception of himself or herself. Accordingly, several authors argue that doing physical activity is one of the best ways to improve the body perception of the person with disability, in this case, the person with amputation(s), because the body interacts directly as a means of participation. In this way, it was our goal to understand the importance of physical and sports exercise to the person with amputation(s), focusing on the experience lived in sports, through the body and by the body. Our study group is formed by six persons with amputation(s), four males and two females, with ages ranged from 16 to 36 years old, with different types of amputation(s). All of them usually practice physical activity, including different sports modalities. Biographical interviews were conducted with the athletes, where we focused on their personal and singular stories, organizing their life experiences. After hearing their different stories, we concluded that, in general, practicing sports seems to influence positively and in a determinant way the physical experience of a person with an amputation. The experiences lived by these athletes give them the opportunity to explore the potentialities of their sportive body, allowing them not only to achieve success, but also to obtain social recognition from “the others”, through their victories. Furthermore, sports helps to overcome social differences, based on the concept of normality, emphasizing the importance of the social relationships obtained by its practice. In sports, the body reaches great visibility and among these athletes, the exposure of their amputation during physical exercise seems to encourage decisively the positive perception of their own body and the valuation of themselves as individuals with amputations.

**Key-words:** Amputation; Physical Activity; Body.



## Résumé

Dans la société actuelle, on ne peut nier l'importance attribuée au corps, fondée sur l'image d'un corps attrayant et beau, sans déformations. Cette idée crée bien évidemment un impact négatif chez toute personne avec une amputation, notamment au niveau de sa perception d'elle-même. À ce sujet, plusieurs auteurs défendent l'opinion que faire du sport est la meilleure manière pour améliorer la perception corporelle d'une personne avec handicapée, ici avec une amputation vu qu'il s'agit d'une activité qui fait interagir directement le corps comme moyen de participation. Ainsi notre objectif a été de comprendre l'importance de la pratique d'une activité physique et sportive pour une personne avec une amputation en insistant sur son expérience vécue dans le sport à travers son corps. Notre groupe d'étude est constitué de six individus avec une amputation, quatre du sexe masculin et deux du sexe féminin, âgés de seize à trente-six ans. Tous pratiquent une activité physique, incluant des modalités et des amputations diverses. Nous avons réalisé des interviews aux athlètes, qui portent sur leur vie, où nous avons mis l'accent sur l'histoire personnelle et particulière de chacun, en organisant leurs expériences vécues au cours du temps. Après l'exposition des discours, nous avons abordé et analysé les sujets émergents des histoires, ce qui nous a permis de conclure que, dans l'ensemble, la pratique sportive semble influencer d'une façon positive et déterminante l'expérience corporelle d'une personne avec une amputation. Les expériences vécues par ces athlètes favorisent l'exploitation du potentiel de leur corps sportif, en leur permettant non seulement d'atteindre le succès mais aussi d'obtenir la reconnaissance sociale de la part des « autres », à travers leurs victoires. Le sport contribue de plus au dépassement des problèmes de différence sociale fondée sur l'idée de normalité, d'où la nécessité de souligner l'importance des réseaux sociaux créés dans le monde sportif. Dans le sport, le corps atteint une grande visibilité et dans le cas des athlètes avec une amputation le fait d'exposer leur amputation dans la pratique sportive semble favoriser, de façon déterminante, la perception positive de leur propre corps et la valorisation d'eux-mêmes en tant qu'individus amputés.

**Mots-clés :** Amputation ; Activité Physique ; Corps.





## **Lista de Abreviaturas**

**APD:** Associação Portuguesa de Deficientes

**ICIDH:** International Classification of impairments, disabilities and handicaps

**IPC:** International Paralympic Committee

**ISOD:** International Sports Organization for the Disable



# *Introdução*

---



## 1. Introdução

Na sociedade actual, é elevada a importância dada à imagem corporal, imagem esta baseada num corpo atractivo, jovem, livre de defeitos físicos e deformações (Taub, Blinde & Greer, 1999). Desta forma, torna-se evidente o impacto negativo que esta importância atribuída ao corpo tem para os indivíduos com deficiência motora, neste caso, com amputação(ões).

Segundo Blinde e McClung (1997), indivíduos com deficiências físicas ou motoras enfrentam, habitualmente, dificuldades em desenvolver uma percepção positiva acerca de si próprios, nomeadamente no que diz respeito às suas competências físicas e sociais. Esta percepção negativa resulta, fundamentalmente, de uma variedade de experiências de socialização negativas, de restritas oportunidades de participação nas mais variadas actividades sociais e culturais, e ainda de uma crença enraizada na sociedade que os identifica como incapacitados, fruto do preconceito, da estigmatização e discriminação social. Na opinião destes autores, uma das formas com maior potencial para melhorar a forma como as pessoas com deficiência se percebem é através da sua participação no desporto.

Neste âmbito, também num estudo anterior nosso (Sousa et al., 2009), acerca do corpo na pessoa com amputação, percebemos que a prática de actividade física parece influenciar de forma determinante a percepção corporal do indivíduo. Nesta medida, é de salientar o facto de que aqueles que praticam actividade física percebem o seu corpo de uma forma mais positiva, aceitando melhor a sua nova condição corpórea, do seu novo ser no mundo, opostamente aos não praticantes.

Aliás, a prática de actividade física tem sido descrita como tendo inúmeras vantagens para os indivíduos com deficiência, neste caso para as pessoas com amputação(ões). Vários são os estudos que revelam que a prática desportiva, para além dos benefícios fisiológicos e físicos que naturalmente produzem, provoca um desenvolvimento positivo do auto-conceito, da autonomia, facilitando a inclusão social e a percepção corporal (Taub et al., 1999; Ploeg et al., 2004). Com efeito, tem sido demonstrado que o

desporto proporciona ao indivíduo com deficiência vivências de sucesso, melhora a percepção das suas próprias capacidades e eleva a sua autoconfiança (Blinde e McClung, 1997).

A actividade física é, por natureza, uma actividade em que o corpo é interlocutor directo enquanto meio de participação, logo a prática desportiva trará alterações no próprio corpo e, naturalmente, neste corpo enquanto objecto de percepção a que se reporta Merleau-Ponty (1996). Este autor desenvolve o conceito de corpo próprio, corpo este sujeito de percepção e rico em experiências através do contexto e da relação que este estabelece com o mundo que o rodeia.

Na filosofia de Merleau-Ponty (1996) emerge um mundo percebido através do corpo e vivido pelo corpo, um corpo que experiencia e constrói o próprio mundo do sujeito. Para o autor, o corpo representa o nosso ponto de vista sobre o mundo, é o espelho do nosso ser. No caso dos indivíduos com amputação(ões), a perda de um membro representa uma alteração corporal evidente, num corpo objecto de percepção e através do qual o indivíduo apreende o mundo (Merleau-Ponty, 1996).

Tal facto leva-nos a questionar acerca das experiências vividas por aqueles que praticam uma actividade física através de um corpo alterado e que se afasta da norma social, nomeadamente, pela pessoa com amputação. Isto, tendo em conta que uma amputação está associada à perda total ou parcial de um ou mais membros corporais (Pedrinelli e Teixeira, 2005) e que se traduz na alteração definitiva no corpo do sujeito e, como consequência, neste corpo enquanto corpo vivido e que experiencia o mundo.

Esta associação clara de conceitos, bem como o interesse que foi despertado em nós após a realização de estudos anteriores (Sousa, 2006 e Sousa et al., 2009) e aos quais pretendemos dar continuidade, captou a nossa atenção e aumentou o interesse pela exploração mais aprofundada da temática da experiência vivida no desporto pela pessoa com amputação. Assim, no sentido de conhecer e compreender estas mesmas experiências, as quais se fundem no campo da fenomenologia da percepção, daremos destaque à narrativa pessoal da pessoa com amputação no estudo desta problemática.

Com efeito, segundo Goodley e Tregaskis (2006), a narrativa é particularmente útil para estudos em pessoas com deficiência, uma vez que oferece uma visão privilegiada sobre as dificuldades e o prejuízo a vários níveis (psicológico, físico e social) que estas pessoas enfrentam diariamente. Este é um fenómeno social que é armazenado, negociado e construído de diversas formas. Aqui, a narrativa, pensada enquanto história contada não só como pessoal, mas também como algo social e culturalmente construído, ocupa lugar de destaque.

Nesta temática, Sparkes e Smith (2003, 2005) marcaram um ponto de viragem, ao explorarem a temática do corpo na pessoa com deficiência. Para estes autores, o corpo como vivido e social nunca é conhecido na verdade como correspondente. No entanto, as narrativas são cruciais porque a experiência do corpo está profundamente incluída na narrativa, estas são projectadas do corpo e inscritas no corpo. Os autores defendem um corpo contador de histórias, sendo através do que este nos conta que podemos interpretar e dar significado ao corpo e à experiência vivida.

Neste sentido, quando nós falamos acerca das nossas experiências, nós não só contamos histórias acerca do nosso corpo, através do corpo, mas também fora deste e acerca dos contextos envolventes, facto que nos levou a optar pela utilização metodológica da narrativa.

Em suma, é nossa intenção, face à constatação da inexistência de estudos dos quais tenhamos conhecimento, tratar algo de novo, bem como fornecer um contributo para a investigação nesta área tão específica, uma vez que consideramos imprescindível compreender melhor esta população para assim podermos criar programas de reabilitação e reinserção social, bem como actividades desportivas adaptadas e capazes de responder às suas necessidades.





## *Objetivos*

---



## **2. Objectivos**

Reportando-nos à problemática exposta, surge a necessidade de definir, de uma forma mais concreta, os objectivos a que nos propomos neste estudo, nomeadamente no âmbito geral, bem como no mais específico.

### **2.1 Objectivo Geral**

Pretendemos compreender a importância da prática de actividade física e desportiva para a pessoa com amputação(ões).

### **2.2. Objectivos Específicos**

Relativamente a este objectivo geral, pretendemos:

- Compreender a experiência vivida no desporto pelo atleta com amputação(ões).
  
- Compreender esta experiência vivida no desporto pelo atleta com amputação(ões) através do corpo e pelo corpo.
  
- Compreender, através destas experiências vividas, como os atletas percebem e vivem o seu corpo desportivo.



# *Enquadramento Teórico*

---



### **3. Enquadramento Teórico**

Partindo da problemática apresentada e dos objectivos estabelecidos, tendo em conta a necessidade de reflectir acerca da experiência da prática desportiva na pessoa com amputação e do papel do corpo neste âmbito, o enquadramento teórico surge, neste trabalho, como forma de desenvolver conceitos e enquadrar o tema em estudo, sobre as mais diversas vertentes. Primeiramente, através da definição de temas mais concretos como a deficiência motora, passando pela prótese, até questões como a prática desportiva, pretendendo culminar numa reflexão sobre as questões do corpo desportivo na pessoa com amputação(ões).

#### **3.1 Deficiência Motora - Amputação**

A Deficiência Motora é definida por Rodrigues (1983) como uma perda de capacidades, que afecta directamente a postura e/ou o movimento, fruto de uma lesão congénita ou adquirida nas estruturas reguladoras e efectoras do movimento no Sistema Nervoso. Neste contexto, Adams et al. (1985) acrescentam que o grau de envolvimento destes indivíduos varia desde pequenos a grandes défices, evidenciando que os indivíduos com Deficiências Motoras apresentam um funcionamento limitado, comparado com os indivíduos sem este tipo de deficiência.

Mais recentemente, a Deficiência Motora ou Física foi definida como “toda e qualquer alteração no corpo humano, resultado de um problema ortopédico, neurológico ou de má formação, levando o indivíduo a uma limitação ou dificuldade no desenvolvimento de alguma tarefa motora” (Costa, 2001, p.54).

No que respeita à classificação dos indivíduos com Deficiência Motora, Rodrigues (1983), devido à grande variedade de situações que este conceito abarca, apresenta três tipos de classificação. Assim, as pessoas com este tipo de deficiência são classificadas face à estrutura lesada, ao facto da lesão ser a nível central ou não central e à forma de aquisição e evolução da própria

deficiência ou *handicap* (desvantagem). As amputações (congénitas ou adquiridas) incluem-se, então, na dimensão motora de origem não cerebral.

Na Deficiência Motora, as lesões de tipo não central ou de origem não cerebral, podem ser classificadas como temporárias, definitivas e evolutivas, constituindo a amputação uma diminuição motora de tipo definitivo.

Tendo em conta que a deficiência representa uma perda ou anormalidade da estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica, neste trabalho, debruçar-nos-emos sobre a Deficiência Motora, mais concretamente ao nível da amputação. Assim sendo, a amputação é uma Deficiência Motora de origem não cerebral, podendo ser definida como a remoção de um membro ou parte dele, resultado de um acidente ou necessária como uma medida de preservar a vida (Adams et. al., 1985).

Segundo Silva (1991), uma amputação pode ser conceptualizada como a ausência definitiva de parte do corpo, resultante de problemas congénitos, quando um membro não existe desde a nascença, ou de problemas adquiridos, envolvendo a remoção de um membro lesionado ou doente.

A amputação pode, ainda, ser designada como adquirida ou congénita sendo que, no primeiro caso, envolve a remoção de um membro doente, danificado irreparavelmente, doloroso ou sem utilidade, enquanto no segundo se refere a um membro que não existe desde a nascença ou ficou deformado no momento do nascimento (Miller, 1995). A amputação pode assim ser compreendida como sendo a perda total ou parcial de um ou mais membros corporais, na qual, à parte do membro residual, resultante de uma amputação, se dá o nome de coto (Pedrinelli e Teixeira, 2005).

Relativamente à sua diversidade etiológica, a amputação de um segmento ou de um membro pode ser resultado de várias causas. Assim sendo, segundo Adams et al. (1985), as causas de uma amputação podem ser divididas em quatro categorias, nomeadamente, congénitas, devido a um tumor, trauma ou doença. Como primeira categoria, as causas congénitas são definidas pelos autores como constituindo a ausência de uma parte ou de todo o membro, ao nascimento. Noutras situações, a amputação total ou parcial pode ser necessária para interromper uma doença maligna (por exemplo, um



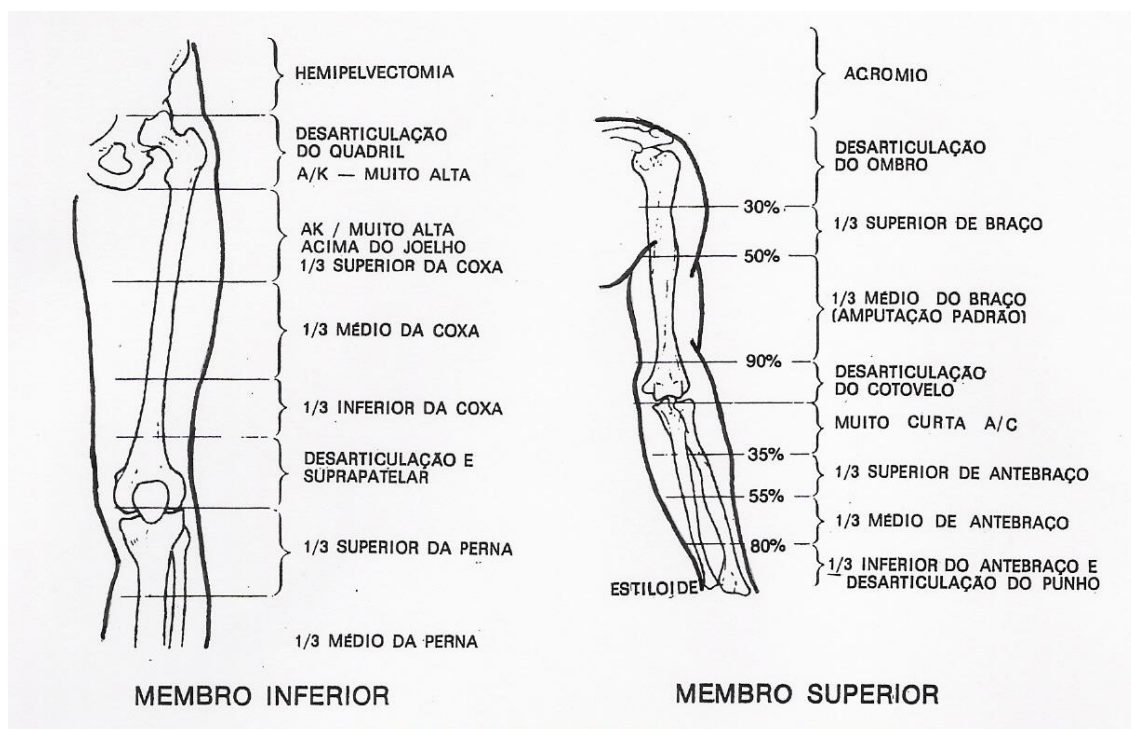
tumor). Frequentemente, a amputação surge também de forma traumática, como resultado de um distúrbio físico repentino que remove um membro, ou poderá causar uma lesão extensa que somente um procedimento cirúrgico pode remover, como é o caso de acidentes com automóveis, máquinas pesadas ou armas de fogo que podem implicar uma amputação por trauma das estruturas. Adicionalmente, doenças como a diabetes e a aterosclerose poderão causar problemas circulatórios de elevada gravidade, requerendo a amputação de um membro. Outros autores referem que as amputações podem ser resultantes de problemas congénitos ou adquiridos, subdividindo-se estas últimas em origem traumática, isquémica e cirúrgica (Palmer e Toms, 1988). Mais recentemente, O'Sullivan e Schmitz (1993) referem que podem ser várias as causas que levam à amputação, porém as mais frequentes são a doença vascular periférica, traumatismo, doença maligna e deficiência congénita. Ainda segundo Pedrinelli e Teixeira (2005), as amputações poderão ter causas como a doença vascular periférica, trauma, tumores malignos ou benignos, infecção aguda ou crónica, deformidades congénitas ou deformação do membro.

Estas causas de amputação variam consoante a idade e nos indivíduos mais novos a principal causa é de origem traumática, normalmente por acidente, verificando-se o processo inverso quando falamos das amputações cirúrgicas (por doença), as quais aumentam com a idade (Oliveira, 2000).

Após uma análise de vários autores, acerca da etiologia da amputação e considerando os pontos comuns entre os mesmos, poderemos designar as causas de uma amputação como adquiridas (traumáticas ou cirúrgicas) e não adquiridas (congénitas). Assim, temos as causas traumáticas como consequência de um acidente e as cirúrgicas como resultado de uma doença, surgindo a amputação de um membro como forma de impedir o seu alastrar pelo corpo. Por seu lado, as congénitas acontecem quando o indivíduo nasce com a ausência de parte(s) de membro(s) ou de membros completos, resultado da deficiente formação do feto nos primeiros meses de gestação.

### 3.1.1 Classificação da Amputação

Paralelamente ao que acontece face às causas de uma amputação, a sua classificação pode também ser designada por níveis de amputação e varia consoante os autores. As amputações podem assim ser definidas de acordo com o nível onde são realizadas, tal como nos mostram Adams et al. (1985), para o membro inferior e superior, na figura 1.



**Figura 1:** Classificação da amputação do membro inferior e superior, segundo Adams et al. (1985).

Tal como referem os autores, os níveis de amputação podem ser o mais diversificados possível, podendo sintetizar-se, no caso do membro superior, os vários níveis em cintura escapular (desarticulação inter-escápulo-torácica ou desarticulação gleno-úmeral-acrómio), amputação do braço (1/3 superior, médio e inferior), desarticulação do cotovelo, amputação do antebraço (1/3 superior, médio e inferior), desarticulação do punho e amputações parciais da mão.

Quanto ao membro inferior, estas podem ser classificadas em cintura pélvica (hemipelvectomia ou desarticulação da anca), amputação da coxa (1/3 superior, médio e inferior), desarticulação do joelho, amputação da perna (1/3 superior, médio e inferior), amputação do tornozelo (*Syme, Boyd e Piragoff*) e amputação do pé (ao nível do tarso – *Chopart* e *Lisfranc*, nos transmetatarsianos ou dedos do pé).

Mais recentemente, Pedrinelli e Teixeira (2005) afirmam que os níveis clássicos de amputação para o membro inferior são: amputações falângicas / metatarsianas, Lisfranc / Chopart / Syme no pé; amputações transtibiais; desarticulação do joelho; amputações transfemorais; desarticulação do quadril e hemipelvectomias. No membro superior são: falângicas e transcárpicas na mão; desarticulações do punho, amputações do terço proximal do antebraço, desarticulações do cotovelo, amputações na área supracondiliana proximal, amputações do colo cirúrgico do úmero e desarticulações do ombro.

Neste contexto, cada autor utiliza uma nomenclatura muito própria, no entanto, consideramos a deste último como muito prática, tendo por objectivo elucidar e situar as possíveis zonas de incidência da amputação.

Adicionalmente e tendo em conta o âmbito deste trabalho, uma vez que os participantes do nosso grupo de estudo são praticantes de actividade física, importa realçar que estes atletas para participarem em provas são sujeitos a um processo de classificação desportiva. Neste sentido, é crucial esclarecer que neste processo os atletas são divididos por classes de acordo com o nível de amputação e o número de membros amputados, não sendo tida em conta a etiologia, incluindo quer atletas com amputação congénita, quer aqueles cujas lesões foram adquiridas (Howe e Jones, 2006).

Actualmente, o sistema de classificação desportiva para atletas com deficiência, onde se incluem aqueles com amputação, é da responsabilidade do International Paralympic Committee (IPC, 2009). Segundo a ISOD – International Organizations of Sport for the Disabled (2009), este processo de classificação é simplesmente um acto estruturador da competição, no qual os atletas com deficiência são agrupados em classes definidas através do grau de funcionalidade que a deficiência lhes possibilita. Neste sentido, os atletas

pertencem, tradicionalmente, a seis diferentes grupos de deficiência no movimento paralímpico actual: indivíduos com amputação, com paralisia cerebral, com deficiência visual, com lesões provocadas pela spina bífida, com deficiência mental e ainda um grupo onde se incluem todos aqueles que não se enquadram em nenhuma destas, designado *Les autres*. Aliás, este processo de classificação, tal como referem Howe e Jones (2006), visa legitimar a prática desportiva de elite para pessoas com deficiência, promovendo uma prática justa e equitativa. Para os autores, classificar tem por objectivo básico assegurar que ganhar ou perder depende do talento, do treino, das capacidades de cada um e da sua própria motivação para a prática desportiva.

Esta classificação é realizada por classes que são determinadas por uma variedade de processos que podem incluir uma avaliação física, técnica, bem como uma observação dentro e fora do contexto desportivo. Importa, no entanto, salientar que esta classificação é específica para cada uma das modalidades desportivas, respeitando as próprias regras da modalidade.<sup>1</sup>

Até ao momento temos debruçado a nossa atenção sobre as questões relativas à pessoa com amputação, nomeadamente naquilo que a define e caracteriza sob o ponto de vista conceptual, passando pela sua definição, pelas causas e etiologia da amputação, bem como a forma como as amputações são classificadas. No entanto, quando nos reportamos à pessoa com amputação temos que, forçosamente, focar as questões relativas à prótese, enquanto elemento que se associa, intimamente, ao sujeito e que surge como meio para, em certa medida, colmatar a perda do(s) membro(s).

---

<sup>1</sup> Tendo em conta os objectivos do nosso trabalho, não caberá aqui a descrição de todas as classificações. Os elementos do grupo de estudo são praticantes de modalidades diversas, por isso, essa descrição tornar-se-ia extensa e pouco relevante para os nossos propósitos. Neste sentido, sugerimos, para aprofundar o tema, a consulta do trabalho de Howe e Jones (2006), bem como a consulta do site da IPC em [[www.paralympic.org](http://www.paralympic.org)].

### 3.2 A Prótese

A prótese constitui um elemento essencial na vida da pessoa com amputação pelas funções que desempenha a vários níveis, nomeadamente pela preponderância que tem nos aspectos relacionados com a vida pessoal e social do indivíduo, que não poderiam deixar de ser aqui explorados. A prótese pode ser designada como todo e qualquer sistema composto de peças que substitui uma parte do corpo, constituindo-se como substituto artificial do membro natural suprimido (Sautreuil, 1996). Por outras palavras, a prótese pretende substituir um segmento corporal (ou membro) por uma estrutura artificial de uso equivalente, sendo o objectivo principal manter ou substituir a função perdida (Adams et al., 1985). No entanto, o tipo de prótese depende das necessidades e do estilo de vida do paciente, devendo corresponder ao nível de amputação, à capacidade funcional e à praticidade (Palmer e Toms, 1988; Miller, 1995). Assim, existe um conjunto de factores que deve ser considerado, nomeadamente: se a pessoa será capaz de colocar a prótese de forma independente, se será capaz de andar com independência ou se necessitará de alguma modificação específica em relação a aspectos de trabalho ou passatempos. Aliás, frequentemente, é mesmo necessária a utilização de dois tipos diferentes de próteses no sentido de suprimir todas as suas necessidades. Por conseguinte, são duas as principais categorias de próteses, designadamente, as temporárias e as permanentes. A primeira é uma prótese funcional, construída para ser utilizada por um tempo limitado em auxílio à maturação do coto e na melhoria das condições físicas, possibilitando o treino de transferência e ajudando na avaliação para uma prótese permanente. Quanto à prótese permanente ou definitiva, constitui-se como uma substituição do membro, proporcionando a adaptação a todas as funções necessárias na vida do indivíduo (Palmer e Toms, 1988).

Dentro destas duas categorias principais, encontramos vários tipos de próteses, como aquelas enunciadas por Quigley (1992), nomeadamente: a pós-operatória (aplicada nas 24 horas após a operação); a inicial (utilizada após a remoção dos pontos da operação e moldada directamente no segmento

residual com gesso ou ligaduras); a provisória (colocada para facilitar a transição para um aparelho definitivo, pois acelera o processo de reabilitação e maturação do coto); a definitiva (empregue só quando o membro residual está completamente estabilizado, por forma a assegurar que a adequação da nova prótese será a melhor possível) e aquela construída com fins específicos, de que são exemplo as próteses desportivas.

Encontramos ainda uma outra classificação sugerida por Sautreuil (1996), que divide as próteses em três tipos: a estética (utilizada diariamente nas relações pessoais e sociais), a de serviço (dirigida para a vida laboral e para a realização de trabalhos de força) e a mioelétrica (capaz de realizar movimentos de motricidade fina). Assim, podemos dizer que se verifica uma grande diversidade de classificações quando revemos a opinião de diversos autores.

No que concerne às próteses propriamente ditas, é de realçar que, tal como a sociedade, também estas têm evoluído e longe vai o tempo em que eram feitas de materiais pesados, desconfortáveis (por exemplo, a madeira), causando diversas alterações secundárias, entre elas, alterações vasculares e ferimentos. Na realidade, as próteses existem, provavelmente, desde sempre, havendo registos desde tempos remotos (Wilson, 1992; Marks e Michael, 2005). Contudo, as primeiras próteses apresentavam-se muito inestéticas e pesadas, como resultado do fraco desenvolvimento da área tecnológica na época e do desinteresse manifestado perante a população com amputação(ões) existente. No entanto, com o passar dos séculos, surgiu a necessidade de desenvolver as próteses. Neste sentido, Esquenazi (2004) assinala que as próteses, nos últimos anos, evoluíram de forma extraordinária devido à evolução nos seus componentes, nos modos de fabrico de materiais (mais leves, flexíveis e funcionais como carbono e silicone), técnicas de ajustamento, sistemas de suspensão e nos recursos electrónicos de controlo utilizados. Também Quigley (1992) e Marks e Michael (2005) corroboram desta opinião ao referir que, particularmente nos últimos anos, temos vindo a assistir a performances elevadas de indivíduos com amputação(ões) nas diversas práticas desportivas. Este desenvolvimento tende a acompanhar o surgimento

das novas tecnologias e visa, essencialmente, ser capaz de suprimir as necessidades diárias do indivíduo indo, concomitantemente, de encontro a um aperfeiçoamento ao nível estético, tornando-as o mais natural e “invisíveis” possível.

As próteses actuais são construídas praticamente sob medida para cada pessoa, sendo utilizados materiais leves e resistentes, como titânio, fibra de carbono e silicone, que conferem ao utilizador um maior bem-estar e maiores níveis de actividade da vida diária (Gutfleisch, 2003). Assim, estas começam a tornar-se cada vez mais precisas, tendo sempre em vista a funcionalidade e a adaptação necessárias ao quotidiano da pessoa com amputação(ões) (Bruandet, 1996). De facto, actualmente, indivíduos com nível de amputação elevado já conseguem dispor de próteses funcionais que lhes permitem atingir um estilo de vida totalmente independente (Esquenazi, 2004).

Esta evolução das próteses torna-se bem patente quando observamos atletas com amputação(ões) a obter excelentes performances em competições desportivas, graças à utilização das novas tecnologias. A este nível, podemos observar o excelente exemplo de Oscar Pistorius, atleta sul-africano que nasceu com uma deficiência e teve de amputar as pernas abaixo do joelho quando tinha apenas 11 meses. Oscar Pistorius reclamou recentemente a sua participação nos Jogos Olímpicos com uma prótese nas duas pernas e, após uma luta travada pelo atleta nos tribunais, o Tribunal Arbitral de Desporto pronunciou-se a favor e este chegou mesmo a tentar os mínimos para a sua participação nos Jogos Olímpicos utilizando duas próteses.

Contudo, é importante ter em conta que esta evolução tem beneficiado de forma mais evidente as pessoas com amputação(ões) do membro inferior, isto porque a mão humana é caracterizada por uma complexa estrutura anatómica e fisiológica que não pode ser substituída ou emulada pelas tecnologias correntes prostéticas. Com efeito, este tipo de prótese tem, ainda, um significado muito mais estético do que funcional, estando este primeiro aspecto muito desenvolvido, permitindo a construção de próteses por modelação da imagem da outra mão (Esquenazi, 2004; Sousa et al., 2009).

Para além dos aspectos mais técnicos e da definição de prótese, importa salientar que esta surge na vida das pessoas com amputação, essencialmente, no sentido de minimizar as dificuldades funcionais do membro amputado, contemplando, em simultâneo, uma função estética e social de extrema importância na sociedade actual.

Para Horgan e MacLachlan (2004), a prótese apresenta-se como um mediador no ajustamento psicológico e social, ao ser capaz de “colmatar” e “diminuir” a limitação física que uma amputação causa, sendo vista como uma excelente ferramenta de mediação entre a incapacidade e o bem-estar do sujeito. Com efeito, a ocorrência de uma amputação comporta consigo um grande impacto na vida social do indivíduo. Assim, a perda de movimentos de coordenação e de sensação perceptiva num membro, bem como a alteração na aparência estética, podem ser compensadas através da colocação de uma prótese, adquirindo uma grande importância para o cidadão com amputação (Teixeira, 1998). Apesar do que foi referido, pensamos que a prótese, provavelmente, mais do que encobrir, tem para a pessoa com amputação um valor funcional indiscutível. Mesmo quando os resultados apontam para a sua função estética, como foi o caso do nosso estudo (Sousa et al., 2009), em algumas mulheres com amputação do membro superior, a verdade é que esta função estética se pode compreender numa perspectiva utilitária, se considerarmos que a sociedade em geral ainda não está preparada para lidar com a diferença. Para a maior parte dos sujeitos deste grupo de estudo, a prótese revelou-se fundamental na recuperação da funcionalidade perdida com o membro e na independência clara que lhe está associada.

De facto, para além de ajudar a diminuir as dificuldades funcionais do indivíduo, uma prótese também funciona como uma excelente forma de corresponder ao conceito hegemónico de “normalidade”, ao ajustar uma imagem corporal alterada àquela valorizada e promovida socialmente, ou pelo menos aproximá-la (Horgan e MacLachlan, 2004). Podemos, pois, entrever algumas funções para a compreensão da importância da prótese para a pessoa com amputação. Num estudo anterior (Sousa et al., 2009), foi-nos possível descortinar, essencialmente, três tipos de funções: funcionais,



estéticas e sociais. No entanto, quando questionámos os indivíduos do grupo de estudo acerca de qual destes factores era para si mais relevante, as respostas foram unânimes ao apontar um valor funcional indiscutível à prótese, chegando mesmo a ter sido referida como vital por alguns dos inquiridos. Excepção é feita no caso de alguns entrevistados cuja utilização da prótese não lhes permitiu recuperar a função perdida com a perda do membro; para estes, a prótese é referenciada com um maior valor em termos sociais e estéticos.

Tendo em conta o exposto não poderemos nunca dissociar a pessoa com amputação da sua prótese, nem esquecer as vivências que o uso desta ajuda externa provocam ao indivíduo, pelo que se justifica, plenamente, o desenvolvimento dado a este tema no nosso estudo. Da mesma forma, importa-nos neste estudo explorar os vários temas que têm sido abordados no âmbito da pessoa com amputação(ões) para melhor compreender o contexto em que estas se inserem, focando-nos, preferencialmente, na prática de actividade física.

### **3.3 Actividade Física e Amputação**

Quando efectuamos uma pesquisa acerca de estudos realizados em indivíduos com amputação na tentativa de aprofundar conhecimentos sobre esta temática, torna-se deveras evidente a escassez de estudos realizados. Esta carência é ainda mais reveladora quando tentamos afunilar os temas desenvolvidos e centrar-nos no tema específico do nosso estudo. Deste modo, pareceu-nos fundamental expor o estado da arte a nível nacional e internacional com o objectivo de fundamentar a importância da necessidade de investigação neste âmbito e da relevância deste estudo.

Após uma pesquisa realizada através da análise de artigos, livros e bases de dados, podemos referir que os poucos estudos que encontramos abordam essencialmente aspectos que vão desde os benefícios da prática de actividade física para a pessoa com amputação (Teixeira, 1995; Seabra, 1996; Nogueira, 2002; Stam et al., 2004; Sousa et al., 2009), passando por aspectos relacionados com as próteses, a sua funcionalidade e aspectos biomecânicos (Meimoun, 2000; Hafren et al., 2002; Genin et al., 2005; Nogueira, 2005).

Assim, ao longo do tempo foram surgindo estudos que relacionam a actividade física e a pessoa com deficiência, explanando as vantagens do desporto para estas pessoas, nomeadamente a nível psicológico, físico e social, pelo que pretendemos aqui salientar as ideias mais importantes que foram surgindo associadas a esta prática.

No que diz respeito à prática desportiva por parte de pessoas com deficiência, em geral, Marques (1991) assinala o facto do desporto adaptado permitir diminuir problemas de mobilidade, aumentar o auto-conceito, facilitar a interacção social e a independência. Esta opinião é corroborada por Ferreira (1993), que acrescenta ainda o valor do desporto para pessoas com deficiência ao nível do desenvolvimento da autonomia motora, constituindo uma situação de sucesso perante si próprio e perante os outros, desenvolvendo o desejo natural de explorar as suas potencialidades e limitações, favorecendo a imagem corporal e contribuindo para a aceitação do corpo, bem como para a

consequente relação corporal e afectiva que este estabelece com os outros e que, no nosso trabalho, se mostra indispensável ter também em conta.

O desporto parece favorecer ainda a integração do sujeito no seio de um grupo, permitindo-lhe conhecer-se e reconhecer-se como indivíduo, desenvolver a capacidade de trabalho em grupo e a responsabilidade social, proporcionando-lhe vivências de sucesso. Parece tornar os indivíduos mais independentes, optimizando o convívio e a interacção em grupos sociais com interesses e problemas semelhantes, na tentativa de reverter tendências para o isolamento, bem como aumentar a percepção corporal e o gosto pelo seu corpo (Souza, 1994), que no caso da pessoa com amputação(ões) se revelam cruciais. Na realidade, como refere Bento (1995), a respeito desta relação entre o corpo e a prática de actividade física, o desporto constitui-se como espaço onde o corpo é interlocutor directo, onde este “ganha voz e fala”. Pode então dizer-se que, através do desporto, o corpo alcança visibilidade, observando-se a presença do corpo para cada um e do corpo para si mesmo. Com efeito, os benefícios da prática de actividade física são vastos para o indivíduo com deficiência e manifestam-se não só a nível físico e psicológico, mas também social.

Também Blinde e McClung (1997) estudaram o impacto da participação no desporto de pessoas com deficiência motora e verificaram alterações positivas nos seguintes aspectos físicos: o desporto possibilitou aos indivíduos com deficiência experienciar o seu corpo em diferentes formas; alterou a percepção do seu corpo próprio fazendo-os sentir mais capazes, mais fortes e melhorar a função do membro; criou uma visão mais positiva da sua identidade física ao terem sido capazes de fazer coisas que pensavam não ser capazes de fazer antes da sua experiência no desporto. Mas também a nível social foram identificadas melhorias na percepção social de si próprios, através das interacções com os outros e das experiências sociais que estas lhes proporcionaram, bem como favorecendo a iniciativa própria à participação em actividades sociais noutros contextos.

A participação no desporto promove ainda a realização pessoal, permite atingir objectivos, aperfeiçoar-se, encorajando o desenvolvimento da eficácia, a

cooperação e competição (Taub e Blinde, 1999). Para os autores, o desporto para os indivíduos com deficiências físicas e sensoriais permite-lhes sentir-se competentes como actores sociais activos, melhora a independência e autonomia, facilita o alcançar de objectivos e favorece a integração social.

Para além do desporto promover a oportunidade de as pessoas com deficiência se conhecerem melhor e se perceberem de forma mais positiva e competente como foi descrito nos estudos anteriores, segundo Gustafson et al. (2004), a prática desportiva permite também que os “outros” vejam a deficiência sob uma perspectiva mais positiva e humana. Apesar de os relatos daqueles com deficiência evidenciarem o sentimento de que são vistos pelos outros como “coitadinhos” e “incapacitados”, estes sentem que através da prática desportiva são capazes de mostrar aos “outros” as suas capacidades e sentem-se mais valorizados socialmente.

Adicionalmente, autores como Ploeg et al., (2004) e Giacobbi e Stancil (2008) salientam que as pessoas com deficiência percebem da actividade física benefícios psicológicos, sociais e de saúde. As experiências por estas vivenciadas no desporto permitem-lhes elevar a auto-eficácia, a auto-estima, a autonomia e as crenças acerca de si mesmas, de tal modo que aumentam a sua motivação para continuar a praticar, favorecendo, conseqüentemente, a sua inclusão social. Segundo Giacobbi e Stancil (2008), as pessoas com deficiência que se mostram activas na prática de uma actividade física revelam: melhor estado físico; menores probabilidades de sofrerem doenças cardiovasculares; menos stress; menor tendência para desordens emocionais, depressão e ansiedade; ganhos substanciais em termos de força e de funcionalidade; um impacto positivo na percepção de si e do seu próprio corpo; melhoria na integração e a satisfação nas relações sociais, tornando-as mais capazes de enfrentar estereótipos negativos; aumento na auto-eficácia sentida no desempenho do seu trabalho. Todos estes aspectos, cruzando as várias áreas de intervenção da vida do indivíduo, revelam-se cruciais na pessoa com deficiência, proporcionando-lhe uma conseqüente melhoria na qualidade de vida.

Numa perspectiva mais sociológica, no nosso trabalho (Sousa et al., 2009) acerca do corpo na pessoa com amputação, percebemos que a prática de actividade física parece influenciar de forma determinante a sua percepção corporal. Nesta medida, salienta-se o facto daqueles que praticam actividade física perceberem o seu corpo de uma forma mais positiva, aceitando melhor a sua nova condição corpórea, do seu novo ser no mundo, opostamente aos não praticantes.

Após esta exposição de estudos, verificamos que existem vários trabalhos que identificam os benefícios físicos da participação no desporto por pessoas com deficiência, no entanto, quando nos centramos na experiência vivida por estes indivíduos no desporto, experiência vivida através de um corpo alterado que é interlocutor directo na actividade desportiva, verificamos o estado ainda embrionário de investigação acerca do tema, pelo que nos suscitou o interesse em explorar estas questões.

Tendo em conta esta necessidade de exploração das experiências vividas pelos atletas com amputação no desporto, pretendemos dar seguimento a este estudo, explorando as questões do corpo vivido e das experiências vividas através deste corpo no desporto e no tempo, guiando o nosso pensamento através de uma perspectiva fenomenológica.

### **3.4 Experiência vivida, corpo vivido e tempo – perspectiva fenomenológica**

#### **3.4.1 A fenomenologia – perspectiva filosófica e histórica**

Neste capítulo, iremos desenvolver o tema do corpo vivido e da experiência vivida através de uma perspectiva fenomenológica. Assim, parece ser importante, antes de mais, reportarmo-nos ao conceito de fenomenologia, compreendida sob o ponto de vista filosófico/histórico, bem como na sua vertente metodológica. A partir deste desenvolvimento pretendemos focar a nossa atenção sobre os temas do corpo vivido e da experiência vivida propriamente dita, sem esquecer a importância da compreensão da questão do tempo nestas temáticas.

A palavra fenomenologia deriva da palavra grega “*fenomenon*” que significa mostrar-se a si próprio, dar-se a conhecer, ou manifestar algo que possa tornar-se visível em si próprio (Ray, 1994). Este movimento do pensamento que se conhece como fenomenologia está ligado de forma indiscutível ao seu fundador e principal representante, Edmund Husserl.

A fenomenologia salienta-se assumindo uma posição autónoma no interior das concepções filosóficas positivistas que teve lugar no seio da cultura alemã nas últimas duas décadas do século passado. Neste sentido, ela consiste, para Husserl<sup>2</sup> fundamentalmente, no retorno às coisas mesmas, em busca de coisas que sejam tão evidentes e manifestas que não seja possível negá-las. Com efeito, esta não é uma ciência de feitos mas sim de essências; para o fenomenólogo não importa estudar um fenómeno em si mesmo, mas sim compreender porque o é desta forma e não de outra. Por exemplo, não lhe importa estudar uma determinada norma ou conduta moral, mas sim compreender porque esta é moral. Assim, as essências convertem-se em objecto de estudo quando o investigador, colocando-se no lugar de espectador desinteressado, se liberta das opiniões preconcebidas sem se deixar arrastar pela banalidade do óbvio e é capaz de ver e intuir (Reale e Antiseri, 1995).

---

<sup>2</sup> A referência original é: Husserl, E. (1909). A ideia da fenomenologia. Lisboa. Edições 70, mas a edição utilizada foi a de 2000.

Para Husserl, a fenomenologia tem o intuito de descrever e clarificar a estrutura essencial da consciência do mundo vivido e experienciado, em busca da essência de algo sem preconcepções ou preconceitos já formados, no fundo, para capturar a essência da consciência (Ray, 1994). Husserl acreditava que as pessoas eram responsáveis por elas próprias e pela sua cultura, o que nos leva a outro importante conceito que se pode encontrar no seu trabalho, o de um mundo de experiências vividas, vasto e rico, mas de difícil acesso, o qual só nos poderá ser permitido através da fenomenologia (Cohen e Omery, 1994). Husserl também se debruça sobre a consciência intencional, que está no mundo e é sempre consciência de algo, algo que pode ser estudado e revelado através das experiências vividas (idem).

A concepção daquela que é considerada a figura central do pensamento fenomenológico, baseia-se naquilo que o filósofo designou por redução fenomenológica ou “*epoche*”. “*Epoche*”, um termo Grego utilizado para designar a suspensão das crenças (Cohen e Omery, 1994). Como referem Reale e Antiseri (1995), a redução fenomenológica ou eidética está relacionada com a necessidade de suspender as crenças e os juízos sobre tudo o que dizem as doutrinas filosóficas e das ciências que carecem de conclusões, bem como sobre as crenças naturais de cada um. O objectivo desta redução é, fundamentalmente, o desocultar do mundo, de um mundo que está perante nós e nos coloca problemas, que nos importa perceber e atribuir significado. Neste processo, só a consciência resiste pois a sua existência é absolutamente evidente, é o único resíduo fenomenológico capaz de resistir, o *cógitio*. Como nos dizem os autores, a redução fenomenológica/eidética é a intuição das essências, quando na descrição de um fenómeno que aparece perante a consciência sabemos prescindir dos aspectos empíricos e das preocupações que nos ligam a eles.

Enquanto ciência de fenómenos, a sua finalidade reside em descobrir o modo através do qual os fenómenos se apresentam à consciência pois é, no seu fundamento, uma ciência de experiência e do mundo. Para este filósofo, a consciência do sujeito é sempre consciência de algo e a capacidade de realizar actos de consciência é o que o distingue dos objectos.

Adicionalmente, a fenomenologia aspira a ser precisamente uma ciência com um fundamento estável, dedicada à análise e descrição da essência das coisas, centrando-se em ideias universais (Reale e Antiseri, 1995). Segundo os autores, na fenomenologia colocam-se questões acerca do que é que a consciência transcendental entende, por exemplo, por amor, religiosidade, justiça, comunidade, etc. A consciência transcendental diz respeito àquela realidade única da existência que constitui o significado das coisas, das acções, das intuições e o sentido do mundo, tendo ainda presente que transcendental se refere a tudo aquilo que está na nossa consciência e que é independente da sensibilidade mas fundamental na constituição da experiência, algo que confere significado através da compreensão do eu (Ray, 1994).

Até ao momento, apenas mencionámos Husserl, mas o movimento fenomenológico transformou-se numa vasta e estruturada corrente de pensamento em que se salientaram também nomes como os de Nicolai Hartmann (corrente ontológica e ética), o pensamento de Heidegger, as análises de Sartre, de Merleau-Ponty, entre outros, pelo que desenvolveremos ainda as ideias de alguns destes. Apesar de cada um ter percorrido caminhos distintos, todos parecem estar de acordo em considerar que o nascimento do movimento fenomenológico se revelou decisivo para a filosofia contemporânea.

Neste contexto, a fenomenologia foi reinterpretada radicalmente como hermenêutica e interpretativa por Martin Heidegger, representante da filosofia existencialista e que se centrou sobre o estudo do ser. Com efeito, para Heidegger, o homem não pode ser reduzido a puro objecto, a simplesmente algo que está presente, pois o modo de ser do homem é através da existência. A existência é poder ser, é projectar-se, é transcendência, um ir mais além, no qual as coisas do mundo são, originalmente, utensílios ao dispor do projecto humano (Conroy, 2003).

Heidegger procurou articular os pontos de vista sobre a sensação do ser, do mundo e do nosso lugar nele (Conroy, 2003). O ser traduz-se como ser humano e está associado, fundamentalmente, à inteligibilidade, como sentimos o mundo, o nosso lugar nele e qual a nossa percepção desse lugar. Existimos



num mundo em que há uma interdependência entre nós próprios e outros objectos que, lentamente, vão sendo percebidos conforme aumenta a necessidade.

Conroy (2003), de uma forma simples, explicita esta ideia, referindo que nós utilizamos todos os dias as nossas capacidades e ferramentas do dia-a-dia sem representação mental. Nós operamos numa rede de relações com as ferramentas, com as pessoas. Os nossos exercícios diários são aspectos de inter-relação com o mundo. Nós podemos interagir com pessoas e coisas de forma transparente (inconsciente), ou seja, interagimos com eles na nossa experiência sem pensar no que estamos a fazer até recebermos um estímulo que não é habitual, aí apercebemo-nos disso e alteramos a determinada altura os nossos níveis de percepção e forma de interagir para encaixar no contexto e fazer as coisas funcionar.

Para Heidegger (2005), ao contrário de Husserl, o mundo não deve ser visto como uma realidade a contemplar, mas sim como um conjunto de instrumentos ao alcance da mão do homem. Na sua perspectiva, a justificação encontra-se na ideia de que a existência é poder ser, é transcendência no mundo e o homem está implicado neste mundo e nas suas vicissitudes, tendo papel de actor e não de espectador como defendia o iniciador desta corrente. Para Heidegger, ao transformar o mundo, o homem está a formar-se e a transformar-se a si próprio (Reale e Antiseri, 1995).

Também Cohen e Omery (1994) se referem às diferenças entre estes dois filósofos referindo que a fenomenologia de Heidegger se afasta de Husserl ao centrar-se nos aspectos ontológicos (da natureza e da relação com o ser), ao contrário do segundo que colocou o seu foco de atenção nas questões epistemológicas (da natureza e dos fundamentos do conhecimento). Para Heidegger, a sua fenomenologia ontológica deseja que a verdade seja encontrada num mundo interpretado pela hermenêutica.

Adicionalmente, e ainda numa perspectiva de desenvolvimento da fenomenologia na sua vertente histórica, parece-nos crucial falar de Jean-Paul Sartre, atento e perspicaz filósofo e escritor da sua época que iniciou a sua actividade como pensador com diversas análises de psicologia fenomenológica

centradas no “eu”, na imaginação e nas emoções. Este filósofo retira de Husserl a noção de intencionalidade da consciência, mas salienta que o “eu” não é um habitante da consciência, mas sim um ser no mundo. Segundo Husserl, o ser leva consigo a imagem das coisas; Sartre contraria dando o exemplo de que uma mesa não está na consciência, nem sequer a título de representação, a mesa está num espaço específico. Para este último, a filosofia tem de expulsar as coisas da consciência e restabelecer a sua autêntica relação com o mundo, pois a consciência é consciência posicional do mundo (Reale e Antiseri, 1995).

Sartre analisa ainda com magistral habilidade as questões do outro, referindo que “o outro não é aquele que resulta visto por mim, mas é sim aquele que me vê, aquele que me faz presente” (Reale e Antiseri, 1995, p.541), para além de todas as dúvidas. Esta ideia é, aliás, fundamental no âmbito do nosso estudo, na medida em que o conceito de normalidade está, essencialmente, radicado no outro.

Naturalmente que quando abordamos o pensamento fenomenológico, os seus fundamentos e desenvolvimento, é inevitável mencionar Maurice Merleau-Ponty. Filósofo alçures entre o existencialismo e a fenomenologia que centra os seus escritos na relação entre a consciência e o corpo, tal como entre o homem e o mundo, aproximando-se de forma evidente do nosso objecto em estudo neste trabalho, as questões do corpo, nomeadamente do corpo no desporto.

Segundo Reale e Antiseri (1995), para Merleau-Ponty a existência é o estar no mundo e o ser nesse mundo de forma activa. No entanto, defende um estar no mundo anterior à distinção entre corpo e alma, pois esta trata-se de uma oposição funcional que não se pode tornar substancial. Com efeito, para este autor, a união entre alma e corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objecto e um sujeito, ele realiza-se a cada instante no movimento da existência (Merleau-Ponty, 1996).

Merleau-Ponty, para representar as relações entre corpo e alma, não aceita um modelo materialista, nem espiritualista, pois não se pode comparar o corpo com um instrumento, pois este não pode existir e ser pensado fora do

seu funcionamento integral. Na sua obra *Fenomenologia da Percepção* (1996), o autor afirma que o homem está no mundo e conhece-se no mundo enquanto presença activa perante o mundo e os outros que o rodeiam. Assim sendo, Merleau-Ponty discorda de Husserl quando este atribuía à fenomenologia o carácter de uma psicologia descritiva ou de retorno às coisas mesmas, referindo-se a esta ideia como uma desaprovação da ciência. Merleau-Ponty (1996) defende que tudo aquilo que sabemos do mundo, mesmo por ciência, sabemos a partir de uma visão nossa ou de uma experiência do mundo, sem a qual, apenas os símbolos da ciência não poderiam dizer nada, pois o universo científico é construído sobre um mundo vivido. O corpo converte-se, por conseguinte, numa noção central, dado que o meu corpo representa o meu ponto de vista sobre o mundo, pois a percepção é, fundamentalmente, a inserção do corpo no mundo.

Deste modo, chegamos até ao conceito de corpo próprio, um corpo que está no mundo como o coração no organismo, mantém continuamente o homem na vida e no espectáculo do mundo, anima-o e alimenta-o interiormente (Merleau-Ponty, 1996). Este corpo próprio é sujeito de percepção no mundo, repleto de experiências e vivências através do contexto em que se insere e dos outros com quem se relaciona.

Este tema do corpo será explorado de forma mais aprofundada num dos capítulos mais adiante. Até ao momento, neste capítulo, desenvolvemos o tema da fenomenologia sob uma perspectiva filosófica/histórica com o intuito de clarificar conceitos e compreender o enquadramento da corrente fenomenológica no mundo. Contudo, num estudo como este, de carácter exploratório, torna-se também imprescindível aprofundar o tema da fenomenologia na sua vertente de aplicação metodológica, pelo que, em seguida, nos debruçaremos sobre esta temática.

### 3.4.2 - A fenomenologia – perspectiva metodológica

Importa-nos, igualmente, explorar o tema da fenomenologia na sua abordagem metodológica, nomeadamente, para reflectir nos seus fundamentos e aplicações. Com efeito, a fenomenologia tem sido aplicada de variadas formas para guiar as investigações desenvolvidas nesta área. No entanto, três dessas formas de pesquisa têm sido, extensivamente, utilizadas na investigação na área das ciências sociais, com o objectivo comum de chegar ao conhecimento fundamental dos fenómenos. Uma destas formas persegue a estrutura eidética guiada por Husserl, outra centra-se na interpretação do fenómeno para lhe atribuir significado, de acordo com Heidegger, e a última quando se faz uma combinação das duas formas anteriores (Cohen e Omery, 1994). Neste sentido, parece-nos relevante desenvolver estas duas perspectivas fenomenológicas para melhor compreender os seus fundamentos e os aspectos em que se aproximam e se afastam sob o ponto de vista metodológico. Podemos, pois, identificar dois tipos de pesquisa: uma eidética ou descritiva e uma hermenêutica ou interpretativa, que representam distintas escolas de pensamento (a primeira com Husserl e a segunda com Heidegger), (Ray, 1994).

Segundo Cohen e Omery (1994), o trabalho de Husserl foi redireccionado para a fenomenologia depois de o seu filho ter morrido na II Guerra Mundial. Ele acreditava que a ciência precisava de uma filosofia que pudesse chegar a conceitos mais profundos da vida humana. É neste sentido que surge o conceito de redução fenomenológica, termo utilizado pelo filósofo para designar a “*epoche*” (termo já explicitado no capítulo anterior). Assim, a redução fenomenológica surge como um novo método de suspensão das crenças, preparando os investigadores para uma análise crítica do que, indubitavelmente, é dado como adquirido, com o objectivo de sermos levados até à origem dos fenómenos que se encontram perdidos nos nossos pensamentos de todos os dias, na nossa consciência.

A fenomenologia eidética ou descritiva, como método de pesquisa, baseia-se nesta concepção filosófica de Husserl e na ideia de que existem

estruturas essenciais para qualquer experiência humana. Esta experiência única é feita de distintas estruturas que quando são apreendidas na consciência tomam um sentido, o sentido que é a verdade dessa experiência para os participantes (Cohen e Omery, 1994). Assim, o objectivo é descrever o sentido de uma experiência pelo significado que essa experiência perspectivou em quem a viveu.

Nesta perspectiva, os investigadores colocam entre parêntesis as suas pressuposições, reflectem nas experiências que foram descritas e descrevem as estruturas essenciais daquilo que está em estudo. Aqui, a descrição eidética não é apenas uma perspectiva individual subjectiva da experiência ou uma mera opinião de sentido. Esta descrição eidética do significado só pode ser alcançada através daquilo que se designa por “redução eidética” e que simboliza o processo de colocar de lado o mundo natural para poder olhar o fenómeno na sua essência, separar os aspectos da interpretação, dos preconceitos enraizados na sociedade, olhando a natureza do fenómeno (Conroy, 2003).

Por outro lado, na perspectiva de Heidegger, sob o ponto de vista metodológico, o fundamento da fenomenologia não está no ser, mas sim no sentido do ser. Este filósofo busca incessantemente o sentido do ser, ligando-se, naturalmente, à ontologia (ao ser) e à hermenêutica (interpretação). Assim, salienta-se uma teoria ontológica de que a experiência vivida é, ela própria, um processo, essencialmente, interpretativo (Cohen e Omery, 1994).

Segundo Bolton (1987, cit por Cohen e Omery, 1994), ao constituir-se a si mesmo, o ser constitui uma verdade que se realiza na experiência vivida. Assim, a fenomenologia afirma, necessariamente, uma estrutura existencial (experiência vivida) onde a verdade se torna acessível e através da qual é testada como parte integral dos pensamentos de todos os dias. No entanto, neste tipo de pesquisa a experiência diária tanto do sujeito como do investigador participantes nesse contexto, influenciam a interpretação que é feita do fenómeno em causa, aspecto relevante e a ter em conta (Ray, 1994). Para este mesmo autor, a coordenada do tempo tem também uma elevada importância na concepção de Heidegger, pois o ser é essencialmente temporal,

o tempo não tem significado sem o ser, nem este sem o tempo, constituindo-se o tempo como chave para a compreensão do ser.

Relativamente à sua ligação com a Hermenêutica, esta surge como método interpretativo por excelência que permitirá ao investigador chegar até ao ser. Não chega apenas olhar o fenómeno através da consciência do próprio investigador, implicando antes uma acção de interpretação. Mais do que descrever os fenómenos, pretende-se interpretar e atribuir-lhes significado, pretende-se descobrir o significado daquilo que não é, naturalmente, manifesto, que é preciso analisar e tentar interpretar atribuindo-lhe significado. Neste sentido, o objectivo da fenomenologia hermenêutica é muito mais ambicioso do que o da fenomenologia eidética defendida por Husserl (Ray, 1994).

Por fim, podemos ainda encontrar estudos em que estas duas concepções se confundem e se complementam de certa forma enquanto metodologias de investigação no âmbito das ciências sociais e de tipo qualitativo. Com efeito, também Conroy (2003), num estudo em que pretendeu esclarecer as teorias relativas à interpretação fenomenológica, refere que após uma leitura exaustiva acerca das metodologias de tipo qualitativo, verificou dificuldades em identificar as pesquisas de tipo fenomenológico como baseadas em Husserl ou em Heidegger, confundindo-se, por vezes, as duas concepções.

No âmbito das metodologias de tipo qualitativo, encontramos a fenomenologia presente nos estudos com práticas de tipo interpretativo, normalmente, em temas de grande subjectividade acerca da natureza das experiências vividas e da ordem social (Cohen e Omery, 1994). Segundo os autores, Alfred Schutz foi um dos investigadores que utilizou em vários dos seus estudos este tipo de metodologia. Schutz seguiu as ideias de Husserl quando insistiu que a relação entre a percepção e os objectos não era passiva, argumentando que a consciência humana constitui activamente os objectos através da experiência. Deste modo, Schutz (1970, cit por Cohen e Omery, 1994) reacendeu o interesse pela concepção de Husserl ao salientar que os membros da sociedade constroem e reconstroem o mundo vivido diariamente. Para o autor, as ciências sociais deveriam centrar-se nesta questão, pois a vida

no mundo é feita de experiências produzidas e vividas pelos membros que o habitam.

Neste sentido, chegar à consciência humana será a melhor forma acessível para o conhecimento do mundo pois a consciência, naturalmente, tipifica e, aqui, a linguagem surge como meio central para identificar estas tipificações e atribuir-lhes significado. Tal facto leva-nos a uma metodologia orientada para a fenomenologia da vida social, baseada na relação entre o uso da linguagem e os objectos de experiência. Neste contexto, o significado de uma palavra tem de ser tido em conta pelo que este referencia no mundo real e pelo significado que, socialmente, lhe atribuímos, pois o objectivo é que estas palavras sejam capazes de descrever a realidade e representar os blocos com que se constrói a vida de todos os dias (Cohen e Omery, 1994). Deste modo, o sentido da linguagem fenomenológica é descritivo e o seu propósito é tornar a experiência original evidente através da reflexão. É através da linguagem que se ilumina o sentido do ser no mundo e que nos permite compreender a forma como as pessoas interagem e interpretam o mundo (Ray, 1994).

Segundo Ray (1994), a credibilidade e afirmação da pesquisa da fenomenologia pode ser melhor entendida por Heidegger e Ricoeur, através do conceito de verdade que não pode ser escondida, quando algo é evidente e certo, que não se pode duvidar. Assim, o significado da fenomenologia é revelado pelo exame de dois processos de evidência integral, primeiro pela evidência de uma pessoa que está num processo de experiência no mundo e, por outro lado, por uma experiência que é profundamente reflectida na experiência de si própria. Ricoeur (1981) enfatiza que a verdade é inseparável do ser e que na fenomenologia a questão transcendental e interpretativa é tornar explícito o ser do e no mundo.

Pelo que foi exposto, percebe-se a importância da temporalidade na vida humana, sendo esta uma coordenada antropológica para o entendimento e compreensão da experiência humana. Neste contexto, importa, naturalmente, realçar a perspectiva temporal para a compreensão da nossa abordagem.

### **3.4.3 - O corpo vivido, experiência vivida e a importância da coordenada antropológica tempo para a compreensão destes conceitos**

O tema central do nosso estudo é o corpo, cuja emergência se impõe em si mesma e se repercute no crescente número de escritos que promovem a reflexão acerca das questões do corpo, nas mais variadas vertentes. Este profundo e crescente interesse pelo conhecimento do corpo está inteiramente relacionado com as transformações que têm vindo a ocorrer na sociedade ocidental. Uma sociedade onde o corpo tem vindo a assumir cada vez mais o papel de narrativa do “eu”, de uma narrativa de auto-identidade, como se o nosso corpo falasse por nós e onde a imagem corporal é elevada de tal forma que parece que da nossa aparência depende a nossa situação no mundo (Pereira, 2006). Deste modo, importa salientar a ideia de que o corpo deve ser visto e entendido enquanto situado num determinado espaço e tempo, tal como é o próprio homem. De facto, ao longo dos tempos, o corpo tem vindo a ser entendido de forma diferenciada, sendo valorizado de acordo com os códigos culturais vigentes. Deste modo, enquanto produto da biologia e da cultura, o corpo retrata com fidelidade a sociedade em que se insere (Garcia, 1997).

Tendo em conta que pretendemos desenvolver este tema do corpo sobre uma perspectiva fenomenológica, retomamos as ideias de Merleau-Ponty. Para o autor, a fenomenologia é o estudo das essências, da essência da percepção, da essência da consciência, mas é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma que não através da sua existência, do seu ser no mundo. Assim, a fenomenologia é a ambição de uma filosofia sobre um relato do espaço, do tempo e do mundo vividos. Com efeito, ela revela-se uma tentativa de descrição directa da nossa experiência tal como ela é, trata-se de descrever e interpretar.

Assim sendo, Merleau-Ponty (1996) defende uma fenomenologia da percepção, na qual a percepção não é uma ciência do mundo, nem mesmo um acto ou tomada de posição deliberada. O mundo não é um objecto do qual possuo deliberadamente a lei da sua constituição, ele é o meio natural e o



campo de todos os pensamentos do ser, pois o homem é um ser no mundo e é no mundo que ele se conhece. Para o autor, o mundo fenomenológico é o sentido que transparece na intersecção das minhas experiências com as experiências dos outros.

Para Merleau-Ponty, o corpo revela-se como sujeito da percepção e rico em experiências através do contexto e da relação que este estabelece com os outros, com o mundo que o rodeia. Importa considerar a percepção como mais do que a apreensão das qualidades sensíveis do objecto, sendo um processo cognitivo complexo e altamente influenciado por fenómenos afectivos e emocionais (Ribeiro, 2003). Segundo Merleau-Ponty (1996), ser corpo é estar ligado a um certo mundo e sê-lo no espaço.

O autor “apresenta-nos” o corpo próprio que pertence e é da pessoa, é dela própria. Neste conceito de corpo próprio, o corpo é apenas um elemento no sistema do sujeito e do seu mundo, isto porque literalmente somos (também) aquilo que os outros pensam de nós e expressamos o mundo em que vivemos. Nós reaprendemos a sentir e a viver o nosso corpo, sob o saber objectivo e distante do corpo, este outro saber que temos dele (enquanto corpo físico, ao nível do esquema corporal) porque ele está sempre “aqui” e porque nós somos corpo. Nós apreendemos o mundo através do nosso corpo e, neste contacto, é a nós mesmos que iremos reencontrar, constituindo-se o corpo como verdadeiro objecto da percepção.

Não obstante, o corpo humano surge como a manifestação exterior de uma certa forma de ser no mundo (Merleau-Ponty, 1996). Para o autor, o corpo representa o seu ponto de vista sobre o mundo, é o espelho do ser, considerando-o como um dos objectos desse mesmo mundo, “o corpo é o veículo de ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projectos e empenhar-se continuamente neles” (p.122). Emerge, então, a ideia de que a experiência vivida é crucial para a compreensão do corpo próprio, também por isso um corpo vivido.

O termo corpo vivido conduz-nos a um corpo que é possuído por um ser humano vivo que tem uma estrutura própria que não pode ser captada pela linguagem e pelos conceitos utilizados para explicar os objectos da natureza

inanimada. Esta concepção teve lugar central nos pensamentos fenomenológicos do século XX e envolve a noção de um corpo vivido enquanto entidade intencional num mundo experienciado a cada momento (Leder, 1998). Quando Leder (1998) se reporta ao corpo vivido como uma entidade intencional, refere-se a um ser corpo que estabelece relações com os outros, com aqueles que o rodeiam, o qual nos ajuda a construir um mundo de experiências vividas. Não é possível compreender o significado e a forma dos objectos sem referência aos poderes do corpo, através dos seus sentidos e da linguagem, pois o corpo vivido não é apenas uma coisa no mundo, mas uma forma através da qual o mundo se realiza. O homem dispõe de um mundo que lhe fala de si mesmo e retribui instalando nesse mundo os seus pensamentos, numa relação activa por essência (Merleau-Ponty, 1996).

A este respeito, para Merleau-Ponty (1996), o mundo percebido através do corpo revela-nos o mais elevado grau de conhecimento, dado que é através do corpo que as pessoas têm acesso ao mundo. Para além deste facto, a nossa percepção da realidade diária depende de um corpo vivido, um corpo que simultaneamente experiencia e cria o mundo. Enquanto sujeito, o corpo actua e através das suas acções constrói um mundo de relações sociais, no qual nós nos vemos a nós próprios através dos olhos dos outros (Crossley, 2001).

Este corpo vivido é rico em experiências através da percepção, é um corpo com intencionalidade própria e um papel central na construção do mundo, pelo que nos importa investigar as suas experiências vividas de forma exploratória. No entanto, não seria possível fazê-lo sem nos referirmos à importância que a coordenada do tempo revela face a um corpo vivido e repleto de experiências vividas através do próprio corpo. De facto, todas as nossas experiências enquanto nossas que são, dispõem-se temporalmente, segundo o antes, o agora e o depois, ou seja, num passado, presente e futuro relativo ao sujeito que, neste trabalho, pretendemos também explorar.

Merleau-Ponty (1996), ao considerar a questão da temporalidade, refere-se, naturalmente, ao curso do tempo, de um tempo que passa e se escoia, como um rio que passa do passado em direcção ao presente e ao futuro, onde

o presente é consequência do passado e o futuro do presente. Contudo, para o autor, o tempo não é um processo sucessivo que o sujeito se limita a registar, ele nasce da relação do sujeito com as coisas, de um sujeito que se relaciona com o mundo através do seu próprio corpo, numa sucessão de experiências vividas nos mais diversos campos de interacção social.

Deste modo, relacionando a coordenada tempo com o corpo, Merleau-Ponty (1996) refere-se ao corpo afirmando que este não é um mero receptáculo de alterações produzidas pelo tempo ou de expressão do tempo que se escoia, mas sim um sujeito activo e encarregado de assegurar a realização intuitiva das intenções da consciência. Esta consciência do ser desdobra e constitui o tempo segundo uma perspectiva de passado, presente e futuro e torna o tempo não numa linha, mas numa rede de intencionalidades caracterizada pelo movimento. Aliás, como argumenta o autor, tempo é movimento e este reflecte-se numa construção activa do sujeito em interacção com o mundo que o rodeia, interacção esta realizada através do seu corpo e por si experienciada.

A respeito da questão do tempo, Seymour (2002) afirma que nós vivemos as nossas vidas de acordo com o contexto do tempo. A idade e a morte relembram-nos, constantemente, da precariedade da natureza humana e as crescentes tecnologias e estratégias utilizadas para tentar manusear o tempo através do combate aos efeitos característicos da idade, são testemunho explícito da preocupação humana com a questão da extinção do corpo do ser e da passagem do tempo. Para a autora, o tempo é mais do que o contexto em que a vida do sujeito se realiza, o tempo é o meio através do qual a sua vida é vivida e experienciada. Na mesma linha de pensamento, Santiago (2006) refere que a experiência do tempo e no tempo reflecte-se no nosso corpo, quer seja através das evidências do envelhecimento, quer através das experiências acumuladas no tempo que nos transformam, ou ainda pelo limite que nos impõe em termos existenciais.

Esta questão do tempo e da sua relação com o corpo é ainda mais relevante se pensarmos que pretendemos estudar pessoas com deficiência, representando a deficiência uma ruptura no processo de construção do corpo,

no seu envelhecimento e, conseqüentemente, na experiência de ser corpo do sujeito. No caso específico deste estudo, a amputação de um membro nos sujeitos por nós entrevistados, constitui-se como evidência deste facto. Com efeito, como refere Seymour (2002), uma deficiência física, ainda mais evidente sob o ponto de vista corporal enquanto alteração definitiva no corpo do sujeito, é revelação clara da ruptura face ao progresso natural do tempo sobre o corpo. Esta alteração corporal implica um processo de reabilitação que se caracteriza, entre outros aspectos, pela reintegração do tempo no corpo e do corpo no tempo, processo este que a autora designa de incorporação do tempo e que dá à pessoa com deficiência a oportunidade de adaptar-se face à vida anterior, no caso das pessoas com amputação por causa adquirida. Na realidade, da mesma forma que a deterioração do corpo e a morte estão relacionadas directamente com a passagem do tempo, a deficiência representa uma descontinuidade no processo de envelhecimento do corpo e que se apresenta como oportunidade única para confrontar a fragilidade do corpo humano e a natureza efêmera do tempo. A deficiência coloca, assim, ao sujeito a necessidade de recapturar o corpo através do tempo, pois só incorporando o tempo no corpo este conseguirá abrir novas oportunidades, repensando as expectativas face à sua vida e a projectos futuros (Seymour, 2002). E incorporar o tempo significa, também, não se esquecer de que o corpo é construído socialmente, como tal, reflecte a cultura e o meio no qual se envolve, pelo que os valores e as normas sociais são também factor de influência neste processo e não podem ser esquecidos.

Neste estudo, pretendemos, através de um processo fenomenológico, chegar às experiências vividas no desporto, através do corpo vivido de cada um dos atletas com amputação por nós entrevistados, considerando a riqueza que este tipo de abordagem traz para um estudo de natureza qualitativa, sempre guiados pela importância da coordenada tempo no desenrolar deste processo e como essencial para a sua compreensão.

*Campo Metodológico*

---



#### **4. Campo Metodológico**

Tendo em vista a natureza complexa e subjectiva das questões que pretendemos investigar, impõe-se necessariamente uma abordagem de tipo qualitativo que nos permita analisar e interpretar de forma adequada, dando conta da riqueza e da singularidade do nosso foco de estudo, a experiência vivida no desporto através do corpo e pelo corpo, relacionando-a com uma população tão particular como é a das pessoas com amputação (ões).

Face à diversidade de métodos utilizados nas investigações de tipo qualitativo e após uma leitura de diversos autores reconhecidos nestas temáticas (Denzin e Lincoln, 1998 e 2000, entre outros), optámos, neste estudo, pela utilização de entrevistas de tipo biográfico para a construção de narrativas. De facto, são vários os estudos que têm adoptado este tipo de metodologia, de que são exemplo, Goodwin et al. (2004); Goodley e Tragaskis (2006); Smith e Sparkes (2003, 2008); Sparkes (2004); e Phoenix e Sparkes (2007).

Para clarificar e melhor aprofundar o tipo de metodologia por nós escolhida, parece-nos crucial dividir o desenvolvimento do nosso campo metodológico em dois focos de atenção. Um primeiro em que nos iremos debruçar sobre a teoria propriamente dita, procurando fundamentar e justificar a nossa decisão pelo tipo de metodologia a utilizar e uma segunda parte mais prática, referindo-nos à nossa intervenção propriamente dita e à aplicação prática do instrumento de estudo construído.

#### 4.1 A narrativa

Neste trabalho, aventuramo-nos a explorar a narrativa, tendo em conta que esta tem sido cada vez mais sugerida no mundo das ciências sociais por vários autores (Denzin, 1989; Atkinson, 1998; Gubrium e Holstein, 1998; Smith, 1998, entre outros). Não obstante, quando pesquisamos acerca do tema da narrativa, verificamos a dificuldade em encontrar uma definição clara e precisa. O termo revela-se um leque aberto de possibilidades que varia consoante os autores e que se confunde em certas instâncias com a história de vida, pelo que iremos referir-nos à perspectiva de vários autores.

A narrativa pode dizer-se intercultural, ela está presente em todos os tempos, em todos os espaços e em todas as sociedades, a história da narrativa funde-se com a história da humanidade (Richardson, 1990). Para a autora, é através da narrativa que o ser humano apreende o mundo e fala acerca dele, representando a forma primordial de organização das experiências humanas em episódios temporais. As pessoas experienciam o mundo e vivem as suas vidas em relação com o tempo; este revela-se a base para a construção da experiência humana e é através da narrativa que elas atribuem significado a estas experiências. O tempo é, aliás uma das coordenadas antropológicas (sendo o espaço a outra), que não só ajuda a situar o homem, como também lhe dá elementos para que organize, por exemplo, a sua memória e as suas experiências, neste caso a narrativa dessas experiências. Como sugere Ricoeur (1984), existe uma relação fundamental entre a experiência humana do tempo e a universalidade da narrativa. Para o autor, coexiste uma natureza temporal no ser humano e a actividade de narrar histórias revela-se uma necessidade que caminha lado a lado com a humanidade.

Para Richardson (1990), as narrativas estão implicadas na constituição de nós próprios e das nossas identidades, é através delas que a nossa experiência e a nossa memória de acontecimentos é organizada, sendo mesmo considerada por Bruner (1991) como o primeiro esquema pelo qual a existência humana é tornada significativa. Para este autor, pode mesmo afirmar-se que a experiência humana é sempre narrada.



Ainda de acordo com Richardson (1990), as pessoas organizam as suas biografias pessoais e compreendem-nas através das histórias que criam para explicar e justificar as suas experiências de vida. Para atribuírem um sentido às experiências da sua vida, existe uma necessidade de as expressar narrativamente, reconstruindo a biografia. Esta necessidade de contar histórias e desenvolver narrativas relaciona-se também com o facto de a narrativa estar directamente ligada com a questão da temporalidade (Bruner, 1991). Também Ezzy (1998) corrobora desta opinião referindo-se à narrativa como primeiro modo de organizar a nossa experiência no tempo. Compreende-se esta importância da narrativa sob o ponto de vista da temporalidade, já que é através do tempo que a nossa vida é compreendida em termos de passagem, de continuidade e/ou de ruptura, é no tempo que passa que percebemos a vida acontecer (Bruner, 1991). A nossa vida e a ordem social gira em torno do tempo, nós organizamos a nossa vida em torno de marcas temporais. De certa forma, o tempo é experienciado através de narrativas, sejam elas do passado, presente ou futuro, pois são estas que dão significado à experiência biográfica (Ezzy, 1998).

Quando nos referimos à experiência biográfica, podem surgir diversos conceitos para a sua abordagem sob o ponto de vista metodológico. Atkinson (1998), por exemplo, reporta-se ao conceito de “história de vida”. E a “história de vida” é a essência acerca do que aconteceu à pessoa. Esta pode cobrir o tempo desde o nascimento até ao presente, incluindo os eventos, experiências e sentimentos importantes, de uma vida. A “história de vida” está directamente relacionada com a biografia, pois representa uma reflexão anterior, uma retrospectiva de acontecimentos relatados através de uma narrativa (Tierney, 2000). Na mesma linha de pensamento, Bruner (2004), autor de referência nesta abordagem metodológica, utiliza a narrativa como um importante meio para descobrir a forma como é construída a vida de uma pessoa. Com efeito, como refere Richardson (1990), a narrativa providencia um acesso poderoso à experiência humana única do tempo e uma das formas sociológicas de a compreender é utilizando o método biográfico.

Na perspectiva de Smith (1998), a “biografia” é a história escrita acerca da vida de uma pessoa, salientando que o contexto não pode ser esquecido, porque qualquer vida é contextualizada e é essencial que este mesmo contexto seja descrito e explorado. Aqui fica, pois, evidente, a ideia de homem situado.

Quando falamos de biografia, surge-nos de imediato a narrativa que é também designada por Schwandt (1997), como um método biográfico por excelência. Este método abre portas para a construção de uma linha do tempo, em que cada acontecimento vai ocupar um determinado lugar e que, por vezes, se torna essencial para o compreender e situá-lo em termos contextuais (Smith, 1998). Com efeito, como afirma Denzin (1989), os estudos de tipo biográfico presumem uma vida que foi vivida, ou uma vida que pode ser estudada, construída, reconstruída e escrita.

A narrativa também se tornou numa forma social de acção, numa condição ontológica da vida, pois como seres sociais que somos vivemos vidas contadas (Richardson, 2000). É através da narrativa que nós agarramos a nossa vida e lhe atribuímos sentido, elas permitem-nos constituir e construir as nossas realidades e modos de ser. A narrativa ajuda-nos a guiar a acção enquanto fonte psico-socio-cultural partilhada que dá substância às nossas vidas (Smith e Sparks, 2008).

Neste contexto, referimo-nos a uma experiência vivida (campo da fenomenologia) e a uma pessoa, a uma identidade que vive essa experiência e que é a única capaz de a traduzir na íntegra através de palavras, numa narrativa contada. Para tal, o método biográfico revela-se como alternativa metodológica única e capaz de reabilitar a singularidade da experiência humana ao permitir-nos o acesso ao conhecimento e ao organizar estas experiências em episódios temporalmente significativos (Smith, 1998).

A utilização deste tipo de metodologia tem a vantagem de permitir compreender a forma como a pessoa experiencia e compreende a sua vida de modo específico e ao longo do tempo. Isto, porque a sua utilização tem por objectivo dar à pessoa a oportunidade de contar a sua história, da forma que escolheu contá-la. Como forma de encontrar significado para os acontecimentos, identificar influências de vida, interpretar experiências e

compreender a vida sob o ponto de vista da própria pessoa, não parece haver melhor forma do que através da utilização de narrativas subjectivas (Atkinson, 1998). Para o autor, para além destes aspectos, a partilha de experiências vividas e de momentos marcantes na vida do indivíduo permitem-lhe: aumentar o conhecimento acerca de si próprio, elevar a auto-estima e a imagem que este tem de si próprio; dar-se a conhecer melhor aos outros para que estes o compreendam; poder ajudar os outros a reflectir mais acerca das suas próprias vidas, bem como encorajá-los por vezes a mudar algo nas suas vidas.

Também Smith e Sparkes (2008) se referem à narrativa como extremamente vantajosa na exploração do discurso, pois analisa não só o que se diz, mas também a forma como se diz e o contexto em que foi dito. Isto, porque a narrativa se prende muito mais na forma como foram ditas as coisas do que naquilo que foi dito. Para os autores, a narrativa revela-se valiosa pelo facto da sua estrutura formal expressar, naturalmente, identidades, dilemas morais, percepções e valores do indivíduo que está a contar a história (Sparkes e Smith, 2003 e 2005).

Ainda segundo Atkinson (1998), contar uma história de vida é construir um registo narrativo de um evento, experiência ou qualquer acontecimento. Nós falamos acerca desses acontecimentos porque sabemos o que aconteceu, pois é o conhecimento básico de um evento que nos permite e que nos inspira a falar acerca dele. O que normalmente acontece quando contamos uma história acerca da nossa própria vida é que estamos a aumentar o conhecimento acerca de nós próprios, porque nós descobrimos o verdadeiro significado das coisas na nossa vida através da reflexão e da colocação dessas experiências e sentimentos que vivemos em expressões orais, o que poderá ser extremamente rico em termos metodológicos e de investigação.

Por sua vez, Tierney (2000) salienta que a narrativa, enquanto expressão de uma história de vida, revela uma estrutura, fundamentalmente, biográfica e coloca o seu ênfase na interacção entre investigador e entrevistado, bem como na relação do entrevistado com os outros. Assim, a narrativa, por um lado, é um artefacto produzido culturalmente e um documento interpretativo, por outro. Isto pode ser definido pelo tipo de método utilizado

(entrevistas/observações), pela vantagem ao nível do campo teórico de exploração (hermenêutica/fenomenológica) e ainda pela perspectiva disciplinar (psicológica/antropológica/sociológica).

No entanto, há alguns aspectos que poderão ser menos favoráveis à utilização deste tipo de metodologia, como sejam o facto de a narrativa muitas vezes estar imbuída pela interpretação e pelas ferramentas técnicas utilizadas no processo, pois a abordagem teórica e a própria experiência de vida do autor/entrevistador fazem-se sentir naturalmente no seu trabalho (Denzin, 1989). Para o autor, acresce ainda o facto de que as questões colocadas obrigam o narrador a um esforço de organização das suas memórias, como já havia sido referido anteriormente. Aliás, Bruner (1991) faz uma breve distinção entre uma vida vivida, uma vida experienciada e uma vida contada. A primeira, a vida vivida representa aquilo que realmente aconteceu. A vida experienciada consiste em imagens, sentimentos, desejos, pensamentos, e sentidos percebidos pela pessoa que a viveu. E uma vida contada é uma narrativa influenciada, naturalmente, pelas convenções de quem as conta, pelo contexto social e pela audiência. Também Moen (2006) se refere à narrativa como uma história que é consequência dos eventos que são significativos para o narrador, mas também para a sua audiência, o que influencia, naturalmente, o discurso. Apesar deste eventual constrangimento, a riqueza dos dados já explicitada motiva-nos para a utilização e desenvolvimento deste recurso metodológico no nosso trabalho. De facto, pese embora exista sempre uma influência do que possam ser as expectativas do interlocutor/entrevistado/narrador acerca do que o entrevistador/investigador procura ouvir, a verdade é que as vantagens se sobrepõem aos constrangimentos.

Efectivamente, neste processo de dar voz ao indivíduo, promove-se, na sua essência, a interacção entre as crenças do indivíduo e as suas experiências do passado, presente ou que projecta no futuro, organizando a experiência humana em episódios ricos de significado (Moen, 2006). Assim, parecem ser vários os factores a ter em conta, mas sem nunca colocar em causa a veracidade da narrativa e a sua riqueza metodológica, defendida por vários autores de referência nesta área e já citados.

No caso do nosso estudo, a história de vida é utilizada como entrevista do tipo biográfico, numa perspectiva de exploração fenomenológica das questões do corpo da pessoa com amputação no desporto, associando-se naturalmente a uma área de interesse sociológico.

Quando nos referimos a uma exploração de tipo fenomenológico, fazêmo-lo pelo reconhecimento de que a consciência humana se constitui como objecto de experiência (Gubrium e Holstein, 1998). Os autores salientam a forma como os membros de uma sociedade constroem e reconstróem o mundo e a vida diária da sociedade, o que providencia uma ligação clara à fenomenologia. Também Schutz (1964, cit por Gubrium e Holstein, 1998), argumenta que as ciências sociais, nesta perspectiva, devem focar atenção no mundo experienciado pelos seus membros, pois são estas experiências, apreendidas através de um conhecimento baseado e construído no senso comum que enriquecem o conhecimento e permitem compreender a sociedade e os contextos em que a vida decorre.

Além do já exposto, importa ainda reforçar a nossa opção pelo que tem sido desenvolvido na investigação com pessoas com deficiência. De facto, para além das vantagens enumeradas, este tipo de metodologia parece revelar-se particularmente útil em estudos em pessoas com deficiência, tal como podemos verificar nos estudos de Sparkes e Smith (2003 e 2005) que marcaram um ponto de viragem ao explorarem a temática do corpo na pessoa com deficiência. Efectivamente, a narrativa, entendida como forma de expressão da experiência humana se revela uma das melhores formas de explorar as vivências do indivíduo, no nosso estudo, da pessoa com amputação. Assim sendo, se pretendemos conhecer a experiência única e a perspectiva do indivíduo, não há melhor forma do que o ouvir na voz da própria pessoa (Atkinson, 1998). Para além deste facto, a partilha de histórias de vida pode ser uma das melhores formas para ajudar outras pessoas com deficiência a reflectirem sobre as suas próprias experiências e até mesmo fazê-las mudar algo nas suas vidas. Neste caso específico, poderão, por exemplo, ajudar a incentivar a prática desportiva por parte de outras pessoas com

amputação(ões), pelo ouvir da voz de quem o sente, os benefícios e proveitos que daí poderão advir.

Nesta temática, Sparkes e Smith (2003, 2005) marcaram a sua posição; para estes, o corpo como vivido e social nunca é conhecido na verdade como correspondente. No entanto, as narrativas são cruciais porque a experiência do corpo está profundamente incluída na narrativa, estas são projectadas do corpo e inscritas no corpo. Os autores defendem um corpo contador de histórias, sendo através do que este nos conta que podemos interpretar e dar significado aos corpos e às experiências por estes vividas. A este respeito, Duncan (1998) utiliza a narrativa para explorar a entrada na história do corpo, salientando a forma como o corpo expressa uma certa forma de ser e estar no mundo. Na mesma linha de pensamento de Merleau-Ponty (1996), e o seu poder e eficácia para nos falar e criar uma forma particular de verdade.

Adicionalmente, a narrativa oferece uma visão privilegiada sobre as dificuldades e o prejuízo a vários níveis (psicológico, físico e social) que as pessoas com deficiência enfrentam diariamente. O preconceito e os estereótipos são fenómenos sociais, algo que é armazenado, negociado e construído no palco das relações sociais. Também aqui, a narrativa, pensada enquanto história contada não só como pessoal, mas também como algo social e culturalmente construída, ocupa lugar de destaque (Goodley e Tregaskis, 2006).

Os argumentos anteriores são espelho das vantagens que a utilização da narrativa poderá trazer a um estudo como o nosso e sustentam a nossa opção por este tipo de metodologia.

## 4.2 A aplicação prática da narrativa

Como anteriormente referimos, a narrativa é a expressão usada para caracterizar a actividade de contar histórias (Gubrium e Holstein, 1998). Esta pode ser definida como uma história com princípio, meio e fim revelando as experiências de uma pessoa, tomando muitas formas, sendo contada de diversas maneiras, perante muitas audiências e com variados graus de relação com eventos actuais e pessoas (Manning e Cullum-Swan, 1994).

Para Atkinson (1998), a narrativa é, em essência, um método qualitativo de investigação por possibilitar a recolha de informação subjectiva acerca da vida da pessoa. Esta começa por ser gravada, sendo, posteriormente, transcrita e transformada numa narrativa fluida que utiliza todas as palavras através das quais a pessoa contou a sua história, pois não há nada mais rico do que ouvir na voz da própria pessoa. Normalmente, a narrativa permite-nos chegar a aspectos da vida e experiência do indivíduo que ele quer passar aos outros, revelando-nos não só a vida deste, mas também a forma como este actua na comunidade e se relaciona com ela. Porém, são vários os modos de desenvolver o método biográfico descritos na literatura. Para o nosso estudo tomaremos por referência os pressupostos enunciados por Atkinson (1998), e que são corroborados por diversos autores, de que são exemplo, Denzin (1989) e Smith (1998).

Assim sendo, a primeira tarefa óbvia na realização de uma biografia, é a decisão acerca de quem vamos entrevistar. É necessário encontrar a pessoa ou um grupo de pessoas que se revele como fonte de interesse em termos de investigação no sentido da partilha das suas experiências de vida. Neste sentido, entrevistámos atletas com deficiência praticantes de desporto adaptado, nomeadamente pessoas com amputação(ões). Isto, porque a actividade física é, por natureza, uma actividade em que o corpo é interlocutor directo, logo a prática desportiva trará alterações no próprio corpo e, naturalmente, neste corpo enquanto objecto de percepção (Merleau-Ponty, 1996). No caso dos indivíduos com amputação, a perda de um membro representa uma alteração corporal evidente, num corpo objecto de percepção e

através do qual o indivíduo apreende o mundo. Para além deste facto, no desporto, o corpo revela-se um elemento central, uma vez que é através deste que o sujeito participa activamente na prática de uma modalidade. Nos atletas com amputação(ões), esta participação é realizada por alguém, cujo corpo se afasta da norma corporal, através de um corpo com amputação, facto que nos faz questionar acerca das suas experiências vividas no desporto. Aliás, a pertinência do tema está directamente relacionada com a possibilidade de partilha destas mesmas experiências com as outras pessoas com amputação (ões).

A segunda tarefa na construção da narrativa prende-se com a criação de um arquivo, que neste caso será constituído pelas entrevistas de tipo biográfico realizadas a pessoas com amputação praticantes de desporto. Estas entrevistas têm por objectivo, como referem Denzin (1989) e Smith (1998), recolher o máximo de experiências, factos e episódios marcantes da vida destes atletas, que nos permitam a redacção de uma narrativa fluida e enriquecedora.

A tarefa seguinte está relacionada com o desenvolvimento do tema, neste caso com a exploração das experiências vividas pelos atletas com amputação(ões) no desporto, através do corpo e pelo corpo. Aqui, o papel do investigador enquanto entrevistador e observador ocupa, claramente, lugar de destaque. O modo como conduz as entrevistas, como ouve e encaminha os entrevistados será fulcral no resultado final obtido (Gubrium e Holstein, 1998; Smith, 1998). Nesta etapa final, o entrevistador deve ser capaz de explicar, claramente, o propósito da entrevista, levando o entrevistado a conhecer exactamente o que está em jogo e o que se pretende, respeitando também os desejos de quem está a ser entrevistado se, por exemplo, este não quiser ver a sua identidade revelada. É ainda importante uma preparação prévia por parte do entrevistador e que este seja, totalmente, conhecedor das questões para se tornar num bom guia e num bom ouvinte (Atkinson, 1998).



#### 4.2.1 A construção da entrevista

Uma das funções centrais de uma entrevista é tentar atingir o que não pode ser visto ou percebido, tendo como função chegar ao desconhecido, ao “não visto” ou, melhor dizendo, somente ao “entrevisto” (Pais, 1996, p.82).

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), este instrumento não é perfeito pelo que tem a desvantagem de os dados recolhidos consistirem somente em enunciados verbais ou discursos influenciados pela subjectividade da interpretação dos produtos linguísticos dos sujeitos. Na realidade, nas entrevistas, nem sempre o que o indivíduo diz corresponde àquilo que realmente pensa, pois frequentemente, é influenciado e levado a dizer não aquilo que exactamente pensa ou sente, mas aquilo que considera que o entrevistador gostaria de ouvir (Pais, 1996). Contudo, no pólo oposto temos um conjunto variado de vantagens que vão desde a associação do grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos com a flexibilidade de utilização que lhe é conferida. Importa ainda salientar que este se constitui como um instrumento que permite recolher testemunhos e interpretações, respeitando os quadros de referência dos interlocutores, ou seja, a sua linguagem e as suas categorias mentais, o que nenhum outro instrumento nos poderia fornecer (Quivy e Campenhoudt, 1998).

Neste sentido, a entrevista de tipo biográfico não foge a estas questões, mas importa aqui explorar mais aprofundadamente. Para Atkinson (1998), as entrevistas de tipo biográfico caracterizam-se pela colocação de questões de natureza aberta em que o entrevistado é convidado a falar acerca de determinadas questões de tipologia aberta face ao tema em estudo. A colocação deste tipo de questões abertas permitem-nos chegar a temáticas mais profundas da natureza humana, bem como a temas mais subjectivos como o são os temas do nosso estudo: o corpo vivido, a experiência vivida e o factor tempo, tudo isto relacionado com o desporto e prática desportiva regular dos atletas por nós entrevistados.

Neste contexto, o primeiro aspecto a considerar seria sobre o tipo de informação que pretendíamos recolher para passar à elaboração do guião para

a entrevista. Para os objectivos do trabalho era crucial a recolha de informações relativas à vida pessoal, social, profissional e desportiva dos sujeitos entrevistados numa perspectiva temporal, que em cada um destes aspectos, focasse o passado, o presente e o futuro, pois como o próprio nome indica, uma biografia é uma história de vida e qualquer história se desenrola no tempo e em contextos variados (Denzin, 1989).

A construção deste guião adveio do enquadramento teórico formulado ao longo das pesquisas por nós realizadas, bem como dos resultados por nós obtidos em estudos anteriores sobre esta temática (Sousa, 2006 e Sousa et al., 2009). Após a elaboração deste guião, foram inicialmente realizadas entrevistas piloto, com o objectivo de aperfeiçoar o guião inicial e de construir um definitivo para a efectivação final das entrevistas alvo de análise para o estudo. Destaque-se ainda que estas entrevistas iniciais foram sujeitas a um grupo de especialistas constituído por professores universitários que trabalham usualmente com este instrumento metodológico e que as aprovaram. O instrumento por nós construído e utilizado neste estudo pode ser consultado no anexo 1.

Ainda neste capítulo, importa realçar que todas as entrevistas foram transcritas integralmente e que os excertos das narrativas de cada um dos entrevistados são transcrições *verbatim* pelo que representam o discurso literal de cada entrevistado. Simultaneamente, a cada entrevistado foi pedida autorização para a utilização dos seus dados pessoais na realização deste estudo através de uma carta escrita e assinada pelos mesmos (ver anexo 2).

#### **4.2.2 Processo de Tematização**

Após terminar a recolha de informações através das entrevistas, estas foram transcritas de forma integral, tendo sido realizada uma leitura flutuante que visou aprofundar o nosso conhecimento sobre o seu conteúdo e reflectir-se na organização de ideias. Segundo Bardin (1977), a leitura flutuante consiste nisto mesmo, em estabelecer contacto com os documentos a analisar e ficar a conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões, significações e orientações. Assim, esta tarefa tornou-se essencial para a nossa decisão sobre a organização da apresentação e interpretação das narrativas que obtivemos, realizada através de um processo designado por tematização (Patton, 2002).

Esta tematização foi realizada tendo em conta o enquadramento teórico e as questões que emergiram nas narrativas dos atletas do nosso grupo de estudo, tendo em vista a procura de respostas para os nossos objectivos. Contudo, é de salientar que este não é um processo tão linear como pode parecer à primeira vista, uma vez que a tematização surge de forma indutiva após a leitura flutuante efectuada da transcrição das entrevistas e os temas emergentes relacionam-se de forma evidente (Patton, 2002).

Neste sentido, a leitura das narrativas permitiu-nos chegar a alguns temas comuns que se destacaram entre as experiências vividas e contadas pelos atletas do nosso grupo de estudo. Assim, evidenciam-se três temas centrais: o contexto sócio-cultural envolvente ao atleta e à sua amputação, o corpo e o desporto, sendo de realçar a forte ligação que têm entre si e que torna o processo de interpretação das narrativas tão complexo. Com efeito, o contexto sócio-cultural influencia não só as vivências corporais do atleta, como também as suas experiências desportivas, da mesma forma que o corpo é influenciado pelo contexto sócio-cultural e pela actividade desportiva praticada. Também o desporto se relaciona, intrinsecamente, com o contexto que rodeia o atleta, influenciando a sua relação com o corpo pela forma como este corpo se revela no desporto e através dele.

Adicionalmente, destacámos o papel que a coordenada tempo tem em todo este processo, uma vez que as narrativas adquirem significado no tempo

e os temas emergentes se realizam numa perspectiva de desenvolvimento temporal.

### **Contexto sócio-cultural**

Relativamente ao contexto sócio-cultural do sujeito e da sua amputação, queremos desde já realçar a ideia de que a necessidade de explorar este tema surgiu após a leitura das narrativas. Com efeito, apesar do contexto sócio-cultural ser algo implícito na própria singularidade da narrativa, não esperávamos que este se mostrasse de forma tão relevante na narrativa dos entrevistados. Na realidade, após reflectirmos sobre os discursos dos atletas que entrevistámos, percebeu-se a forte influência do contexto sócio-cultural envolvente ao atleta, pela forma como, repetidamente, se referiram a aspectos contextuais específicos. Para além deste facto, o conhecimento deste contexto revela-se fulcral para a compreensão da relação que o atleta estabeleceu e estabelece, actualmente, com o seu corpo, sobretudo na sua prática desportiva, percebendo ainda o lugar que o desporto ocupa na sua vida.

Adicionalmente, importa ter em conta que o contexto sócio-cultural é algo em movimento, uma condicionante em transformação ao longo da vida do sujeito, entendendo-o como algo activo e que se desenrola no tempo. Neste contexto, e atentando ao modo como o sujeito é fortemente influenciado pelo mundo que o rodeia, estas alterações no tempo irão influenciar, também, o processo relacional do corpo com o desporto e deste com o corpo numa perspectiva de temporalidade.

### **Corpo**

Neste tema do Corpo o conceito de corpo próprio de Merleau-Ponty (1996) está claramente presente e revela-nos um corpo sujeito de percepção e rico em experiências e vivências através do contexto e da relação que estabelece com os outros, com o mundo que o rodeia. Nesta relação, o corpo é um elemento activo que se transforma pela relação que estabelece com este

mundo, da mesma forma que transforma o mundo através do modo como se expressa nele.

A este respeito, Merleau-Ponty (1996) refere, ainda, que cada um de nós, através do corpo, expressa o mundo em que vive, mas também é literalmente aquilo que os outros pensam sobre si. Nesta medida, é ao contactar com o mundo que nos damos a conhecer, mas também é através desta relação que nos iremos encontrar a nós mesmos, pelo que ao explorar as vivências dos nossos atletas no contexto desportivo seremos também capazes de os conhecer melhor.

Adicionalmente, Garcia (1997) acrescenta que o corpo é também veículo cultural e tem uma função social elevada na forma como interagimos com os outros; ele é construído socialmente através das relações e das trocas que estabelece com o exterior, sendo nesta relação que o corpo se faz a si próprio. Assim sendo, a exploração das questões da exposição corporal, a nível social, mas mais especificamente, no contexto desportivo, poderão ajudar-nos a compreender a relação que o atleta com amputação estabelece com o seu corpo e a forma como enfrenta a sua exposição na vida pública.

Por outro lado, não podemos esquecer a visão do corpo sob uma perspectiva funcional, como meio para a execução de tarefas, associado às noções de rendimento e de eficácia (Touraine, 1994), ainda mais quando o observamos no contexto desportivo, em que estão implícitas as noções de produtividade, nomeadamente, através dos resultados alcançados.

Ao explorarmos a forma como os atletas com amputação vivem o seu corpo pretendemos chegar às suas experiências mais profundas de relação com o mundo e ao conhecimento da essência do sujeito em si mesmo, em particular através das suas experiências desportivas. Neste contexto, o corpo revela-se como elemento de ligação entre o contexto e o desporto, uma vez que o corpo é influenciado pelo contexto sócio-cultural e construído através da relação activa que o sujeito estabelece com o mundo. Além disso, também transforma e modifica este contexto que o envolve, pelo modo como se relaciona com ele pelo seu corpo próprio. Finalmente, o corpo é transformado

pela prática desportiva, da mesma forma que o desporto é o local onde este corpo se expressa e alcança lugar de relevo.

## **Desporto**

Naturalmente que o tema do desporto tinha que estar aqui presente, uma vez que todos os nossos entrevistados são praticantes de actividade física e foi nossa intenção nas entrevistas chegar às experiências vividas por cada um dos atletas neste contexto. Para além deste aspecto, acrescem ainda todos os benefícios e vantagens reconhecidos pela prática de actividade física, nomeadamente, para pessoas com deficiência, como no caso do nosso grupo de estudo.

No que diz respeito ao desporto adaptado, importa reter que este é descrito por vários autores como favorável ao desenvolvimento da autonomia, da auto-estima, da confiança, constituindo-se uma situação de sucesso para si mesmo e perante os “outros”. Favorece ainda a criação de relações sociais e de amizades, pela interacção que promove entre grupos sociais com interesses semelhantes, promovendo a realização pessoal e o reconhecimento social (Taub e Blinde, 1999; Ploeg et al., 2004; Giacobbi e Stancil, 2008).

No desporto, o corpo é interlocutor directo pelo que estes elementos se relacionam de forma íntima. O desporto permite ao corpo alcançar melhorias em termos funcionais pela exploração das suas próprias capacidades físicas, mas também permite ao atleta com deficiência conhecer melhor o seu corpo, aprendendo a valorizá-lo e aceitá-lo para além da deficiência física que o caracteriza (Sousa et al., 2009).

Por fim, não podemos esquecer que o desporto constitui uma peça fulcral no contexto sócio-cultural que envolve o atleta com amputação, neste caso, um dos palcos de expressão do seu corpo próprio e, nomeadamente, aquele que pretendemos explorar de forma mais aprofundada.

### **4.3 Grupo de Estudo**

Para dar início à definição do nosso grupo de estudo, foram contactadas telefonicamente e via e-mail todas as instituições desportivas com desporto adaptado para pessoas com deficiência motora. Após este primeiro contacto, fizemos uma recolha dos atletas com amputação existentes nestes clubes, tendo nós observado um reduzido número de atletas com esta característica a praticar desporto em Portugal. A partir desta recolha de dados, contactámos directamente os atletas no sentido de saber se estavam disponíveis a participar no nosso estudo e explicitando de forma mais aprofundada os nossos objectivos. Por fim, reunimos um grupo de atletas com amputação(ões) praticantes de actividade física de diversas zonas do país, nomeadamente, Porto, Vila Nova Gaia, Stª Maria da Feira, Leiria e Lisboa, os quais foram por nós entrevistados individualmente.

O nosso grupo de estudo é assim constituído por seis pessoas com amputação(ões), todos praticantes de actividade física, quatro do género masculino e duas do género feminino, com idades compreendidas entre os 16 e os 36 anos. Estes atletas são praticantes de diversas modalidades desportivas, tais como o Atletismo, o Basquetebol em cadeira de rodas, o Ciclismo e a Natação, sendo de realçar o seu alto nível competitivo, havendo alguns atletas que participam em competições a nível não só nacional, mas também internacional e paralímpico.

Para uma caracterização mais aprofundada do nosso grupo de estudo, importa consultar o quadro 1 onde se poderá obter informações individuais sobre: a(s) modalidade(s) praticada(s) por cada um dos atletas; o tempo de prática; o local de prática; o nível competitivo; a causa e tempo decorrido após a amputação; o tipo de amputação; e ainda a profissão e as habilitações académicas de cada um deles.

### Caracterização do Grupo de Estudo

Nome	Idade	Género	Desporto Praticado/Tempo de prática	Local de Prática	Nível Competitivo	Causa e tempo após amputação	Tipo de Amputação	Profissão/Habilitações Académicas
Joana	16	Feminino	Natação/4 anos	Gesloures	Nacional/Internacional /Paralímpico	Congénita	Má formação congénita do antebraço e mão direita	Estudante/11º ano
Sandro	24	Masculino	Ciclismo/2 anos	Clube de Ciclismo Roda Bike	Nacional/Internacional	Adquirida: Traumática ± 4 anos	Transtibial: abaixo joelho esquerdo	Treinador de Futebol/9ºano
Leila	27	Feminino	Natação/15 anos	Gesloures	Nacional/Internacional /Paralímpico	Congénita	Má formação congénita do antebraço e mão direita	Médica/Licenciatura
Bruno	29	Masculino	- Basquetebol em Cadeira de Rodas/6 anos - Atletismo/3 anos	Associação Portuguesa de Deficientes – Leiria	Nacional	Adquirida: Traumática ± 9 anos	Transtibial: abaixo do joelho direito	Empregado de Escritório/Licenciatura
Francisco	34	Masculino	Natação/3 anos	Piscinas Stª Maria da Feira – Feira Viva	Nacional	Adquirida: Traumática ± 13 anos	Transfémural: 1/3 superior do fémur direito	Técnico Superior de Segurança Social/Licenciatura
Abel	36	Masculino	Basquetebol em Cadeira de Rodas/16 anos	Associação Portuguesa de Deficientes – Porto	Nacional	Congénita	Transfémural: bi-amputação do 1/3 médio superior fémur	Solicitador/Licenciatura

**Quadro 1:** Caracterização do grupo de estudo.



*Apresentação e Discussão dos  
Resultados*

---



## **5. Apresentação e Discussão dos Resultados**

### **5.1 As narrativas**

A análise e interpretação dos dados por nós obtidos nas entrevistas não é tarefa fácil e uma das decisões mais complexas neste processo refere-se ao formato em que pretendemos organizar as narrativas obtidas, utilizando as histórias de vida dos atletas por nós entrevistados. Ainda mais quando esta necessidade de organização, ou seja, de uma tematização, integra em si mesma uma forma de interpretação da narrativa. Neste seguimento, nada se torna mais complexo do que conhecer a essência dos sujeitos e das suas experiências, pois muitas vezes vemos apenas uma imagem exterior quando pretendemos chegar à essência das mesmas e à forma como foram construídas. Aqui, o papel do investigador enquanto entrevistador torna-se fundamental, pois o modo como conduz e interpreta as entrevistas revela-se fulcral no produto final alcançado.

Neste caso, o tema em estudo relaciona-se com a experiência vivida por atletas com amputação(ões) no desporto, experiência esta vivida pelo corpo e através deste, numa perspectiva que nos interessa explorar de forma temporal (passado, presente e futuro). Deste modo, consideramos as histórias pessoais de cada um, centrando a nossa atenção na relação entre os “comos” e os “quês” da narração do entrevistado e o seu decorrer no tempo (Gubrium e Holstein, 1998). Com efeito, após a transcrição das entrevistas, realizámos uma análise palavra a palavra sobre cada uma delas, no sentido de extrair metáforas dos textos, bem como de ordenar os temas para abordagem e desenvolvimento neste trabalho, sempre numa perspectiva exploratória.

No entanto, não nos podemos esquecer nesta abordagem que os dados recolhidos representam uma experiência contada, mas também reflectida e, como tal, influenciada pelo sujeito e por aquilo que este pensa que o entrevistador espera ouvir, o que importa ter em mente (Bruner, 1991; Moen, 2006).

O nosso grupo de estudo é constituído por seis atletas com amputação(ões), todos estes com personalidades únicas e distintas, mas que se aproximam e afastam em determinados aspectos que os caracterizam. Assim, caracterizam-se pelo facto de todos eles serem praticantes de uma ou mais actividade(s) desportiva(s) e de terem uma amputação(ões), mas afastam-se no tipo de amputação, na causa da mesma, na(s) modalidade(s) praticada(s) e, naturalmente, nas suas experiências, pelo que nos deparamos com um leque aberto de histórias de vida e de experiências vividas como singulares e extremamente ricas na exploração deste tema. É ainda relevante destacar o alto nível desportivo e competitivo de alguns dos nossos entrevistados, que enriquece deveras este estudo.

Tendo em conta o que foi referido até ao momento, optamos por apresentar as narrativas de cada um dos atletas que entrevistamos para enaltecer a singularidade das histórias de vida de cada um e as suas experiências vividas. Assim, após a transcrição das entrevistas, procedemos à exposição dos discursos que mais se evidenciaram nas suas narrativas pessoais, tendo optado por uma ordenação de tipo cronológico, do atleta mais novo para aquele com mais idade.

### **5.1.1 A narrativa da Joana**

A Joana é uma atleta com amputação do membro superior direito devido a uma má formação congénita; pratica Natação, tem 16 anos e é estudante. Esta atleta experimentou, ao longo da sua infância, a prática de um vasto leque de modalidades desportivas, tendo apenas enveredado pela prática da Natação em termos competitivos há 4 anos. No entanto, a Joana tem revelado prestações desportivas de alto nível, tendo, em tão pouco tempo, participado em competições nacionais, internacionais e ido aos Jogos Paralímpicos de Pequim 2008.

A Joana, tal como referimos, tem uma amputação congénita, como tal será de esperar que alguém que desde nascença convive com a sua

amputação, fale desta com naturalidade. A este respeito atentamos no seu discurso:

*“Uma pessoa que nasceu já com uma amputação normalmente não sente tanto, desde que nasceu que sempre foi assim e é sempre tratada da mesma maneira. Lembro-me que quando entrei na escola nunca senti assim grandes diferenças porque sempre me tentei integrar e cada vez que mudava de escola ou encontrava novos amigos, normalmente eles sempre encararam bem a minha diferença. Inicialmente as pessoas podem mostrar-se algo receosas, não sabem como reagir, mas depois acho que colocam essa diferença facilmente de parte e começam a focar a sua atenção noutras coisas, encarando-me como uma pessoa normal.”*

Aqui salienta-se a diferença face ao facto de se ter uma amputação por causa adquirida ou congénita, no caso da Joana, a sua amputação desde nascença e o facto de nunca ter conhecido o seu corpo de outra forma faz com que aceite naturalmente esta diferença, até porque revela desde cedo o desejo de sempre se esforçar por integrar nos meios em que actua. Contudo, esta salienta uma primeira reacção negativa por parte dos “outros” que com o tempo parecem subvalorizar a sua amputação, a sua diferença, em detrimento da pessoa que é, aceitando-a dessa mesma forma, segunda a sua perspectiva.

Por outro lado, esta atleta revela uma atitude positiva face à sua própria limitação, explorando ao máximo as capacidades do seu corpo.

*“Eu sempre me adaptei, sempre fiz as coisas à minha maneira, não é a mesma maneira que A ou B mas é a minha maneira. Acho que não há assim nada que não seja realmente capaz de fazer. Às vezes acabo por demorar um bocadinho mais de tempo do que as outras pessoas em algumas tarefas, mas consigo fazer tudo, sempre fiz aquilo que queria e fui capaz de me adaptar a fazer da minha maneira, criei os meus objectivos. Sempre achei que era capaz e não gostava que me tratassem de forma diferente, mesmo na escola, as professoras, os colegas e assim.”*

Em todo este processo,

*“(...) os meus pais foram sempre os grandes pilares da minha vida e se encarei de forma tão positiva a minha deficiência foi graças a eles também, à sua forma de ser, de como encararam sempre a minha deficiência e como me trataram sempre como normal.”*

Quanto aos “outros”, as pessoas sem deficiência, parece ser evidente a sua presença e o facto de os conceitos enraizados na sociedade actual promoverem a diferença perante a pessoa com deficiência. Para a Joana,

*“(...) vai sempre existir a diferença, porque nunca deixaremos de ouvir as pessoas comentar e de ver os olhares de alguns, é algo que não posso evitar, mas que também não censuro as pessoas. É a minha diferença corporal que chama a atenção, que distingue, mas acho que isso não tem de ser visto sempre como negativo. Penso que se estes assuntos fossem mais falados, houvesse exemplos de pessoas a falar disto na televisão, as pessoas encarariam com mais naturalidade estas questões. Eu se me olhar ao espelho não me sinto nem vejo como uma pessoa diferente, porque sempre me senti integrada nos ambientes que frequentei, na escola, no desporto, e isso sempre me fez sentir como mais uma, igual aos outros e não diferente. Eu acho que estou tão bem integrada que as próprias pessoas que lidam comigo se esquecem da minha deficiência, às vezes em comentários ou coisas que me pedem até se esquecem que não tenho um braço, porque eles não me vêem como diferente, como amputada, mas sim como a Joana que sempre conheceram assim.”*

Com efeito, aqueles que têm uma relação de proximidade com a pessoa com amputação, naturalmente, aceitam a pessoa como ela é e aceitam também a sua deficiência, pelo que se centram apenas na pessoa que existe para além da amputação que as caracteriza. Nesta matéria, apresentamos um

excerto da narrativa da Joana que evidencia, sem dúvida, o seu à vontade e a forma positiva com vive a sua amputação.

*“Eu, na minha vida pessoal, estou muito envolvida em projectos de voluntariado. Aí com os meninos pequeninos, por vezes surgem perguntas engraças, há sempre aqueles que perguntam como é que ficaste sem o braço? E eu tento dar a volta à questão de uma forma engraçada dizendo que deixei o braço em casa, por exemplo, que comi tantas guloseimas que me caiu o braço, tento sempre brincar com a situação, o que demonstra o meu à vontade ao encarar a minha amputação.”*

No entanto, nem sempre foi assim, a Joana disse-nos:

*“Eu antigamente quando entrava nos centros comerciais tinha o hábito de me esconder atrás dos meus pais, mas a partir do momento em que comecei a treinar a sério na Natação, um desporto em que estamos tão expostos isso ajudou-me muito a ultrapassar esta barreira. Hoje em dia mostrar o meu braço, ou o que não tenho dele não me faz qualquer confusão. A partir do momento em que comecei a treinar a sério na Natação, ainda por cima num desporto em que estamos tão expostos nas competições, todos os atletas estão de fato de banho, isso ajudou-me muito a ultrapassar esta barreira.”*

Deste excerto importa salientar a importância que a atleta atribui à prática desportiva, nomeadamente, na Natação em que o corpo é muito exposto através do uso de fato de banho, como contributo fundamental para a superação das questões da diferença do “outro”, mas também para aceitar o seu corpo de forma mais positiva.

Relativamente à amputação propriamente dita, um dos temas que surge naturalmente é a prótese, uma vez que esta se constitui como elemento concebido tendo em vista a substituição do membro perdido. A este respeito, a

Joana não utiliza prótese, apesar de ter tentado adaptar-se a ela, e conta-nos a sua experiência.

*“Quando tinha 5 anos colocaram-me uma prótese como se fosse um gancho, foi a primeira, ainda andei algum tempo para me tentar adaptar, mas não gostava e aos 9 anos fui mudar a prótese para uma com o formato de uma mão. Mas aquilo não me permitia ser quem eu era, acho que ainda me tornava mais deficiente, só me dificultava a vida. Eu eliminei logo a prótese da minha vida e pelas pessoas que conheço com amputação no membro superior, todos eliminam rapidamente a prótese, acho que a prótese para estes, hoje é mais estética mesmo, surge como uma vontade de se sentir normal entre aspas, mas eu acho que não há essa necessidade, eu não sinto essa necessidade.”*

Neste excerto fica bem visível a falta de funcionalidade associada à prótese do membro superior, facto que levou a Joana a rejeitar a sua utilização, uma vez que não seguia aquele que seria seu objectivo, o de facilitar o desempenho das tarefas. Aliás, segundo esta atleta a prótese era percebida como elemento que dificultava mesmo a realização de algumas tarefas que sem prótese ela sentia ser capaz de realizar de forma mais eficaz.

Passando às questões directamente relacionadas com a prática desportiva, importa perceber as experiências vividas pela Joana, nomeadamente pela forma como iniciou esta prática e quem influenciou a atleta nesta tomada de decisão.

*“Eu já pratiquei muita coisa mesmo, e sem dúvida que foram os meus pais que sempre me inculiram este espírito desportista e me proporcionaram um vasto leque de actividades. Comecei com o ballet aos cinco anos, depois entrei para o karaté onde estive oito anos da minha vida e onde eu era a única pessoa com deficiência a praticar, mas como sempre fui evoluindo e consegui ir a um bom nível, só me ficou a faltar o cinto preto que devido à amputação não me era concedido, isto porque eu sempre competi com miúdos*



*normais e cheguei mesmo a ser campeã regional. Depois andei na equitação, no ténis, nos escuteiros, fiz Futebol no Estoril Praia onde jogava com os rapazes, porque eu jogava muito bem e eles colocaram-me na equipa dos rapazes, e ainda por cima era muitas vezes guarda-redes, o que para mim foi um grande elogio. Também andei no voleibol, experimentei fazer surf, sky, snowboard e kit surf, o que ainda hoje faço. A Natação comecei em health clubs com a minha mãe, mas nunca tinha treinado mais a sério nem entrado em competições. Mas, antes dos Jogos Paralímpicos de Atenas, o meu pai viu na televisão uma reportagem da Leila Marques (atleta paralímpica de Natação) e tentou entrar em contacto com ela, porque nunca tinha conhecido ninguém com o mesmo tipo de amputação que eu a praticar desporto e a um nível tão elevado, a treinar num clube com orientação mesmo só para Natação adaptada. A partir daí, os meus pais marcaram uma reunião com o treinador e integrei a equipa, comecei a treinar de manhã e à tarde todos os dias, é um ritmo muito complicado e ainda para mais na minha idade em que estou dependente dos meus pais para me deslocar, principalmente da minha mãe. Nós moramos longe da piscina, então se não houvesse um grande esforço da parte deles eu nunca teria conseguido aquilo que fiz até hoje e aquilo que sou, mas acho que o resultado compensou e em Beijing (Jogos Paralímpicos de Pequim) tivemos todos a certeza que tudo isso valeu a pena.”*

Focando agora a nossa atenção sobre a Natação enquanto modalidade escolhida pela atleta e a qual treina actualmente a um elevado nível desportivo. Aqui, pretendemos chegar às experiências vividas por esta atleta no desporto, salientando-se as mais marcantes.

*“Uma das experiências mais marcantes foi ter tido o prazer de ir aos Jogos Paralímpicos em 2008 a Beijing, foi um sonho mesmo, porque internacionalmente eu nunca tinha participado em nenhuma prova, apenas em meetings e ter ido logo aos Jogos foi algo indescritível.*

*Nunca tinha ido a campeonatos da Europa ou do Mundo, por isso esta foi a minha primeira grande competição internacional. Nesta minha experiência paralímpica houve muitos aspectos marcantes, primeiro nunca tinha estado em nenhuma prova com tantos atletas portadores de deficiência, depois na Aldeia Olímpica o ambiente era fantástico, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas, atletas de outras modalidades e algumas modalidades que eu nem sabia que existiam. E estar numa aldeia onde as pessoas sem deficiência é que são olhadas de lado e que chamam a atenção, isso para mim foi uma sensação muito marcante, isto tudo num ambiente espectacular e que é algo que só acontece de quatro em quatro anos e é sempre diferente, sempre único, mas também o reconhecimento por todo o esforço e dedicação ao desporto para conseguir estar lá presentes. Penso que os meios de comunicação social pecam um pouco na cobertura que fazem destes eventos, acho que deviam dar mais relevo e salientar o esforço e os feitos destes atletas que durante 4 anos treinaram para estar lá. Porque só quem passa por isto sabe o esforço, dedicação e empenho para conseguir atingir este nível, apesar de parecer que as coisas estão a melhorar face aos Jogos Paralímpicos anteriores de Atlanta, Sydney e Atenas.”*

Nestas vivências, a Joana evidencia o papel desempenhado por algumas pessoas mais marcantes na sua carreira desportiva, tal como poderemos observar de seguida.

*”Os meus pais desempenharam um papel muito importante na minha prática desportiva, bem como na opção pela Natação em que comecei a levar a competição mais a sério. Se não houvesse um grande esforço da parte deles eu nunca teria conseguido aquilo que fiz até hoje, mas penso que os resultados que obtive compensaram tudo mesmo.”*

*(...)*

*“Outra pessoa importante no meu percurso desportivo foi sem dúvida o meu treinador, ele sempre investiu e acreditou em mim, tentou levar-me ao máximo de provas possíveis, está sempre a dar-me conselhos, e não podemos esquecer que ele já conseguiu levar cinco atletas aos Jogos Paralímpicos e é o treinador português que mais vezes o conseguiu na Natação adaptada, então algo no seu trabalho é muito bom.”*

Simultaneamente, identificamos na narrativa da Joana a presença de uma figura “heróica” com a qual se identifica, nomeadamente, alguém que pratica a mesma modalidade desportiva e que tem obtido várias vitórias e através delas o reconhecimento social. Para a Joana, esta figura identifica-se com a atleta de Natação adaptada Leila Marques que treina no mesmo clube que a Joana e que foi também por nós entrevistada.

*“Para mim, a Leila Marques constitui um exemplo na vida pessoal e no desporto que quero mesmo muito seguir. Não ser igual, mas vê-la sempre como exemplo de esforço e de superação que espero para mim. O facto de ela ser uma atleta com tantas medalhas e grande mérito, mas também médica demonstra a sua força e empenho de vitória no desporto, mas também na vida.”*

Para além do papel importante desempenhado pela família e pelo treinador, para a Joana, a sua prática desportiva é também significado de criação de amizades.

*“No clube fiz muitas amizades, desde o meu treinador e principalmente três colegas de equipa com quem estou muitas vezes junto também fora dos treinos. Com esses combino cafés, jantares, e outro tipo de actividades para além dos treinos, são realmente amigos.”*

O desporto, na vida da Joana ocupa lugar de destaque e mostra-se como uma actividade imprescindível para si enquanto pessoa, e enquanto

pessoa com deficiência. Para esta atleta, o desporto é superação, é ultrapassar o limite das suas próprias capacidades e mais do que ganhar, o seu objectivo é transcender-se.

*“O desporto é uma filosofia de vida, se eu tentar imaginar a minha vida sem ele vai sempre existir um vazio muito grande. Para mim, o desporto, a Natação, é persistência e disciplina porque às vezes pensamos que não vamos conseguir e quando finalmente conseguimos é uma sensação de força e poder, porque sentimos que seremos sempre capazes de nos superar. A competição não tem aquele significado de ganhar por si mesmo, para mim é superarmo-nos uns com os outros e a nós mesmos na sua essência. Para mim, algo positivo é quando nós fazemos uma prova, chegamos à parede, olhamos para o quadro, às vezes quase sem querer ver, com a sensação de que fizemos uma má marca e vemos que superamos o nosso record, é uma sensação incrível, mas é o que me dá mais força, pois sinto que sou capaz de melhorar e de fazer muito mais.”*

Percebemos, pois, que esta atleta tem objectivos desportivos de alto nível na Natação. Neste momento,

*“(...) a nível da Natação o meu objectivo é ir aos Jogos Paralímpicos de Londres 2012 e ser capaz de obter um melhor lugar do que aquele que obtive nos últimos jogos em que participei ou pelo menos que seja capaz de melhorar as minhas marcas. Eu sinto-me muito mais orgulhosa de ver alguém que foi capaz de melhorar a sua marca do que alguém que até ganhou uma prova mas com um tempo inferior ao seu melhor, para mim é este o valor do desporto.”*

Por fim, quando pedimos à Joana para reflectir acerca de si própria, nomeadamente, sobre aquilo com que se identifica ela referiu:

*“Eu identifico-me com uma pessoa enérgica, alegre, e muito comunicativa, sou um livro aberto sempre pronto a exprimir tudo, a reflectir sobre tudo o que me toca.”*

### **5.1.2 A narrativa do Sandro**

O Sandro é um atleta com amputação do membro inferior esquerdo devido a um acidente de viação ocorrido há cerca de 4 anos. Este atleta tem 24 anos e pratica actualmente Ciclismo, no entanto, antes de ter que ser submetido a uma intervenção cirúrgica para remover o membro, o Sandro era jogador profissional de Futebol, desporto ao qual ainda continua ligado como treinador.

Na fase inicial da sua entrevista, o Sandro falou-nos um pouco acerca da sua amputação e das suas vivências durante este período, após ter perdido o membro num acidente de carro.

*“Depois do acidente tive aquela fase em que tive de me adaptar à nova realidade. É uma situação complicada porque eu não nasci assim e o que tentei fazer sempre foi criar mecanismos na minha cabeça e até mesmo na prática diária para tentar ultrapassar os problemas e as dificuldades que iam surgindo o mais rápido possível. Aí fui à procura do que havia, do que existia para que eu pudesse continuar a minha vida normalmente.”*

*(...)*

*“Episódios marcantes da minha amputação há vários, mas um dos primeiros foi, sem dúvida, numa ida ao shopping, sentia que as pessoas olhavam para mim e tinham pensamentos de coitadinho sobre mim, aquilo revoltava-me muito porque eu não escolhi ser assim. Depois também, por exemplo, quando ia às vezes à praia com a prótese sentia que as pessoas olhavam muito e perguntavam como é que eu conseguia andar assim, não compreendiam como poderia eu reagir tão bem face à minha amputação. Normalmente respondia dizendo que isto foi uma infelicidade que tive, mas não*

*vou deixar de fazer as coisas que gosto só porque isto me aconteceu, é algo que aconteceu, talvez por destino, não sei...mas que fui capaz de aceitar, vivo com isso e sou feliz na mesma naquilo que procurei como objectivos para mim. Foi sem dúvida o meu filho a pessoa que mais me ajudou nesta fase, na altura a minha mulher estava grávida e eu agarrei-me muito a essa fase da nossa vida e depois ao meu filho quando ele nasceu. Eu sabia e sentia que ele precisava de mim bem e isso era um grande incentivo para me esforçar ao máximo na recuperação, por isso ele foi o meu grande motivo para não parar. Aliás, hoje é curiosa a forma como o meu filho de 4 anos vê o pai como amputado<sup>3</sup>, ele diz que quer ter uma perna como a do pai e conta aos colegas na escola que eu tiro a perna todos os dias, o que acaba por criar uma situação muito engraçada. Uma vez tive mesmo que ir à escola mostrar a minha perna aos amiguinhos dele porque não acreditavam nele, foi engraçado. O meu filho nunca conheceu o pai de outra forma, para ele eu sou assim.”*

Estes são os episódios de que o Sandro se recorda quando pensa na sua amputação e até mesmo no seu processo de recuperação. Apesar de ter perdido o membro inferior num acidente e das consequências negativas que tal facto possa ter trazido para a sua vida, este atleta sempre procurou encontrar os meios necessários para superar a sua amputação e encará-la de forma positiva.

*“Hoje vivo a minha amputação com naturalidade, é algo que me aconteceu, talvez por destino mas que fui capaz de aceitar, vivo bem com isso e sou feliz da mesma forma, através daquilo que procurei como objectivos para mim.”*

(...)

---

<sup>3</sup> Apesar da expressão “amputado” ser, em nosso entender, algo a evitar devido à sua conotação estigmatizante face ao sujeito, optamos por manter os discursos dos nossos entrevistados *ipsis verbis*, valorizando as suas palavras e a singularidade de cada uma das narrativas.

*“Eu tive azar mas no meio de tudo até tive muita sorte por poder ainda fazer tantas coisas. Eu sinto-me melhor agora e gosto mais de mim como sou agora do que quando era completo mesmo, agora também o sou claro mas dou valor a coisas muito mais importantes, estou mais sensível aos problemas. Quando me perguntas se me sinto diferente por ter uma amputação a resposta é não. Não me sinto diferente, isso nunca e só se for para melhor. Algumas pessoas às vezes dizem que eu sou especial, mas eu não me sinto assim, apenas considero que me esforcei e fiz as coisas certas para me sentir bem assim.”*

*(...)*

*“Eu era profissional de Futebol e sempre dediquei a minha vida toda a isso, neste sentido, foi um sonho que atirei pela janela e quando aquilo desapareceu, inicialmente foi um grande choque. Com o tempo fui arrançando outros objectivos, tenho o meu filho lindo, a vida tranquila e continuo a fazer desporto que é aquilo que gosto, isso é o mais importante. Apesar de poder jogar e ainda o fazer muitas vezes com amigos, a nível profissional não sou capaz, nem o poderia fazer por questões normativas devido à prótese. Por isso, de momento sou treinador adjunto de uma equipa, dedico-me a isso e aos meus treinos no Ciclismo.”*

A prótese surge aqui para a pessoa com amputação como um elemento fulcral, com o objectivo de suprimir a perda de funcionalidade associada à perda do membro inferior. Neste sentido, a prótese transforma-se no único meio possível de devolver ao sujeito a possibilidade de andar novamente e de se sentir independente. Contudo, como nos narra o Sandro,

*“(...) o processo de recuperação após a amputação não foi nada fácil, mesmo depois durante a fisioterapia e na própria adaptação à prótese. A perda de massa muscular associada à amputação e ao processo de recuperação implica depois um trabalho doloroso de*

*recuperação para o coto poder adaptar-se bem e sustentar a prótese.”*

*(...)*

*“Quando coloquei a prótese pela primeira vez nunca mais a tirei, primeiro comecei por um treino de marcha na fisioterapia, ia ao ginásio e caminhava, aperfeiçoava em frente ao espelho. Depois, também é importante que tu te vás adaptando à prótese e ela a ti e ao teu corpo, há dias que não te sentes tão bem e que até magoa, mas com o tempo vais-te habituando, é todo um processo contínuo, pois o nosso próprio corpo altera-se com o tempo. A importância da prótese é enorme, é a minha vida quase pois sem ela não faço nada, ou se faço estou muito limitado. Eu digo que sem a prótese não sou nada porque eu sou desporto, a minha vida é desporto e sem a prótese não consigo fazer nada. Eu quero a prótese para ser funcional, aliás eu ando com as minhas próteses sem qualquer parte estética, isso não tem qualquer importância para mim, o que importa é que me permita fazer aquilo que gosto, saltar, correr, é ajudar-me a ter um pé e uma perna como antes, ou pelo menos com as mesmas capacidades. Eu tenho três próteses diferentes, tenho uma que é só para correr, uma para o dia-a-dia para passear e tenho uma só para a água, para a Natação. De todas elas, a que eu gosto mais é sem dúvida a que utilizo para correr, é a que me dá mais liberdade que me faz sentir melhor e aproximar mais daquilo que eu era. Hoje a prótese faz de tal forma parte de mim que nem me lembro que ando com a prótese.”*

A adaptação do Sandro à prótese foi de tal forma positiva que hoje se sente capaz de fazer tudo. Este facto também é favorecido pelo uso de três tipos de próteses que lhe permitem actuar de forma mais competente e funcional, mediante as necessidades inerentes aos diferentes contextos em que actua.



*“A minha amputação não me coloca nenhuma limitações mesmo, sou plenamente capaz na minha vida e na prática desportiva de fazer tudo, até consigo obter resultados bem melhores do que muitos atletas ditos normais e eu utilizo uma prótese. Quanto ao meu corpo, eu não tenho problema nenhum em expor o meu corpo em público, tal como a minha prótese que utilizo apenas em termos funcionais. Desde sempre que me adaptei bem à mudança corporal porque comecei a sentir que conseguia fazer as coisas na mesma. Por isso andava muito de calções até com a prótese e não tinha problemas com isso, os problemas que via era nos olhos dos outros que pareciam ficar chocados às vezes. Quanto a mim não, o único exemplo curioso que te posso dar sobre isso é que eu me achava estranho quando me via na televisão, numa gravação de uma prova a correr com a prótese. Nessa situação, realmente parece que não me reconhecia naquela imagem no ecrã, mas na roupa e no espelho foi algo que nunca me preocupou mesmo. Tu quando te sentes capaz de fazer as coisas e vêes que tens tantas potencialidades como eu sinto no desporto, tudo isso passa para segundo plano.”*

O facto de o Sandro utilizar a prótese e conseguir através dela um bom nível de funcionalidade, nomeadamente para a sua vida pessoal, mas principalmente na sua vida desportiva, faz com que este atleta revele uma grande vontade em participar no desporto. Como o próprio atleta referiu no seu discurso, ele era um atleta profissional de Futebol antes de ter sofrido o acidente que lhe retirou o membro através da amputação e este facto constituiu, inicialmente, uma grande mudança na sua vida, mas que rapidamente superou de forma positiva e utilizou a actividade física para isso. Deste modo, importa-nos perceber como é que o Sandro iniciou a prática desportiva após a amputação, bem como quem o influenciou e foi determinante neste processo.

*“Quando após a recuperação comecei a vir para o ginásio treinar, comecei a sentir que estava a recuperar a minha condição física, aí*

*sentia-me bem, mas faltava-me um objectivo. Eu sempre me esforcei muito na minha recuperação, treinava muito e dedicava todo o meu dia à minha recuperação para poder sustentar bem a prótese e depois para aprender a caminhar com ela. Durante estes treinos, em conversa com uma pessoa que me acompanhou sempre muito no trabalho de ginásio e que agora é o meu treinador, este sugeriu-me que eu podia tentar ir aos Jogos Paralímpicos de 2012 em Londres, ele disse que eu tinha muita força de vontade, boas capacidades físicas e foi aí que surgiu a ideia do Ciclismo. De início foi quase uma brincadeira, pensei no Ciclismo porque com a prótese teria de encontrar uma actividade em que me sentisse bem e capaz. Depois comecei a acreditar que realmente era capaz e hoje treino numa equipa mesmo, a “Roda Bike”. Eu tenho levado os meus treinos tão a sério que o meu maior objectivo no desporto agora é conseguir ir aos Jogos Paralímpicos em Londres 2012. Até lá, pretendo ir a todas as provas do regional do Minho, isto para ganhar ritmo, pontuar e poder conseguir atingir os mínimos para conseguir ir aos Jogos. ”*

Neste contexto desportivo, desde que o Sandro optou pelo Ciclismo e está mesmo a treinar com uma equipa, tem vivido diferentes experiências e que partilhou connosco.

*“Ao nível do treino, adaptei-me facilmente à bicicleta mas o Ciclismo é um dos desportos mais duros que conheço, eu senti na pele a intensidade dos treinos comparado com os do Futebol. Quando jogava, treinava duas horas por dia e hoje treino cinco a seis horas por dia, é um esforço e um compromisso muito grande com o desporto. Quanto às experiências, a grande comparação que faço entre o Futebol e o Ciclismo é que num desporto colectivo quando não estás bem podes sempre esconder-te e no Ciclismo não podes simplesmente sair da bicicleta e passá-la a alguém. O Ciclismo é também um desporto muito solitário e não há horas de treinos,*

*ninguém me vai bater à porta para treinar se eu não o fizer, eu é que tenho de ir por vontade própria, tem de haver uma disciplina, uma vontade e um querer muito grande para se conseguir. Por outro lado, as experiências que tenho da participação em provas são todas em confronto com atletas ditos normais e os resultados que tenho obtido com a prótese têm sido muito bons, por isso, permitem-me sonhar com a participação nos próximos jogos.”*

Nestas suas experiências desportivas vividas, após a amputação, para além do seu treinador, que parece desempenhar um importante papel no seu percurso e até mesmo no facto de o Sandro ter estabelecido elevados objectivos na sua prática. Este atleta parece ainda ter pautado o seu percurso pela imagem daquele que poderemos designar pelo seu ídolo, como modelo de acção a seguir.

*“Uma pessoa que já me marcava antes e agora ainda sigo mais é o atleta Lance Armstrong, nomeadamente pela sua história de vida. Ele teve um cancro, deu a volta ao seu problema e continua a ganhar provas, voltou mesmo a ganhar a volta a França dando uma grande prova e lição de vida por isso para mim, tem sido um exemplo.”*

Na vida do Sandro, o desporto ocupa lugar de destaque pelo valor que o atleta atribui à sua prática desportiva, ele disse-nos mesmo que:

*“(..) eu penso que a seguir à minha família e às pessoas que amo vem logo o desporto, nele a competição vem como objectivo, serve não para eu ser melhor do que o meu adversário mas para me superar a mim mesmo.”*

A nível profissional, neste momento o Sandro é treinador de Futebol e está a estudar para concluir o 12<sup>o</sup> ano de escolaridade. No entanto, tem projectos em termos futuros que passam, não só pelo desporto, mas também pelo auxílio à pessoa com amputação.

*“Eu tenho o sonho de criar uma fundação e poder fazer algo pelos amputados em Portugal, nem que seja apenas poder passar informação sobre aquilo que existe para estas pessoas, porque muita gente não sabe e não está sequer informada sobre as suas possibilidades. Eu passei por esta situação e sei bem como foi, sei bem do que precisam.”*

O facto de ter sido submetido a uma intervenção cirúrgica que lhe removeu o membro e ter passado pelo processo de recuperação inerente a este acontecimento, faz com que o Sandro esteja hoje mais atento às questões relativas à deficiência; aliás este refere mesmo que a sua amputação o mudou muito como pessoa a este nível.

*“Curiosamente, as pessoas se calhar esperam que eu diga que depois da minha amputação, o que mudou foi a forma como fazia as coisas, mas não, aquilo que mais mudou foi a minha forma de ver a vida, eu sinto que sou mais e melhor pessoa do que quando era completo, sou muito mais sensível aos problemas dos outros.”*

*(...)*

*“Quando eu penso em mim, eu vejo-me como um guerreiro, é isso que eu sou e que tenho sido na minha vida desde a amputação.”*

### **5.1.3 A narrativa da Leila**

A Leila tem 27 anos, é médica e pratica Natação adaptada a nível competitivo desde os 12 anos de idade, tendo anteriormente experimentado as modalidades de ginástica e de karaté. Esta atleta tem uma amputação do antebraço e mão direita devido a uma má formação congénita do membro. A Leila Marques é uma das atletas portuguesas mais medalhadas a nível nacional, internacional e paralímpico na Natação adaptada, tendo representado o país várias vezes em competições de alto nível e obtido prestações desportivas elevadas, tal como poderemos observar mais à frente quando nos conta as suas experiências desportivas.

A Leila tem uma amputação congénita e o facto de ter nascido já sem o membro superior faz com que esta fale deste assunto e encare a sua amputação com naturalidade.

*“Eu vivo a minha amputação com grande naturalidade, sem qualquer tipo de problema ou dificuldade. Eu costumo dizer que no meio do azar de ter uma deficiência, tive muita sorte porque a minha deficiência é uma deficiência que não me trouxe praticamente nenhuma incapacidade no meu dia-a-dia.”*

A Leila narrou-nos algumas das suas experiências relativas à amputação, desde a infância até aos dias de hoje, das quais expomos algumas delas.

*“Eu tive a sorte de crescer numa família que me educou bem e me fez crer que eu valia tanto quanto os outros ditos normais. Recordo realmente o meu primeiro dia de escola, senti que havia algum ressentimento por parte dos colegas. De início eles afastavam-se um pouco, mas também me recordo que rapidamente ultrapassamos essa situação com as brincadeiras naturais de criança. Depois, a partir daí eu realmente sempre encarei isto de uma forma muito positiva e nunca valorizei muito. Recordo que as minhas irmãs é que davam mais importância a isso, lembro-me de ir na rua e as pessoas olharem para mim e eu nem sequer reparava, mas elas ficavam perturbadas com isso. Os meus pais não me recordo de terem este tipo de reacções, mas as minhas irmãs são mais velhas que eu e sempre me protegeram muito. Foi complicado para elas lidarem com esta situação, inicialmente, a sua atitude era proteger-me, depois à medida que fui crescendo lembro-me de algumas situações em que elas faziam exactamente o contrário. Lembro-me, por exemplo, de estarmos às refeições e a minha mãe pedir a uma delas para me ajudar a cortar o bife e elas aí já não ajudavam, diziam ela que se desenhilhe, mesmo a apertar os atacadores elas diziam, ai não ela que arranje forma de o fazer sozinha.”*

Aqui fica evidente que após uma fase inicial, em que a própria família da Leila teve de se adaptar à sua amputação. Entretanto, os seus pais e as suas irmãs sempre fizeram com que esta se sentisse como os “outros”, não a tratando de forma diferente pelo facto de ter uma amputação. Este facto parece justificar a forma como a atleta encara hoje de forma tão positiva a sua amputação e o seu corpo próprio como nos contou na entrevista.

*“Eu sempre me relacionei muito bem com o meu corpo, nunca passei pela fase de esconder a minha má formação. Em termos de amizade ou de relacionamentos nunca tive problemas, mesmo em adolescente posso dizer que tive sempre a sorte de ter bons amigos e alguns namorados engraçados que sempre me aceitaram assim. Depois também na Natação, ao obter bons resultados, as pessoas acabavam por reconhecer o meu esforço, acabava por compensar de outra forma. Aliás, os meus professores na escola, os colegas e amigos apoiavam-me imenso e congratulavam-me pelo que conseguia, tinha o apreço deles.”*

(...)

*“Aliás, penso que a este nível apenas senti dificuldades já na fase adulta. Aí dias complicados tive, por exemplo, quando tentei entrar para a faculdade onde foram necessários pré-requisitos e tive receio de não conseguir passar nas provas devido à minha amputação, mas o certo é que consegui sempre. Até acabou por ser um bocadinho mais difícil quando passei à fase de adulto e como profissional no estágio na faculdade cumprimentamo-nos, normalmente, com a mão direita e houve um choque inicial sobre como haveria de ultrapassar essa situação, mas acabei por resolver, cumprimento com a mão esquerda e as pessoas quando se apercebem, cumprimentam logo automaticamente com a mão esquerda também.”*

Neste processo de adaptação à sua amputação, ainda em criança a Leila passou pela experiência de utilizar uma prótese do membro superior, mas

nunca se conseguiu adaptar e sentir bem com este elemento, sendo que, actualmente, não utiliza prótese.

*“Cheguei a usar prótese até aos 11 anos de idade mas nunca gostei, até porque achava que atrapalhava mais do que ajudava. Aqui passei pela experiência de Alcoitão, lá fiz muitas amizades e os médicos eram extraordinários, o facto de eu ter ido para medicina deve-se muito a estes tempos e às experiências que eles me proporcionaram lá. Acabei por usar prótese porque me foi imposta, até me desvenencilhava bem com ela, fazia os treinos em Alcoitão, passei pelas várias fases de usar inicialmente uma prótese tipo gancho, depois já com uma prótese que tem o aspecto de uma mão mesmo, mas que sempre achei que tinha muito pouca funcionalidade. A partir da altura em que comecei a usar a mão não gostava nada, as outras próteses acabavam por ser muito mais práticas no dia-a-dia, a mão que era muito mais estética, era muito menos funcional, então optei por não usar. Assim, por volta dos 12 anos decidi mesmo não usar prótese por isso ela para mim não significa nada. Fotografias, só tenho realmente na primária em que estou com a prótese, mas quando me vejo nem pareço realmente eu, é muito esquisito olhar para aquelas fotos. Lembro-me, por exemplo, nas aulas de Educação Física na escola, tirava sempre a prótese nas aulas e um dia deixei a prótese junto ao passeio para fazer as actividades práticas e esqueci-me dela, só voltei lá no dia seguinte para a ir buscar. Às vezes só quando chegava a casa sem braço e a minha mãe ficava furiosa é que eu me lembrava, não era mesmo nada prático.”*

Este último exemplo torna evidente que a prótese, para esta atleta, não teve nenhum significado, porque, mesmo quando a usava, tirava-a para realizar grande parte das tarefas da vida diária e até mesmo na prática desportiva. Neste sentido, a prótese não lhe permitia recuperar a função perdida com a falta do membro nem a ajudava na realização das tarefas em que poderia

precisar de auxílio, ou seja, não cumpria a sua função funcional como a atleta desejaria. Assim, desde cedo deixou a prótese e adaptou-se a realizar as tarefas sem o braço.

*“Quando penso no me dia-a-dia, nas tarefas que tenho no meu trabalho, nos meus treinos na Natação, sinto que consigo fazer tudo. Às vezes acabo por demorar um bocadinho mais de tempo do que as outras pessoas, mas não há assim nada que não seja realmente capaz de fazer, adaptei-me bem à falta do braço.”*

No entanto, a Leila é um óptimo exemplo da forma como muitas vezes a pessoa com amputação é capaz de superar as dificuldades funcionais inerentes à ausência de um membro neste caso, mas mesmo assim tem de adaptar os seus próprios objectivos de vida, objectivos profissionais, por exemplo, tendo em conta a limitação funcional que a sua amputação traz associada.

*“A verdade é que na minha profissão, na medicina, faço tudo, mas é óbvio que acabei por escolher uma especialidade em que me fosse mais fácil cumprir todas as tarefas sem necessitar do auxílio de ninguém, por isso fui para medicina geral e familiar. Em termos técnicos tive óptimos professores que me ajudaram a adaptar às situações e a e sentir-me médica por completo, capaz de fazer tudo.”*

Relativamente à forma como esta atleta reage perante o seu corpo próprio, importa-nos realçar e atentar no seguinte excerto da sua narrativa, uma vez que a atleta é extremamente clara nas palavras que utiliza.

*“Em relação ao braço propriamente dito nunca tive complexos, é engraçado que a Natação para além de melhorar a vertente de ver o meu corpo como normal e me ter ajudado muito no início, depois tive a consequência de ter os ombros largos das nadadoras e acho que mesmo quando procurava roupa para vestir esse aspecto sempre me preocupou mais do que a falta do braço em si mesma, as*



*preocupações eram mais tentar esconder os ombros largos do que o braço, acaba por ser curiosa essa sensação. Mesmo quando comprava roupa, nunca senti qualquer necessidade em esconder o braço que não tinha, sempre usei tops de verão e nunca fiz grandes adaptações ao vestuário. Por isso, quando me perguntas se me sinto diferente, nesse aspecto acho que realmente nunca me senti, porque soube valorizar-me em diferentes áreas e não me sinto de todo diferente das outras pessoas. Mesmo na Nataação que em termos corporais é uma modalidade em que expomos muito o corpo, não sinto isso, aliás até me ajudou muito neste aspecto.”*

Este último excerto da narrativa da Leila toca no nosso próximo tema em foco neste estudo, a prática de desporto adaptado. No caso desta atleta, ela não só nos contou como se iniciou no desporto, como nos referiu as pessoas marcantes neste processo, relatando diversas experiências que vivenciou neste contexto.

*“Eu sempre pratiquei desporto incentivada pelos meus pais, comecei muito cedo aos 3 anos por indicação médica, porque a maior parte das pessoas com deficiência são incentivadas pelos médicos a praticar Nataação. A partir daí nunca mais parei, porque realmente gostei imenso do meio aquático e então desde que entrei para a competição ainda me motivou mais. Para além da Nataação, também pratiquei ginástica e karaté onde ainda ganhei algumas medalhas a nível regional. Depois, quando tive realmente a primeira oportunidade de ir aos Jogos Paralímpicos, tive de fazer uma opção, pois era muito complicado treinar Nataação e karaté a alto nível e aí decidi dedicar-me em exclusivo à Nataação. Mas adorei as experiências que tive no karaté em que participei nos combates dos ditos normais e ainda ganhei algumas medalhitas a nível regional, foi uma experiência muito boa. Decidi pela Nataação porque realmente era um desporto paralímpico e o karaté não, para além deste facto*

*também tinha mais predisposição para a Natação e mais hipóteses de evoluir e obter bons resultados.”*

Na Natação, a Leila viveu várias experiências, uma vez que é uma atleta de alto nível competitivo e que já participou num inúmero leque de provas, mas que nos deixou aqui aquelas que mais a marcaram, umas sob o ponto de vista positivo, outras negativo.

*“Experiências tenho muitas, mas marcou-me muito quando em Atlanta vi acender pela primeira vez a chama Olímpica, neste caso a Paralímpica. Foi um momento extraordinário que realmente compensa o esforço todo que fiz para lá chegar e ver o estádio cheio naquele ambiente. Uma coisa que também me marcou e que nunca havemos de ter outra, sem dúvida, foi ver a piscina em Sydney, nos Jogos Paralímpicos em 2000, com capacidade para 17.500 pessoas, em todos os dias de provas, eliminatórias e finais sempre repleta. Depois, sem dúvida, a minha primeira medalha a nível mundial, em 2002 na Argentina em que ganhei a medalha de prata nos 100m bruços. Este foi, realmente, um momento marcante porque senti que tinha capacidade para continuar mais uns anos na Natação e a lutar por uns lugares cimeiros. Ah e claro não podia deixar de referir a minha primeira medalha de ouro em 1999 nos campeonatos da Europa, não estava mesmo nada à espera e ouvir o nosso hino foi para mim um sinal de reconhecimento incrível. As experiências marcantes no desporto são imensas mesmo e, em geral, muito positivas, mas no meio de tudo há sempre coisas menos boas. Recordo-me no primeiro campeonato da Europa que fui, o resto da equipa já vinha dos anos anteriores, já tinham todos ido aos Jogos Paralímpicos de Barcelona e nesse ano, pela primeira vez desde 1992, entrei eu e outro rapaz também amputado para a equipa. Aqui, foi curioso porque dentro da deficiência acabamos por nos sentir um bocadinho excluídos por sermos as únicas duas pessoas novas. Lembro-me de estarmos a tirar fotografias e eles diziam: agora a foto*

*sem eles e eles éramos nós os dois. Isto tornou a experiência algo negativa para mim e marcou-me porque mesmo dentro da deficiência havia discriminação. Há também outros aspectos negativos, vêis atletas ditos normais que treinam tanto como nós e têm muito mais apoios e realce na comunicação social. A comunicação social, apesar de já estar melhor, não faz o seu papel da mesma forma, é aí que sinto a diferença. No ano olímpico e no tempo intermédio, quando precisamos de mais apoio, andamos cansados e não temos destaque nenhum e isso do ponto de vista psicológico não ajuda.”*

O desporto salienta-se, assim, como palco privilegiado de vivências de sucesso e de reconhecimento social para esta atleta, de partilha de experiências com os outros e de superação das suas próprias capacidades. Não obstante, o palco desportivo tem vários agentes intermediários neste processo, exercendo, cada um deles, diferentes funções e assumindo papéis distintos. No caso da Leila realçamos, não só a sua família, citada antes neste texto, mas também o seu treinador, os seus colegas de treino e ainda a figura criada como exemplo a seguir, o seu ídolo.

*“O meu actual treinador foi, sem dúvida, uma pessoa que realmente me marcou. Primeiro pela disponibilidade que tinha para nós e por ter optado por se dedicar à nossa equipa a tempo inteiro, acredito que continue a ser o único clube a ter um treinador a dedicar-se à equipa de Natação adaptada em exclusivo. Ele está sempre disponível para nós na piscina, aliás a mim o que me valeu para conseguir fazer medicina e continuar na Natação foi este facto. Para além disso, ele também tinha a experiência de ter sido nadador e transmitiu-nos os sentimentos dele. E, sem dúvida, que a sua maior virtude é o facto de nos encarar e olhar para nós primeiro como atletas e só depois como atletas com deficiência.”*

*(...)*

*“Na Natação e no desporto fiz muitos amigos mesmo. Aliás, no desporto, as amizades lá criadas transferem-se para a nossa vida naturalmente, o desporto é, sem dúvida, a minha primeira família como costume dizer, como colegas de equipa somos muito próximos e combinamos muitas actividades fora dos treinos.”*

*(...)*

*“De início uma pessoa marcante para mim na Natação foi, sem dúvida, a Susana Barroso que é também uma atleta paralímpica e que fazia parte do meu clube, já era uma atleta conceituada e já tinha muitas medalhas quando eu entrei. Eu comecei em 1995 e ela em 1998 já tinha três records do mundo e três medalhas de ouro no campeonato do mundo. Depois, mais recentemente marcou-me ter conhecido a Rosa Mota com a qual colaborei num projecto. Ela transmitiu-me a experiência dela enquanto atleta Olímpica e Campeã Olímpica, o que achei fantástico e que ficou como pessoa de referência.”*

Deste modo, o desporto evidencia-se, pelas redes sociais que cria, naturalmente, pelo facto de promover a interacção entre várias pessoas que partilham o mesmo tipo de “problemas” e a mesma condição corporal. Aliás, o desporto parece mesmo favorecer a relação que se estabelece com o corpo. Tal como referiu no seu discurso, a Leila é uma das atletas que evidencia este contributo de forma mais esclarecedora.

*“A participação no desporto fez com que eu logo à partida encarasse o meu corpo de uma forma normal, nunca passei pela fase de esconder a minha má formação. Ainda mais na Natação, num desporto em que estamos extremamente expostos, andamos sempre de fato de banho perante uma plateia repleta de gente. Depois, também na Natação, o facto de ter conseguido bons resultados, as pessoas acabavam por reconhecer o meu esforço. Os meus resultados traziam o apoio e a valorização dos outros que me congratulavam pelo que conseguia, aí foi muito bom. De início,*

*quando comecei na Natação, havia ali aquela preocupação em expor o corpo, motivada por não ter o membro, mas depois como sempre me saí tão bem dentro de água e nadava tão bem, mesmo não tendo o membro, que me fez sentir totalmente à vontade. Isso também sentia por vezes na praia, era engraçado ver o nadador salvador, assim que eu me dirigia à água, vir atrás de mim, mas no fundo eu safava-me melhor do que muita gente dentro de água mesmo sem o braço. Quando penso neste tema, tenho a certeza que, sem dúvida, a Natação foi fundamental para encarar o meu corpo como normal, como atleta, na competição permitiu-me acreditar mais em mim e ter mais auto-confiança nas minhas capacidades. Mesmo em termos futuros, penso que as experiências desportivas que tive na Natação vão influenciar todas as minhas decisões porque o desporto me ajudou a conhecer muito melhor as minhas capacidades em termos físicos, permitiu-me obter reconhecimento social e também me tem aberto muitas portas que pretendo sempre aproveitar de futuro.”*

Neste momento, a Leila vai iniciar uma fase de destreino, uma vez que pretende deixar a competição na Natação ao mais alto nível.

*“De momento os meus objectivos no desporto são realmente começar e destreinar-me aos poucos. Isto, porque é muito complicado pensar na hipótese de abandonar a competição ao fim de tantos anos de trabalho e dedicação, é um vazio que vai começar a existir e é preciso todo um processo de mentalização para isso, tenho de ir reduzindo de forma progressiva as cargas que sempre fiz, pois começo a sentir-me velha para estas coisas. No entanto, nunca seria capaz de deixar este mundo e estas pessoas para trás, por isso pretendo poder dar uma ajuda ao clube naquilo que precisarem e eu puder contribuir.”*

Esta vontade de, mesmo abandonando a Natação na sua vertente competitiva, permanecer ligada a esta modalidade e ao clube torna-se clara no seguinte excerto.

*“Para além de pretender terminar a minha especialidade na medicina, há ainda duas outras que pretendo tirar, não pretendo parar. Eu já fiz uma pós-graduação em medicina desportiva e vou iniciar este ano a especialidade de medicina desportiva no Centro de Medicina Desportiva de Lisboa, mas gostava ainda de tirar medicina física e de reabilitação como terceira especialidade, porque é uma área que sempre gostei, pelo que parece que vou aqui acumular funções. Por outro lado, no que diz mesmo respeito ao desporto adaptado, nós para podermos participar nas competições temos de ser classificados a nível médico-desportivo, o que é feito por médicos e por treinadores e eu, realmente, gostava de fazer parte de uma equipa destas. Já fiz a formação teórica necessária no ano passado, através do Comité Paralímpico Internacional, e agora quando deixar mesmo de competir, pretendo continuar a participar nas competições, mas na vertente de classificação, iniciar a nível nacional para depois me poder candidatar a classificar a nível internacional.”*

Por fim, pedimos à Leila que pensasse em si própria e nos dissesse com o que se identificava, questão à qual hesitou muito em responder, mas que terminou dizendo que,

*“(...) é difícil pensarmos em nós mesmos e responder até porque para mim mais importante do que tudo é que as pessoas quando se lembram de mim não recordam o facto de eu ser portadora de deficiência, de eu ter uma amputação, recordam-me por aquilo que eu sou como pessoa, por aquilo que eu faço, é aí que está o meu valor.”*

#### 5.1.4 A narrativa do Bruno

O Bruno é um atleta com amputação do membro inferior direito devido a um acidente de mota ocorrido há 9 anos. Tem 29 anos, pratica Atletismo e Basquetebol em cadeira de rodas, apesar de se dedicar com mais determinação à prática desta segunda modalidade, participando em provas nacionais de ambas as modalidades. O Bruno é licenciado e trabalha como empregado de escritório com o seu pai.

Na nossa entrevista salientou-se a boa disposição deste atleta, que nos respondeu a todas as questões colocadas com grande à vontade, relatando-nos como viveu a sua amputação, o processo pelo qual passou e o papel que o desporto teve e tem ainda em toda a sua experiência vivida, pelo que focaremos, em seguida, a atenção nos seus discursos.

*“Eu era uma pessoa muito activa, vivia muito para o desporto, para o Futebol e para as motas, para as coisas que gostava. Na altura que sofri a amputação tinha entrado há pouco tempo na faculdade e sempre vivi muito a minha vida académica de farras, noitadas e praxes, não parava. No início mudou muita coisa pois no ano em que fiquei amputado acabei por perder o ano na faculdade porque com as operações, a fisioterapia, a recuperação, tal como depois a adaptação à prótese, roubavam-me muito tempo. Depois, aos poucos comecei a fazer as coisas que fazia e voltei à minha rotina. Durante este período de recuperação, também me afastei um pouco dos meus amigos e depois foi todo um processo de voltar à normalidade. Nesta fase da minha vida o mais difícil, foi principalmente a dificuldade em adaptar-me à ideia de ficar sem um membro, essa foi a pior parte, tentar adaptar a minha vida, uma vida que sempre foi activa à perca de um membro. Com o tempo fui-me adaptando e hoje faço tudo o que eu fazia antes, às vezes nem me lembro que sou amputado.”*

Para o Bruno,

*“(..) todo este processo da amputação foi muito doloroso, não só na fase inicial em que as dores físicas eram muitas, mas que também a nível psicológico se vai muito abaixo mesmo. Eu era um jovem que adorava motos, carros e tudo o que fossem desportos motorizados e de alta velocidade e a primeira coisa que me veio à cabeça quando me vi na cama do hospital foi que nunca mais poderia fazer o que gostava. Inicialmente foi um choque muito grande, era um rapaz cheio de vida e de projectos, quando me vi sem uma perna foi difícil. Mas isso foi só no início, depois comecei a perceber que ainda era capaz de fazer muita coisa e que se tinha pessoas que gostavam tanto de mim só tinha mais era de lutar contra esta infelicidade que me aconteceu e recuperar o melhor possível para voltar à minha vida. Na altura, a minha família apoiou-me muito a perceber que tinha apenas de lutar contra esta infelicidade, porque ainda era capaz de fazer tantas coisas, no fundo, tinha de acreditar na sorte que tive.”*

Nestes excertos da narrativa do Bruno evidencia-se a sua dificuldade inicial em encarar a amputação e a perda do membro, tendo passado por uma fase que identificou como dolorosa e que o marcou muito. Contudo, a sua própria juventude na altura, o facto de ter tido o apoio da família e dos próprios médicos fez com que este conseguisse ultrapassar esta fase e foram figuras vitais na forma como recuperou e encara hoje de forma positiva o seu corpo.

*“Para além da minha família que sempre me apoiou e me deu força, o médico no hospital sempre foi muito positivo, disse sempre que eu com um bom processo de fisioterapia e de adaptação a uma prótese seria capaz de recuperar quase todas as minhas funções e isso começou a animar-me. Aliás, eu um ano depois do acidente voltei a andar normalmente e até voltei a andar de moto. O facto de ter conseguido isso, algo que pensei que nunca mais iria fazer, deu-me*



*um grande alento e força para continuar e estar cada vez melhor adaptado à prótese. Aí, o meu fisioterapeuta foi fantástico e sempre acreditou muito em mim, me ajudou muito, aliás ainda hoje somos amigos e quando vou lá falamos sempre bastante, até recordamos os meus momentos iniciais e situações engraçadas em que cheguei a cair nas primeiras vezes que me colocava de pé com a prótese. Estas pessoas foram, sem dúvida, as responsáveis por eu ser aquilo que sou agora como amputado.”*

Por outro lado, a partir do momento em que o Bruno começou a usar prótese esta ajudou-o a sentir-se capaz e a ver a sua amputação de uma forma mais positiva, também pelas possibilidades que a sua utilização lhe permite.

*“A prótese na minha vida é o meu movimento, a minha possibilidade de andar e de voltar a ser a pessoa que eu era. Com a prótese sinto que sou capaz de fazer tudo mesmo, apesar de ter adaptado, de certa forma, a maneira como fazia e como agora faço algumas coisas, não me sinto limitado e faço a minha vida toda normal com elas. Sem as próteses seria muito mais dependente nas tarefas e depois também é o facto de me permitir continuar ligado ao desporto de alguma forma, facilitando-me a prática. Hoje em dia nem me lembro que ando com a prótese, faz parte de mim, não tenho qualquer problema em me ver ao espelho com a prótese, em pegar nela ou andar com ela.”*

Mas claro que uma amputação está também associada a uma mudança brusca em termos corporais, mudança esta que é sentida especialmente por aqueles que como o Bruno nasceram com o membro e este lhes foi retirado de forma traumática. A este respeito, o atleta disse-nos,

*“(…) obviamente que se sente no início uma grande mudança corporal, mas eu acho que vai tudo da aceitação do problema. A situação é complicada, mas é preciso ultrapassá-la e habituar-se à ideia. Hoje olho-me ao espelho, vejo-me no banho, na praia, com*

*prótese ou sem prótese, com calções ou calças, sem qualquer tipo de problema e aliás, sinto-me bem com o meu corpo. Aqui, o desporto ajudou-me muito por praticar com outros atletas com deficiência e por me fazer sentir capaz de superar sempre a mim mesmo e aos outros.”*

Actualmente, o Bruno, tal como todos os outros atletas que entrevistámos, vive com naturalidade e de forma positiva a sua amputação, centrando-se essencialmente nas capacidades que tem e não nas limitações que a amputação, eventualmente, lhe terá criado na vida. Assim, quando o questionamos se este se sente diferente pelo facto de ter uma amputação ele respondeu-nos do seguinte modo:

*“Eu não me excluo nem me sinto diferente apenas por não ter a perna. Mas a verdade é que as pessoas com quem nos cruzamos e se apercebem do nosso problema nos tentam fazer sentir diferentes. Muitas vezes até tenho vontade de esconder o problema precisamente para não ter de sentir que me tratam de forma diferente. Mas tenho mais é de mostrar que isto não me torna diferente nem menos ou pior pessoa por isso, pelo contrário. Neste aspecto, o facto de ter começado a praticar desporto ajudou-me muito, elevou a minha auto-estima e a minha confiança, para além das vantagens motoras da prática desportiva claro e do aspecto psicológico muito importante pois aqui posso extrapolar o que sinto também, ser eu e mostrar que sou muito capaz, até porque tenho óptimas prestações desportivas, melhor certamente do que muitos ditos normais.”*

Neste processo, o desporto foi referido pelo atleta como local privilegiado no qual explora as suas capacidades, onde as evidencia perante os outros e onde, naturalmente, é reconhecido pelas suas prestações positivas. Nesta perspectiva, e tendo em conta a importância atribuída ao desporto a este

nível, importa compreender como é que o Bruno iniciou a sua prática desportiva e as experiências que esta participação lhe tem permitido viver.

*“Eu já jogava Futebol antes de ser amputado e isso faz com que o gosto pelo desporto já viesse de trás. Depois da amputação, nunca pensei voltar a praticar desporto, nem sabia o que me esperava e as primeiras sensações de me ver sem perna foram muito más. Mas depois, na fisioterapia falaram-me que havia clubes onde eu poderia voltar a praticar desporto, não no Futebol como fazia antes, mas que podia e então falaram-me na APD-Leiria. Assim, contactei a associação e comecei por experimentar o Basquetebol em cadeira de rodas que já tinha ido assistir a uns treinos antes e gostei muito. Gostei do grupo e da actividade em si e pela minha idade, o facto de ser muito novo, achei que tinha algumas possibilidades naquilo. Depois já de estar a treinar no Basquetebol há algum tempo, fui experimentar no Atletismo, em corrida em cadeira de rodas e ainda cheguei a participar em algumas provas com bons resultados, mas depois para trabalhar a sério em dois desportos era complicado e como desporto de equipa que é optei pelo Basquetebol em cadeira de rodas. A Natação é apenas um complemento que faço porque me ajuda a relaxar bastante, favorece o reforço muscular e a agilidade.”*

*(...)*

*“A experiência mais marcante que tive no desporto foi quando ganhei a minha primeira medalha no Atletismo, foi um momento muito especial. Aí, o meu treinador chegou a ver em mim possibilidades para ir aos Jogos Paralímpicos, mas eu nunca aspirei ir tão alto e isso implicaria treinos tão intensivos que teria de deixar o Basquetebol por uns tempos e isso não queria, foi mesmo opção minha. Depois tive também um torneio em Barcelona em que ficámos em primeiro lugar quando as expectativas eram baixas até, mas estivemos em grande forma e funcionámos como uma equipa, um todo mesmo e foi fantástica a sensação de vitória final, principalmente quando não se espera nada e se ganha tudo.”*

Na sua actividade desportiva, este atleta fez ainda questão de salientar a importância que teve o seu treinador.

*“O meu treinador foi a pessoa mais marcante neste processo, foi aquele que me recebeu no Basquetebol, ele foi sempre a minha força, o meu apoio e, sem dúvida, o primeiro a acreditar em mim e a dar-me confiança. Ajudou-me nos treinos e fora disso na forma como passei a ver a minha amputação e a tirar proveito do potencial que ainda tinha apesar de ser amputado. As medalhas que ganhei e muito do que sou devo a ele claro e é uma pessoa mais velha que também oiço muito noutras questões mesmo da vida profissional ou pessoal.”*

Para o Bruno, o desporto é percebido como vital e vivido de forma intensa, através da possibilidade que dá ao atleta de testar as suas próprias capacidades e as evidenciar perante os outros, perante o público nas competições e perante si mesmo.

*“O desporto é a minha forma de expressão e de libertação de energias, é também o que me faz sentir e mostrar que sou capaz, que sou bom naquilo que faço e sentir-me bem comigo mesmo. Não imagino a minha vida sem desporto e acho que se ele não tivesse voltado à minha vida eu seria uma pessoa muito menos feliz e realizada do que sou hoje. Aliás, no início os meus objectivos eram apenas a recuperação da forma física, um meio de convívio e de me fazer sentir a pessoa activa que sempre fui. Hoje, os meus objectivos são ajudar a equipa, melhorar como atleta e claro de estar com os amigos e manter também a forma física. Contudo, em termos futuros a minha ambição é conseguirmos ganhar algo, uma competição a nível nacional, por exemplo. E depois, mesmo quando deixar a modalidade, pretendo sempre ficar ligado à APD-Leiria onde gostaria de treinar até uma equipa ou, por exemplo, criar um grupo de apoio e de informação a pessoas que passem pelo mesmo problema que eu, porque acho que tive muita sorte em ter passado*

*pelas pessoas certas, senão talvez nunca mais tivesse praticado desporto e tivesse a vida que tenho.”*

*(...)*

*“Os meus objectivos mudaram muito ao longo da minha prática desportiva, desde o Atletismo ao Basquetebol, fui mudando os meus objectivos e encarando o desporto cada vez de forma mais séria, tornando-se este, cada vez mais importante para mim. No início, os meus objectivos eram apenas a recuperação da forma física, via o desporto como meio de convívio e de me sentir a pessoa activa que sempre fui. Depois, houve uma fase em que o que mais queria era a vitória, fosse no Atletismo onde cheguei a ganhar algumas medalhas a nível nacional ou no Basquetebol onde queria sempre ajudar ao máximo a equipa a ganhar. Hoje são essencialmente os objectivos de ajudar sempre a equipa, de melhorar como atleta, de me manter em forma e, sem dúvida, de estar com os amigos, porque fiz muitos amigos no clube.”*

Ao longo da experiência no desporto, o Bruno revelou uma mudança clara de atitude, tendo passado por três fases: uma primeira em que encarou o desporto sob uma perspectiva de convívio e de lazer, uma segunda fase em que a vitória e a superação das suas próprias capacidades orientaram a sua prática e, por fim, os seus objectivos futuros que passam pela ideia de contribuir para a equipa e manter as amizades que criou no desporto.

Por fim, a última questão que colocámos e também aquela que se revelou mais difícil de responder para os nossos entrevistados, mostra-nos a forma como o Bruno se identifica, como se vê a si próprio.

*“Aquilo que me vem mais rápido à cabeça quando penso em mim é um lutador cuja maior vitória na vida foi ultrapassar a amputação que sofri e ser aquilo que sou hoje, acho que já sofri e superei tanto que isso me tornou mais forte, mas também cada vez mais empenhado em viver ao máximo e aproveitar tudo o que a vida me dá de bom.*

*Com a amputação eu não mudei só o corpo, eu mudei muito também como pessoa, hoje dou mais valor a certas coisas.”*

### **5.1.5 A narrativa do Francisco**

O Francisco tem 34 anos, é licenciado e desempenha a função de Técnico Superior de Segurança Social, estando ligado este seu trabalho à pessoa com deficiência. Este atleta pratica Natação e tem uma amputação do membro inferior direito por causa traumática, devido a um acidente ocorrido há 13 anos.

O Francisco, de todos os atletas por nós entrevistados, foi aquele que mostrou uma personalidade mais tímida e reservada. A sua amputação foi adquirida de forma traumática no acidente que teve e, como se torna evidente no seu discurso, este acontecimento constitui uma mudança brusca pela alteração corporal inerente, mas também pela forma como foi ponto de viragem na sua própria vida e forma de ser.

*“A minha vida antes da amputação era idêntica à dos jovens com 21 anos. Encontrava-me no serviço militar, gostava de sair com os amigos à noite. Na altura não pretendia estudar ao nível superior queria seguir a vida militar, e caso isto não se proporcionasse achava-me apto para fazer o que quer que fosse. Com a amputação tudo mudou, mas também mudou para melhor em alguns aspectos, mas que só percebi mais tarde. Na altura do acidente, a minha primeira reacção foi muito negativa, porque a sensação que tive foi de que não seria capaz de fazer nada assim. Com a vida activa que tinha e o facto de estar no serviço militar, era muito forte fisicamente e cheio de energia sempre, quando me vi sem a perna achei que tinha perdido tudo isso.”*

*(...)*

*“Com a amputação tive de adaptar muita coisa na minha vida. Os outros, normalmente, têm aquela ideia do coitadinho que ficou tão limitado, mas não é verdade. Só aos poucos com a recuperação e a*

*adaptação a esta situação é que fui encontrando novos objectivos para mim. Já não segui a carreira militar, mas acabei por terminar o 12º ano e ainda tirei uma licenciatura em Geografia que antes da amputação nem sonhava. A este nível fui muito para além daquilo que imaginava na minha formação. E depois, há que saber tirar partido das coisas positivas também, o facto de ser amputado ajudou-me a entrar na Administração Central com facilidade, graças ao abrigo do decreto-lei que reserva vagas para pessoas com deficiência trabalharem na função pública. Hoje trabalho na segurança social e trato especificamente de assuntos relacionados com a pessoa com deficiência.”*

Estes dois excertos da narrativa do Francisco mostram, não só a alteração corporal que este atleta sentiu, mas também as dificuldades funcionais que a amputação lhe causou. Estas implicações revelaram-se de tal forma marcantes que este atleta teve de mudar os seus objectivos de vida em termos profissionais, mas também o mudou a si próprio como pessoa. Na sua perspectiva, esta mudança teve também aspectos muito positivos e que nos contou.

Neste processo de reabilitação não só física, mas também psicológica que viveu, o Francisco falou-nos de algumas das pessoas que mais o marcaram nesta fase e que foram, sem dúvida, responsáveis pela forma positiva com que encara hoje a sua amputação.

*“Para além da minha família e daquela que é hoje a minha mulher e que sempre me apoiaram e deram muita força durante a recuperação, sem dúvida que os médicos me ajudaram também. O médico fisiatra e o fisioterapeuta, sem dúvida foram essenciais, pois na primeira conversa com ambos, disseram-me que a minha motivação era primordial para a reabilitação, que podia ter o melhor médico, e o melhor fisioterapeuta do mundo, mas sem vontade nunca conseguiria. Lembro-me como se fosse hoje das palavras deles e foi aí que fui buscar forças para recuperar e ser o que sou*

*hoje. As sessões de fisioterapia e de adaptação à prótese foram duras, mas tudo se consegue com esforço e determinação, isso eu fui buscar àquilo que sempre fui, que se calhar nem sabia mas que esteve sempre dentro de mim.”*

Destas experiências vividas, o atleta contou-nos o episódio que mais o marcou neste processo inicial de reabilitação e de adaptação face à sua nova condição corporal.

*“O mais marcante foi a primeira vez que saí à rua, em que me sentia o centro das atenções, pois todos os transeuntes de uma forma discreta ou indiscreta observavam-me, sentia-me observado e analisado pelos outros. Nesta primeira saída, marcou-me igualmente a minha sombra, via-a ao meu lado e não me via como eu mesmo, não me reconhecia ali, não era eu. Depois, com o tempo aceitei bem este facto e vivo naturalmente com isso.”*

No entanto, actualmente, todos os nossos entrevistados encaram com grande naturalidade o seu corpo e nele a sua amputação, tal como o Francisco nos relata.

*“Normalmente até brinco com a minha amputação quando me perguntam porque não tenho braço, utilizo o humor para responder à situação. É difícil muitas vezes responder às perguntas indiscretas que nos fazem e esta foi a forma que encontrei para reagir perante isto.”*

Para além disso, estes atletas reconhecem que, realmente, existe uma diferença no seu corpo, mas não se consideram menos pessoa por este facto. Porém todos partilham da opinião que nos foi dada por este atleta de que são os “outros” que promovem a diferença e que lhes recordam este facto através das suas próprias atitudes perante a pessoa com deficiência.

*“Eu não me sinto diferente, acho que cada um de nós deficientes é que tem de fazer com que esta ideia do coitadinho acabe. Cabe-nos*



*a nós mostrar que a diferença que nos caracteriza é meramente uma questão física, mas que não nos torna mais nem menos por isso. Hoje até me sinto mais atento a tantos e diversos pormenores que as pessoas normais não se apercebem, dou muito mais valor às coisas e à vida.”*

Neste processo de construção da diferença, a prótese ocupa um lugar importante pela possibilidade que traz à pessoa com amputação de aproximar o seu corpo da normalidade, daquela ideia defendida pela cultura da sociedade actual de um corpo ideal e perfeito. Neste ponto, a prótese constitui, de certa forma, um elemento que ajuda a diminuir a diferença, não só pelo aspecto visual que produz, mas também pelas possibilidades em termos funcionais que coloca ao dispor do indivíduo, pelo que se revela muito importante, tal como nos conta o Francisco.

*“A prótese tem um papel preponderante na minha vida profissional e pessoa. Se eu não utilizasse prótese estaria condicionado na minha actividade profissional, pois várias vezes me desloco com vários documentos e pastas de trabalho, e com canadianas tal não seria possível. Com a prótese tive autonomia, tive independência, fez-me sentir capaz de fazer tudo sem ter de pedir a alguém.”*

Para além da prótese, o desporto desempenha um papel fulcral na vida da pessoa com amputação, para além dos benefícios que, naturalmente, lhe estão associados. Assim, importa compreender a forma como o Francisco iniciou a sua prática desportiva e as experiências que tem vivido através da sua participação no desporto.

*“Eu já praticava desporto antes de ter sofrido a minha amputação, mas era uma prática de fim-de-semana, uns jogos de Futebol com os amigos, mas nunca tinha praticado algo a nível federado, isto claro exceptuando o trabalho físico da componente militar. No entanto, sempre fui muito activo, não gostava de estar parado nunca. Quando isto me aconteceu, inicialmente a Natação veio por*

*conselho médico, mas que segui também como vontade própria, sentia que precisava mexer-me e fazer algo. Nesta iniciação à prática a minha mulher também me incentivou muito. Depois, fui ganhando gosto, as minhas prestações eram muito boas e comecei a entrar em competições. É claro que uma amputação diminui o rendimento. Mas dentro de água não tenho limitação nenhuma, pois sinto-me igual a uma pessoa normal, tenho óptimos resultados.”*

O Francisco revelou-nos também algumas das suas experiências mais marcantes no desporto, passando por algumas das provas em que participou e pelos resultados que foi capaz de alcançar.

*“A primeira prova oficial na Póvoa do Varzim foi a minha primeira experiência competitiva e talvez por isso também a mais marcante. Senti uma alegria enorme por estar num campeonato nacional ao lado de atletas Paralímpicos e verificar que tudo é possível se estivermos motivados para tal, ver que era capaz de competir ao lado deles e sair-me bem. É algo que nunca esqueço. Mas a mais marcante foi alcançar o 3º lugar no Campeonato Nacional de Verão nos 100m Livres, pois aos 33 anos e com 9 meses de treino alcançar este feito, foi um grande resultado para mim”.*

No entanto, este atleta revelou-nos ainda que,

*“(…) os meus objectivos desportivos hoje são apenas o da participação, dado a minha idade, já não me permite grandes voos. Hoje quero apenas sentir-me bem, continuar a competir claro, mas sempre com espírito de superação de mim mesmo e não pelo espírito competitivo com os outros atletas em si mesmo.”*

*(…)*

*“No entanto, a minha participação desportiva e até a minha própria experiência no desporto adaptado em si, fez-me pensar no futuro. Em termos futuros, e a pensar no momento, gostaria de trabalhar em*

*algo direccionado para o cidadão portador de deficiência, gostaria de ficar ligado a esta área e até mesmo ao desporto para pessoas com deficiência, porque não?”*

Estes projectos futuros que o Francisco ambiciona concretizar parecem estar também eles relacionados de forma directa com a sua personalidade quando este nos refere que:

*“Identifico-me com alguém que se preocupa com o outro e está atenta às várias realidades da sociedade, sinto-me como alguém feliz por aquilo que construiu e que foi capaz de ultrapassar.”*

#### **5.1.6 A narrativa do Abel**

O Abel é, em certa medida, um atleta que se destaca pelo seu tipo de amputação, uma bi-amputação dos membros inferiores de origem congénita. Este atleta já praticou várias modalidades desportivas como a Natação e o Atletismo, mas apenas como prática desportiva, destacando-se a vertente competitiva com que pratica Basquetebol em cadeira de rodas actualmente. O Abel é licenciado e, profissionalmente, desempenha as funções de Solicitador, revelando uma personalidade marcadamente forte e crítica entre os entrevistados.

Na narrativa deste atleta é possível identificar um ponto distinto e que não encontramos nos restantes discursos. No caso do Abel, a família desempenhou, sem dúvida, um papel muito marcante, mas sob o ponto de vista negativo. Os pais do Abel, segundo a sua narrativa, nunca aceitaram a sua amputação e, por isso mesmo, este atleta nunca se sentiu apoiado pela família, contrariamente ao que podemos observar nos discursos dos restantes entrevistados.

Como nos narra:

*“Uma das coisas que me marcou muito negativamente foi quando me apercebi um dia, aos 6 anos de idade, que todas as fotografias minhas que havia em casa nunca havia nenhuma completa. Ou as fotografias se centravam apenas na minha cara ou então eu estava coberto da cintura para baixo. Quando me apercebi disso na altura questionei muito os meus pais sobre isso e eles nunca me responderam, foi algo muito negativo da parte deles que nunca me aceitaram como amputado. Mesmo nos meus tempos de crianças, quando saíamos e íamos à praia, por exemplo, íamos para praias desertas onde eu pudesse brincar sem ninguém me ver. Mas era raro, normalmente ficava muito fechado em casa, só ia à escola quase.”*

(...)

*“Aliás, em muitas coisas na vida tive sempre esta grande barreira, os meus pais achavam que eu assim com uma amputação não poderia andar por aí exposto. Só quando fiz 18 anos é que comecei a sair muito para a rua e muita coisa mudou na minha vida, foi um período de grandes mudanças para mim, mas sempre contra a família com a qual ainda hoje não falo.”*

Aqui importa realçar o facto de que a família do Abel, nomeadamente os seus pais, sempre viu de forma negativa a sua amputação, “escondendo-o” em casa e “encobrendo” ao máximo a amputação do seu filho. Este facto foi de tal forma marcante que, actualmente, este atleta não se relaciona com a própria família, tendo sido também um grande entrave à sua participação no desporto, tema que será explorado mais à frente.

Na sua narrativa, o Abel fez questão de focar, desde início, este aspecto particular da sua vida, o que revela, por si só, o quão importante esta atitude negativa da sua família foi e tem sido na sua vida. No entanto, este contou-nos também alguns dos episódios que mais o marcaram na sua amputação, desde as suas primeiras experiências como criança.

*“Quando eu fui para a escola pela primeira vez e comecei a estar com os outros meninos ainda não usava prótese e fui de cadeira de rodas. Nessa situação, ao comparar-me com os outros meninos claro que vi que era diferente. Eu não me senti mal, mas lembro-me perfeitamente da forma como os outros miúdos me olhavam. No entanto, nós como crianças temos uma grande capacidade de adaptação por isso foi apenas aquele primeiro impacto, ainda mais quando a minha amputação (bi-amputação) é muito visível e provoca um grande impacto, mas uns dias depois já estava tudo bem, já me sentia adaptado, éramos crianças. Outro momento marcante na minha vida foi quando os meus pais me disseram que eu ia ter umas pernas como os outros meninos e quando fui à consulta com o técnico de próteses, ia com uma grande expectativa face ao que me tinham dito. No entanto, quando lá chego, o médico fala comigo e mostra-me as próteses pela primeira vez, eram uma pernas e uns pés de madeira, é um episódio que nunca esqueço. Lembro-me perfeitamente de dizer ao médico que queria umas pernas como as dos outros meninos, que não queria aquilo. Mas foi só aí, aliás este é o único episódio de rejeição da prótese de que me recordo. Por fim, houve ainda um terceiro momento na minha amputação que recordo. Eu nasci com uns pequenos pés no coto, mas que só me eram prejudiciais, pois não me permitiam fazer nada e ainda impediam a colocação das próteses. Por este motivo tive de tirar esses “pezinhos” e esse momento aí da amputação em si foi muito estranho para mim porque apesar daquilo não me servir para nada, de certa forma era meu e na altura senti-o. Mas rapidamente ultrapassei a questão quando vi as vantagens que esta amputação me trouxe em termos funcionais.”*

Relativamente ao processo de reabilitação e de adaptação às próteses, este salienta ainda que,

*“(...) os primeiros passos que dei para colocar a prótese foram muito dolorosos, tinha dores e tive de fazer trabalho de reforço muscular para poder aguentar as próteses. Aí era pequeno, tinha 5 anos e lembro-me que custou bastante, apesar de me esforçar imenso, mas como criança não era fácil compreender que após tanto esforço tinha de voltar a fazer tudo de novo todos os dias. No entanto, tudo valeu a pena, hoje a prótese para mim é tudo, neste momento se me tirarem as próteses é que eu vou mesmo sentir uma amputação, hoje se me tirarem as próteses é que eu vou mesmo sentir que tenho uma amputação. Hoje sem a prótese não sou eu mesmo, o meu trabalho implica que me desloque para vários locais e nem sempre com os melhores acessos e eu, graças às próteses, consigo fazer tudo como qualquer outro.”*

Para este atleta, as próteses desempenham uma função vital, tendo em conta a sua bi-amputação e, como tal, um elevado nível de limitação, se este não usasse próteses e não se tivesse adaptado bem a este elemento, sentir-se-ia, totalmente, dependente, uma vez que não seria capaz de sequer caminhar. O Abel reconhece assim, uma função funcional de grande importância nas suas próteses, dado que para si o aspecto estético é colocado, totalmente, para segundo plano.

*“As próteses para mim têm um significado essencialmente funcional, não tenho qualquer tipo de problemas com a minha amputação. Aliás, nas férias é engraçado, mas, como costume dizer, faço férias das pernas, normalmente vou com a minha mulher para algum lado de férias quinze dias e tento evitar ao máximo colocar as próteses. Eu vivo a minha amputação com grande naturalidade, sem qualquer tipo de problema ou dificuldade.”*

No entanto, e apesar deste nosso entrevistado se ter adaptado bem às próteses, estas não permitem substituir os membros em toda a sua dimensão. No caso do Abel, teve de mudar os seus objectivos em termos profissionais por estes não estarem ao alcance de uma pessoa com amputação.

*“Ao nível da minha vida pessoal e da profissional não tenho dificuldades, faço tudo o que preciso fazer, aliás costumo dizer que correr é a única coisa que não consigo realmente fazer. No entanto, a verdade é que não estou realizado profissionalmente, minimizei os danos, não parei nunca nem desanimei por isso, mas eu gostava de ser piloto de aviação. É algo que adoro e que foi o facto de ser amputado que me impediu de ser piloto. Contudo, nos Estados Unidos, apesar da minha deficiência, é possível tirar um “brevet”, que nos permite pilotar uma avioneta, por exemplo, e ainda não perdi esse sonho.”*

Quando o questionámos acerca da sua diferença perante os outros, o Abel salientou a ideia de que são os “outros” que fomentam esta diferença e a realçam porque ele próprio não se sente diferente, meramente, por ter uma bi-amputação dos membros inferiores, pelo que expomos aqui o seu ponto de vista sobre este tema.

*“Pessoalmente eu não me sinto dessa forma, mas a verdade é que somos e vamos ser sempre encarados como pessoas com deficiência, como coisas diferentes. Isto porque as pessoas, naturalmente, nos colocam de parte ou nos chamam a atenção para esse aspecto. Vêem-nos como uma coisa que tem de ser protegida, como o coitadinho que se tem de ajudar a fazer tudo porque não é capaz sozinho. Aí não somos nós que nos sentimos diferentes, mas sim os outros e as próprias estruturas que nos lembram isso. Quando me olho ao espelho e me vejo, no meu dia-a-dia não me sinto ou vejo de forma diferente ou como amputado, mas sim como o Abel, é assim que eu sou. Um caso prático aconteceu na minha profissão como Solicitador, há cerca de um ano, o juiz que presidia a uma diligência ao ver-me de canadianas mandou-me sentar lá num cantinho, que não era preciso eu preocupar-me que tratava de tudo, considerando-me incapaz à partida e isto acontece-me todos os dias em várias situações.”*

Um dos elementos que se evidencia pela influência positiva que tem não só em termos físicos para a pessoa com amputação, mas também na relação que esta estabelece com o corpo é o desporto. Assim, este atleta conta-nos como iniciou a sua prática desportiva e revela as suas experiência neste palco de acção e de interacção social.

*“Eu começo a praticar desporto já muito tarde, por um lado porque não sabia da existência do desporto adaptado e também porque até aos meus 16, 17 anos não saía de cãs. Os meus pais desde criança sempre fizeram questão de me esconder, por isso eles foram os principais responsáveis por esta minha entrada tardia no desporto. Os meus pais sempre me protegeram demasiado do mundo pois eles próprios nunca aceitaram o facto de terem um filho com amputação. Apenas quando fui para o Centro de Reabilitação Profissional de Gaia fazer um curso de formação profissional e uma funcionária de lá que já foi dirigente da Associação Portuguesa de Deficientes me falou das actividades que a associação desenvolvia é que decidi ir experimentar e fiquei até hoje. Mas tive sempre uma grande barreira, os meus pais, eles não me queriam deixar e para o poder fazer teve de ser à revelia deles, tive de ir escondido dos meus pais.”*

(...)

*“No desporto tenho tido várias experiências, por exemplo, quando vamos a demonstrações em escolas é notório a curiosidade e naturalidade com que as crianças nos aceitam, mas por outro lado a forma como os professores que os acompanham nos olham. Quanto às competições há, por exemplo, uma experiência de um torneio em que fomos jogar a Espanha onde ninguém esperava grandes feitos da nossa equipa e nós praticamente ganhámos tudo e só não ganhámos o torneio quando perdemos na final. No entanto, há também aspectos que foram negativos e que me marcam. Desde que pratico desporto sempre estive associado à APD-Porto e esta instituição, em meu entender e dos que por cá andam e passam,*



*nunca evoluiu nem investiu devidamente nos seus atletas. Nós nunca tivemos tantas experiências como atletas de outras instituições, para além de muitas vezes me ter sentido utilizado pela instituição quase como mero objecto para obterem os frutos desejados.”*

Por outro lado, um dos aspectos que o Abel parece valorizar na sua prática desportiva são as amizades lá criadas, e que, no seu caso, se transformaram em amizades de dentro para fora do desporto, para a sua vida.

*“No desporto conheci os meus amigos Fernando e Rui e estes dois ficaram amigos para a vida mesmo. Fazemos tudo juntos, andamos sempre à procura de novas experiências relacionadas com o desporto e com actividades de lazer. Partilhamos as nossas alegrias, mas também os nossos problemas, aliás, o nosso colega Rui, que tinha inicialmente muitos problemas a nível pessoal e psicológico, que não aceitava a sua deficiência, desde que começou a conviver connosco mudou muito e começou a sentir-se capaz, pelo que esta relação tem sido muito positiva para todos. Eles são também um dos meus incentivos para continuar a treinar e a me dedicar à equipa, isto porque os meus objectivos já não são competitivos, estou com 36 anos e, neste momento, faço desporto mais por manutenção e sem dúvida pelos amigos, para não perder o contacto com as pessoas e manter as amizades que aqui construí. Hoje o desporto para mim é mais uma forma de manutenção física, pelo convívio com os colegas e até porque ainda me sinto capaz de ajudar e bem a equipa.”*

Apesar de no desporto os objectivos do Abel não se identificarem com a obtenção de altos resultados e prestações desportivas elevadas, uma vez que pretende apenas continuar a ajudar a equipa e a viver ao máximo as amizades que criou neste meio, a nível pessoal este atleta tem metas mais altas.

*“Os meus novos objectivos de vida passam, por exemplo, por tirar o “brevet” de piloto. A nível profissional passam por me manter actualizado porque estamos a sofrer grandes alterações de leis e de trabalho e aí tento fazer um grande esforço para me manter ao máximo sempre na minha profissão. Para além disso estou a pensar estabelecer-me por conta própria.”*

Estes seus projectos coadunam-se com a personalidade forte que encontramos no Abel, que se identifica

*“(..) com um avião, acima de tudo com uma pessoa activa e dinâmica que não baixa os braços, que é muito lutadora.”*

Neste capítulo das narrativas demos relevo à singularidade dos discursos de cada um dos atletas do nosso grupo de estudo, reconhecendo a riqueza das suas experiências vividas a nível pessoal e no desporto para a compreensão das questões essenciais do nosso estudo.

Aqui não quisemos por isso fazer juízos de valor, interpretar ou relacionar os vários temas imergentes nas narrativas destes atletas, mas apenas valorizar as particularidades de cada um, sendo que esta análise mais pormenorizada será realizada no próximo capítulo deste trabalho.

## 5.1 Análise e Interpretação das narrativas

No capítulo anterior apresentámos os excertos mais relevantes das narrativas de cada um dos atletas que entrevistámos, salientando-se a riqueza dos discursos obtidos, de tal forma que se torna imprescindível tentar agora uma interpretação desses mesmos discursos. Assim, pretendemos aprofundar os temas abordados, explorando sobretudo as questões que nos permitirão compreender a importância da prática de uma actividade física para os atletas em estudo, bem como compreender as suas experiências vividas no desporto, experiências vividas através do corpo e pelo corpo.

No entanto, não poderíamos deixar de exaltar a riqueza do instrumento de estudo por nós utilizado, uma entrevista de tipo biográfico contendo questões abertas com respostas narradas profundamente sobre os temas em questão, que nos permitiram chegar às narrativas que expusemos. De facto, as narrativas mostram-se cruciais para chegar aos objectivos que estabelecemos para este estudo, uma vez que a experiência do corpo está profundamente incluída na narrativa; as narrativas são, naturalmente, projectadas do corpo e inscritas no corpo, como defendem Sparkes e Smith (2003, 2005). Estes autores descrevem um corpo capaz de contar histórias, sendo através do que ele nos conta que podemos interpretar as experiências vividas e dar significado aos corpos. O corpo representa, para nós, uma certa forma de ser e estar no mundo que na narrativa se expressa de modo evidente e que nos permite chegar à essência e à verdade das coisas, facto que reforça a escolha deste instrumento. Adicionalmente, não podemos esquecer que a narrativa é a primeira forma através da qual nós organizamos as nossas experiências e fazemo-lo, nomeadamente, através de episódios temporais (Richardson, 1990), o que eleva ainda mais a riqueza do conhecimento que este instrumento nos providencia.

Assim, procederemos à interpretação das narrativas dos atletas do grupo de estudo dando relevo aos temas que mais importa aprofundar neste estudo, não só aqueles que emergem da necessidade de dar resposta aos

nossos objectivos, mas também aqueles que, apesar de não questionados na nossa entrevista, se tornaram deveras evidentes nos discursos que obtivemos.

Dos discursos emergiram vários temas e sub-temas, que optámos por agrupar e organizar mediante três grandes ideias centrais que se encontram devidamente justificados no capítulo referente à metodologia. Estes são, na nossa perspectiva, temas centrais que merecem destaque e carecem de investigação, designadamente, o contexto sócio-cultural envolvente ao atleta e à sua amputação; o corpo (na sua ligação com o desporto); e o desporto (na relação estabelecida com o corpo). De notar que se pretende que o desenvolvimento destes temas seja percebido numa perspectiva de temporalidade. Com efeito, as histórias de vida contadas pelo atleta revelam quem ele foi, quem é e quem deseja ser no futuro. Por outro lado, o facto de, nas suas biografias contadas, nos centrarmos nas experiências vividas no desporto por estes atletas, estamos a focar-nos, especialmente, em episódios marcantes e, por isso, imortalizados no tempo (Sparkes e Smith, 2005).

Relativamente à questão da temporalidade, importa ainda deter que a sua tematização está implícita ao longo de todo o processo de interpretação das narrativas, no entanto, pareceu-nos mais adequada a realização posterior de uma análise relacional dos vários temas abordados, em torno desta coordenada antropológica.

Nesta perspectiva, reforçamos mais uma vez a forte relação existente entre os vários temas, facto que torna complexa qualquer tentativa de distinção entre eles em termos de análise. Nesta medida, optámos pela sua interpretação de forma integrada e relacional ao longo deste capítulo, focando apenas de forma mais particular, no final, a questão da temporalidade.

Assim sendo, a prática de uma actividade desportiva é, sem dúvida, o aspecto central que une o nosso grupo de estudo, porém, as características específicas da sua amputação distinguem-nos entre si, nomeadamente pelo facto de a sua amputação ter origem congénita (devido a uma má formação de nascença) ou origem traumática (devido a um trauma ou acidente ocorrido durante a vida do sujeito). Este pode parecer um aspecto de menor importância

uma vez que todos têm uma amputação(ões), no entanto, há aspectos em que esta diferença é deveras relevante.

Como referem Pedrinelli e Teixeira (2005), a amputação pode ser compreendida como a perda total ou parcial de um ou mais membros corporais e à qual está associada a perda de funcionalidade. No caso dos atletas que entrevistámos e cuja natureza da sua amputação é congénita, desde a nascença que estes têm uma amputação e, na realidade, nunca se conheceram de outra forma que não como pessoas com amputação. Pelo contrário, para os atletas do grupo de estudo com amputação adquirida, esta constitui-se como um momento traumático, um choque face à alteração corporal brusca que lhe está subjacente. Este choque inicial face à mudança corporal prende-se, não só com a perda de funcionalidade que está associada à perda de um membro, mas também com a alteração visual no seu corpo próprio.

Assim, numa primeira fase, a perda do membro parece ser encarada pelo sujeito como perda de parte de si próprios, passando por um período de adaptação ao seu novo ser corpo e que é bem visível num excerto do discurso do Francisco e do Sandro, dois dos nossos entrevistados. O Francisco refere que nas primeiras vezes que saiu à rua após a amputação, uma das coisas que o chocava mais era a sua sombra, ele não se reconhecia naquela imagem reflectida; da mesma forma, Sandro referiu que a primeira vez que viu a sua imagem na televisão a praticar desporto com a prótese, não se reconheceu naquela figura, parecia-lhe estranho. Estes discursos estão imbuídos de um sentido claro de temporalidade, uma vez que o passado é recordado com o processo de recuperação e de aceitação corporal e da prótese, que se desenrolaram de forma positiva ao longo do tempo, mas provocaram ao atleta momentos iniciais marcantes. Com efeito, os atletas com amputação por causa adquirida, após a amputação vivem um período de recuperação e de adaptação ao seu novo ser corpo que, para os nossos entrevistados, se pautou por momentos iniciais difíceis, mas que foram sendo ultrapassados por todos com naturalidade, o que vai de encontro ao nosso estudo anterior (Sousa et al., 2009). De tal forma que, tanto no grupo de atletas com amputação congénita

como no grupo com amputação adquirida, podemos observar discursos de aceitação natural da amputação.

Foi ainda possível identificar nas narrativas que existe uma estratégia comum de, actualmente, utilizarem o humor e até mesmo brincar com a sua condição corporal para lidar com a amputação de forma positiva e responder às questões que muitas vezes lhes são colocadas pelos outros. A este respeito, Corker (1999) salienta que o humor muitas vezes utilizado em torno da deficiência é consequência da necessidade da pessoa com deficiência se aproximar da normalidade. Com efeito, para a autora, o trágico conceito associado à pessoa com deficiência é transformado no cómico como forma de ultrapassar melhor a situação, tal como podemos observar nas narrativas de alguns dos nossos atletas (exemplo da Leila, da Joana e do Francisco). Isto é conduzido pela forma como estas pessoas se sentem muitas vezes estigmatizadas na sociedade pelos discursos da normalidade.

Nesta perspectiva, foi ainda possível observar que todos os atletas do nosso grupo de estudo falam da sua amputação com muito à vontade, realçando os aspectos positivos da sua vida (muitas vezes em contextos específicos como o desportivo) e atribuindo “a culpa” pelo facto de terem uma amputação a uma infelicidade, uma fatalidade do destino. Esta é uma ideia comum que nos parece surgir da necessidade que sentem em encontrar uma justificação para a sua limitação física, para serem capazes de aceitar e tirar o maior partido possível do corpo que lhes foi “dado”, pois, para eles, ainda são capazes de fazer tanta coisa, ainda têm muitas possibilidades. Este aspecto já havia sido referido no nosso estudo anterior (Sousa et al., 2009), onde analisámos as questões do corpo em pessoas com amputação praticantes de desporto e não praticantes. Neste trabalho, percebemos que a prática de actividade física influencia de forma determinante a percepção corporal da pessoa com amputação, proporcionando-lhe uma visão mais positiva sobre si própria e sobre a sua deficiência, aceitando melhor o seu corpo próprio. Também Goodwin et al. (2004) corroboram, no seu estudo, esta ideia ao salientar que há um tremendo sentido positivo entre os jovens atletas com deficiência do seu grupo de estudo. Estes descreveram-se a si próprios como

enérgicos, inteligentes, optimistas e felizes, reforçando a ideia do quão “normais” são as suas vidas, tal como podemos constatar nos nossos entrevistados.

Em todo este processo que muitas vezes parece ser doloroso de recuperação após a amputação, um processo de (re)conhecimento de si próprios e de adaptação face à sua amputação, foi possível observar que a família constitui um forte pilar de apoio, quer no caso daqueles com amputação adquirida, como naqueles que nasceram sem o membro. Nestes momentos, a família mostra-se sempre presente para os atletas, tratando-os como pessoa sem deficiência, facto que os leva a reconhecer o seu papel como essencial para encarar a sua deficiência de forma mais positiva, tal como nos salientou de forma evidente a Joana na sua narrativa. Relativamente a esta questão, Goodwin et al. (2004) puderam também constatar esta ideia no seu estudo com atletas com deficiência praticantes de actividade física. Estes referem a família e os amigos como o seu primeiro apoio, como sendo aqueles que os fazem sentir que vivem vidas normais, olhando para todas as coisas que ainda são capazes de fazer e encarar a sua deficiência de forma positiva, indo de encontro ao referido anteriormente.

Neste grupo de atletas, é apenas feita excepção no caso do Abel, um atleta praticante de Basquetebol em cadeira de rodas e que tem uma bi-amputação dos membros inferiores. Neste caso, o atleta teve uma experiência de influência negativa por parte da sua família, contrariamente ao restante grupo de estudo. Como nos referiu na sua entrevista, a sua família nunca foi capaz de aceitar a sua amputação. O Abel, enquanto criança, sempre se sentiu escondido pelos próprios pais que sentia terem vergonha de si assim e, como consequência, foi privado ao longo da infância e adolescência de um vasto leque de vivências sociais. Esta atitude revelada pelos pais do Abel leva-nos um pouco à ideia ancestral da deficiência e da pessoa com deficiência que era vista como algo anormal e que deveria ser escondido e não revelado a nível social, conduzindo-nos a uma visão, totalmente, estereotipada. Segundo Goodwin et al. (2004), este tipo de visão é mais comum nas pessoas mais velhas que tendem a compreender de forma mais estereotipada a deficiência,

através de concepções antigas de estereótipos, o que poderá, em certa medida, identificar-se com aquilo que sucedeu com os pais do Abel, uma vez que este é o atleta mais velho (36 anos) do nosso grupo de estudo.

Para além da família, também os médicos, fisioterapeutas e técnicos de próteses se revelam como pessoas referentes para a pessoa com amputação, como importantes elementos de influência positiva em todo a sua amputação e que não podem ser esquecidos pois foram muitas vezes referidos como figuras chave, em todo o processo de recuperação e, nomeadamente, de adaptação à prótese. Aliás, mesmo naqueles que nasceram com uma amputação, tal como aqueles que não utilizam, actualmente, prótese, todos, sem excepção referem, por diversos motivos, estas figuras como marcantes na sua experiência vivida em torno da amputação e, conseqüentemente, em torno do corpo. Na realidade, como ratifica Murray (2004), numa amputação, em todo o processo de reabilitação e adaptação à prótese, realça-se o papel dos médicos e fisioterapeutas, realce que também foi dado pelos nossos entrevistados a estas pessoas. Tal facto justifica-se pela presença destes elementos em todas as experiências que vivem neste período, e que passam de um processo inicial doloroso e difícil para a experimentação de situações de sucesso. Este facto sugere também que a motivação dada à pessoa com amputação nesta fase é crucial, aspecto que ficou bem vincado, por exemplo, na narrativa do Bruno.

No caso dos atletas com amputação congénita para os quais o seu corpo sempre se identificou com um corpo com amputação, desde o nascimento, passando pela fase de criança, adolescência, até chegar a adulto, toda a sua vida foi vivida e experienciada por um corpo com amputação. Nessa medida, os objectivos que criaram para si mesmos tiveram em conta a sua condição corporal, da mesma forma que implicou, nas mais diversas ocasiões, a necessidade de executar determinadas tarefas de forma diferente para se adaptarem o melhor possível e não se privarem das mais variadas experiências sociais.

Pelo contrário, para aqueles que perderam um membro de forma traumática devido a um acidente, como no caso dos restantes atletas do nosso grupo de estudo, a amputação trouxe consigo todo um processo de



(re)adaptação que passou também pelo (re)construir de sonhos e (re)formular de objectivos de vida face aqueles que tinham anteriormente, procurando objectivos tangíveis e em que se sentissem, realmente, capazes. Nestes casos, obtivemos discursos em que os atletas tiveram de desistir de sonhos, como o Sandro, que era jogador profissional de Futebol; modificar objectivos, como o Abel que sempre quis ser piloto de aviação, mas que pelo facto de ter uma bi-amputação se viu impossibilitado de o fazer; ou até mesmo reflectir sobre as suas opções profissionais em função da sua amputação. Neste último ponto, podemos salientar o caso da Leila que é médica e escolheu a especialidade de medicina geral e familiar por considerar que era a única especialidade onde seria capaz de desempenhar todas as tarefas que lhe seriam incutidas sem ter de pedir o auxílio de outros profissionais. Estes aspectos são reveladores da limitação funcional que os atletas com amputação percebem como associada à sua amputação, indo de encontro ao anteriormente referido. Esta limitação é percebida para si mesmas, essencialmente, pelo que os “outros” lhes fazem perceber, facto que priva, muitas vezes, as pessoas com este tipo de deficiência de actuar em alguns palcos de acção social.

A respeito deste assunto, consideramos importante realçar as palavras de Wendell (1996), quando a autora argumenta que a sociedade actual se funde no conceito de produtividade máxima. Neste cenário de produtividade máxima, dificilmente a pessoa com deficiência consegue um enquadramento de aceitação total por parte do “outro”. Na realidade, para a autora, a própria organização social e a estrutura física da sociedade criam elevadas expectativas de performance, o que se reflecte de forma determinante e negativa, até, na conceptualização da deficiência. Este facto influencia, conseqüentemente, a forma como os nossos atletas percebem a sua deficiência como limitativa, na percepção que percebem dos “outros”.

Como reforçam Rodrigues (1983) e Costa (2001), a amputação define-se como uma deficiência motora ou física que traz associada uma perda de capacidades e que afecta, directamente, o movimento e o desenvolvimento natural de determinadas tarefas motoras. A este respeito, e apesar de todos os atletas por nós entrevistados reconhecerem a perda de funcionalidade que está

associada à perda do(s) membro(s), todos estes se consideram capazes de executar de forma independente as suas tarefas, quer seja nas actividades básicas de vida diária, no seu trabalho ou até na sua prática desportiva, pois de uma forma ou de outra foram capazes de adaptar-se à execução das tarefas mediante a sua própria limitação física, aproveitando ao máximo a funcionalidade que o seu corpo ainda possui a outros níveis. Isto quer dizer que para si mesmos não existe propriamente uma limitação, quando muito, esta noção pode ser enquadrada no conceito de *handicap*, isto é, aquele que a sociedade e a multidão de que fazem parte percebem como limitação.

Segundo Amiralian et al. (2000), as palavras deficiência, incapacidade, *handicap* (desvantagem) podem ser entendidas, de certo modo, como sinónimos. Neste sentido, *handicap* (desvantagem) pode ser entendida como o prejuízo para o indivíduo, resultante de uma deficiência ou uma incapacidade e que limita ou impede o desempenho de papéis de acordo com a sua idade, sexo, factores sociais e culturais. Esta caracteriza-se por uma discordância entre a capacidade individual de realização e as expectativas do indivíduo ou do seu grupo social, representando a socialização da deficiência e relacionando-se ainda com possíveis dificuldades nas habilidades de sobrevivência (ICIDH - International Classification of impairments, disabilities and handicaps: a manual of classification relating to the consequences of disease, 1989). Assim, a forma como os atletas entrevistados se referem à sua amputação vai mais de encontro a este conceito social de deficiência e às expectativas sociais que sentem que os “outros” esperam deles face à sua desvantagem, do que representa propriamente para si uma limitação física ou funcional. No entanto, como referimos anteriormente, vários autores afirmam que qualquer amputação traz associada à perda do membro a perda de funcionalidade.

No sentido de colmatar esta falta do membro surge a prótese, cujo objectivo principal é manter ou substituir a função perdida. Com efeito, como refere Sautreuil (1996), uma prótese pode ser designada como todo e qualquer sistema composto de peças que substitui uma parte do corpo, constituindo esta um substituto artificial do(s) membro(s) naturais suprimidos.

Actualmente, o desenvolvimento tecnológico crescente tem favorecido a construção e o aperfeiçoamento das próteses; assim estas são cada vez mais precisas e funcionais, tendo sempre em vista a necessidade de adaptação funcional à vida pessoal e social do sujeito (Bruandet, 1996).

Deste modo, quando nos detemos sobre as narrativas dos atletas do grupo de estudo relativamente a esta temática, podemos salientar dois tipos de discurso que se distinguem entre aqueles com amputação no membro superior e aqueles com amputação(ões) no(s) membro(s) inferior(s). Assim sendo, no caso daqueles com amputação do membro superior, a prótese parece ser vista pelo atleta como elemento “não grato” e que não lhes permite, de forma alguma, aproximar-se das funções perdidas com a amputação do braço. Ao contrário, aqueles com amputação(ões) no(s) membro(s) inferior(s) referem-se a este elemento como algo fundamental na sua vida, e que faz parte de si mesmos. Para além dos diferentes discursos encontrados, estas diferenças ficam deveras explícitas quando verificamos que as atletas com amputação do membro superior não utilizam prótese, em oposição aos atletas com amputação(ões) do(s) membro(s) inferior(es) em que todos, sem excepção, utilizam prótese(s).

Outro dos aspectos que realça ainda mais o desenvolvimento tecnológico favorável à prótese do membro inferior é o facto de, frequentemente, alguns atletas salientarem a necessidade de utilização de dois ou três tipos diferentes de próteses, no sentido de suprimir todas as suas necessidades, tendo em vista a sua actuação em diferentes contextos sociais, nomeadamente na vida social e no contexto desportivo (Esquenazi, 2004), tal como verificámos em dois dos atletas do grupo (nas narrativas do Bruno e do Sandro).

A respeito destas diferenças, Esquenazi (2004) e Sousa et. al. (2009) referem-se à importância de ter em conta que a evolução tecnológica ocorrida ao nível das próteses, beneficia de forma mais evidente as pessoas com amputação do membro inferior. De facto, o membro superior, em particular, a mão em si mesma é caracterizada por uma complexa estrutura anatómica que não possibilita uma aproximação ao membro natural perdido em termos de

funcionalidade. Nesta medida, a prótese do membro superior parece ter um significado, essencialmente, estético e diminutivo do impacto visual que uma amputação poderá ter em termos de exposição pública, mas pouco funcional, aspecto reforçado no discurso das duas atletas com amputação do membro superior que entrevistámos e que não usam prótese, como sejam a Joana e a Leila. Na realidade, apesar de ambas as atletas terem experimentado usar prótese e terem passado pela experiência de adaptação da prótese ao coto, pelas sessões de fisioterapia e reabilitação, nunca se conseguiram adaptar realmente a este elemento. Aliás, as duas atletas referiram mesmo que quando tinham de realizar as suas tarefas da vida diária ou até mesmo na prática desportiva tiravam a prótese. A Leila deu-nos um exemplo claro da falta de funcionalidade percebida da prótese do membro superior, quando nos narra que tirava a prótese para fazer as aulas de Educação Física na escola e que por vezes chegava mesmo a esquecer-se da prótese na escola. Tal episódio revela, claramente, a falta de importância atribuída à prótese pelas atletas com amputação do membro superior, ideia associada, directamente, à pouca funcionalidade que possui e que fez com que optasse, tal como a Joana, pela não utilização definitiva de uma prótese.

Nestes casos, a prótese é vista pelo sujeito como algo exterior ao seu corpo, como um elemento que não é capaz de incorporar como parte do seu corpo próprio, pela distância que existe entre o braço “real” e o braço “artificial” (como as atletas se referem à prótese) em termos de funcionalidade. Para estas atletas, aliás, o aspecto estético não tem relevância pela relação positiva que têm com o seu corpo próprio e pela forma como falam dele e se orgulham dele não só na vida pessoal, mas através das prestações desportivas elevadas que alcançam com o seu corpo com amputação e através dele. A este respeito Murray (2004) refere que as razões, possivelmente, apontadas para a rejeição inicial da prótese parecem estar directamente relacionadas com as primeiras experiências de sucesso com a prótese, o que poderá também explicar a não utilização de prótese por parte das atletas com amputação do membro superior. No caso destas entrevistadas, a sua experiência com a prótese não foi, de forma alguma, uma experiência de sucesso, pois elas não perceberam

qualquer funcionalidade na utilização deste elemento, referindo-o como algo que, em muitas tarefas, as atrapalhava mais do que ajudava. Assim, estas atletas não foram capazes de atingir o processo designado de incorporação da prótese, tema este que desenvolveremos mais adiante.

Em oposição, encontramos os atletas com amputação do membro(s) inferior(s), que utilizam todos prótese, tendo esta sido referida como elemento vital em várias narrativas. Nestes casos, a prótese permite ao sujeito a recuperação da funcionalidade perdida com a amputação do membro; poderá não o conseguir fazer na sua totalidade, mas aproxima-se, em grande medida, das funções desempenhadas pelo membro inferior, especialmente nas amputações mais baixas. Tendo em conta este aspecto, importa salientar que, para os nossos atletas, a prótese adquire um valor e significado funcional indiscutível ao facilitar o movimento, nomeadamente o andar. Esta possibilidade de movimento está intimamente associada à independência do sujeito, pela forma como o faz sentir capaz e autónomo, bem como pela diminuição das limitações a que uma amputação está associada, corroborando da opinião de Esquenazi (2004). Para os nossos entrevistados, a prótese chega mesmo a ser referida como vital, como algo que foi incorporado no corpo próprio do sujeito, como nos disse um deles: “ela faz parte de mim, sem a prótese não me sentiria eu”. Esta incorporação da prótese é favorecida pelas suas características funcionais ao permitir ao indivíduo “aproximar-se daquilo que era” com o seu membro natural.

A este respeito, Murray (2004) refere que, no caso de atletas como aqueles com amputação(ões) do membro inferior que entrevistámos, a prótese parece passar, ao longo do período de adaptação, de uma estrutura extra-corporal para uma estrutura intra-corporal. Neste último caso, a prótese passa a ser percebida como uma extensão do seu corpo próprio. Aliás, no seu estudo, a experiência da prótese como parte do corpo fenomenológico, do corpo vivido, foi referida como comum em vários entrevistados, o que vai de encontro às narrativas que obtivemos nos atletas com amputação(ões) do(s) membro(s) inferior(es). Com efeito, nestes casos, a prótese parece ser percebida pelo sujeito de duas formas diferentes, uma em que a prótese é

percebida enquanto estrutura corporal, e outra em que esta é entendida como ferramenta funcional (Murray, 2004), indo de encontro ao discurso dos nossos atletas que a referem como estrutura vital e que faz parte de si mesmos. Mas também lhe reconhecem um sentido funcional indiscutível que tanto contribuiu para que o processo de incorporação da prótese fosse possível.

Tais discursos conduzem-nos ao conceito de incorporação e que pretendemos aqui explorar melhor através das ideias de Drew Leder, para, posteriormente as aplicarmos à prótese. Com efeito, no seu livro, “The absent body” (1990), Leder reporta-se ao corpo como um processo vivido, conceito já desenvolvido anteriormente neste trabalho. Na sua perspectiva, a aprendizagem de qualquer *skill* ou habilidade faz-se através de um processo que o autor designa de incorporação e que, sob o ponto de vista etimológico significa, em essência, “trazer para dentro do corpo”. Assim, qualquer habilidade só é, finalmente, adquirida quando algo que outrora foi extrínseco passa a ser capaz de penetrar a nossa corporalidade.

Para Leder (1990), a incorporação é um processo temporal (que decorre no tempo), mas também com um alcance espacial (que decorre do exterior para o interior) e dá-nos o exemplo da bengala branca utilizada pela pessoa com deficiência visual referido por Merleau-Ponty na sua obra “Fenomenologia da Percepção”. No caso da bengala, ela é primeiramente experienciada como um objecto externo que imite impactos sobre a mão do sujeito. No entanto, a partir do momento em que esta ferramenta começa a ser incorporada no próprio corpo, esta desaparece da sua exterioridade passando a fazer parte da estrutura do próprio corpo, neste caso da pessoa com deficiência visual. Como refere Merleau-Ponty (1996, p.210), “quando a bengala se torna um instrumento familiar, o mundo dos objectos tácteis recua e não mais começa na epiderme da mão, mas na extremidade da bengala”. Neste sentido, da mesma forma, a prótese foi incorporada no corpo próprio dos atletas com amputação(ões) do membro(s) inferior(s) que entrevistámos.

Esta incorporação de uma habilidade, ou neste caso, da prótese, faz com que a pessoa com amputação se sinta mais capaz na sua utilização. Tal facto parece ainda explicar a experiência posterior de desaparecimento que

acompanha o processo de incorporação, pelo facto da prótese passar a ser vista como parte do seu corpo e sentida como se de si próprio fizesse parte, como algo inseparável de si mesmo e vital, tal como se referiram à prótese os nossos atletas. Com efeito, Leder (1990) argumenta que a incorporação é o verdadeiro processo a partir do qual somos capazes de adquirir novas habilidades e objectos como a bengala ou a prótese de que demos exemplo, como um novo aspecto que apreendemos e fechamos do mundo, pois é através da incorporação que estas habilidades se sedimentam e se transformam em hábitos fixos e com tendência para se repetir. Este facto faz com que estas habilidades desapareçam visualmente, sendo envolvidas pela própria estrutura do corpo e deixando, conseqüentemente, de habitar o mundo. Assim, a prótese, à semelhança da bengala, passa a ser entendida como um apêndice do corpo, uma extensão da própria síntese corporal do sujeito (Merleau-Ponty, 1996).

Transpondo estas ideias para a forma como os nossos atletas vivem a incorporação da prótese, numa fase inicial, esta parece ser percebida como um objecto externo ao seu próprio corpo, no entanto, através da forma como estes a experienciam e aprendem a tirar o melhor partido da sua utilização, a prótese parece ultrapassar a barreira física do seu corpo, passando a ser parte deste. Este processo foi-nos narrado pelos atletas com amputação(ões) do(s) membro(s) inferior(es) de forma clara. Mesmo que estes nunca tivessem utilizado em si a palavra incorporação, os seus discursos vão de encontro a este processo, contrariamente ao que podemos observar nas duas atletas com amputação do membro superior e que não utilizam prótese.

Quando nos reportamos à incorporação da prótese estamos, naturalmente, a relacioná-la de forma intrínseca com as questões do corpo, importando explorar assim a forma como o nosso grupo de estudo encara a exposição corporal da sua amputação (ou da sua prótese) e se relaciona com o seu corpo de forma mais íntima. A este nível, os atletas com amputação do membro(s) inferior(es) parecem não atribuir qualquer importância ao aspecto estético da prótese, de tal modo que não nos foi possível observar um único discurso neste sentido. Para estes atletas, a importância da prótese está na

sua funcionalidade e nas possibilidades que esta lhes confere em termos de movimento e de prestação desportiva, o que vai de encontro aos resultados do nosso estudo anterior (Sousa et al., 2009). Aliás, um dos nossos entrevistados chegou mesmo a referir que utiliza a sua prótese sem qualquer padrão estético, ao contrário daquilo que, normalmente, se pode observar em algumas pessoas com amputação, em que a prótese é coberta por uma estrutura de formato semelhante a uma perna sem deficiência, e que, no caso deste atleta, torna visível a estrutura mecânica da própria prótese.

Esta questão estética relaciona-se, intrinsecamente, com a ideia de normalidade e da necessidade que todos sentimos de aproximação aos padrões normativos de corpo defendidos pela sociedade actual. No entanto, importa salientar que este é um aspecto subvalorizado no discurso de todos os atletas que entrevistámos, que expõem em público a sua amputação, ou até mesmo a sua prótese, com grande naturalidade, quer seja na vida social (como por exemplo num passeio ou numa ida à praia), quer seja no contexto desportivo (no treino ou numa competição), tal como foi observado nas suas narrativas.

Neste processo de exposição pública, a nível social bem como no contexto desportivo específico, destaca-se a questão da normalidade e daqueles que rodeiam a pessoa com amputação, nomeadamente, quando a sua deficiência física lhes é recordada de forma, muitas vezes, desagradável pelos demais, pelos “outros”. De facto, ao longo dos vários temas abordados pela nossa entrevista, várias vezes a questão do “outro” e a sua associação com a normalidade foi focada pelos nossos entrevistados, apesar de não ter sido colocada nenhuma questão directa face a esta temática, o que é só por si revelador da importância do tema para estes atletas. Neste contexto, o tema do “outro” e a sua relação natural com a normalidade serão aqui explorados de forma mais aprofundada.

Segundo Wendell (1996), o conceito de “outro” envolve dois processos essenciais: quando nós fazemos das pessoas “o outro”, nós estamos a identificá-las como objectos da nossa experiência em vez de as olharmos como sujeitos desta mesma experiência e com os quais nos identificamos. Nós



olhamo-los primeiramente como algo simbólico, usualmente, mas não sempre, como algo que nós rejeitamos e/ou tememos e não como sujeitos activos na nossa experiência. Com efeito, para as pessoas sem deficiência, as pessoas com deficiência simbolizam, entre outras coisas, imperfeição, falta de controlo do corpo, vulnerabilidade e dependência. Este significado simbólico que se atribui à deficiência é produto da sociedade e contribui para que pessoas com essa característica sejam qualificadas como “o outro”. Claro que diferentes tipos de deficiência têm significados diferentes na sociedade, tal como a mesma deficiência pode ter significados diversos em diferentes sociedades ou na mesma sociedade, mas em distintos tempos históricos. Não obstante, este significado atribuído à deficiência parece estar associado aos conceitos de tristeza, passividade, dependência, vergonha e incompetência, mas mais ainda à existência ou não de deficiência física que parece ser uma característica central nesta temática (Wendell, 1996).

Um dos nossos entrevistados, o Abel, refere-se ao facto das pessoas sem deficiência encararem as pessoas com deficiência como “coisas diferentes”, como algo associado à dependência e à incapacidade que têm de ser protegidas como “coitadinhas” que são, o que vai de encontro ao que a autora referiu. Esta é uma opinião partilhada por todos os atletas entrevistados, pois mesmo através dos diferentes discursos e das palavras utilizadas, percebemos que não é a pessoa com amputação que se sente diferente, são as atitudes diárias que os “outros”, aqueles sem deficiência com quem se cruzam nos mais variados contextos, que fazem questão de lhes lembrar a sua diferença.

Com efeito, de acordo com a teoria social da identidade, as pessoas tendem a categorizar os indivíduos num de dois grupos: o grupo-in (“nós”) e o grupo-out (“outro”), sendo que a base da categorização deste grupo advém de normas e ideais sociais pré-determinados (Goodwin et al., 2004). Para estes autores, as pessoas com deficiência são frequentemente vistas como o “outro”, isto é, categorizadas no grupo-out relativamente à população em geral devido à sua incapacidade. Infelizmente, ao categorizar-se os indivíduos num destes grupos, as pessoas desenvolvem frequentemente viés e atitudes negativas em

relação aos membros do grupo-out (Arbour et al., 2007), tal como revelam sentir os atletas do nosso grupo de estudo.

Adicionalmente, a questão do “outro” está intrinsecamente relacionada com o conceito de normalidade, uma vez que este conceito se reflecte essencialmente no “outro”. De facto, as disciplinas da normalidade constituem pré-condições para a participação em qualquer aspecto da vida social e são muitas vezes integradas e realçadas na questão do “outro”. Para muitos de nós, a proximidade ao modelo de normalidade é um aspecto fulcral na nossa identidade e no nosso sentido de aceitação social, algo que nos faz sentir respeitados e aceites (Wendell, 1996). Aqueles que se afastam desta normalidade pela sua forma física, ou pela forma como actuam, chamam a atenção e são normalmente identificados como “os outros”. Aliás, quem, na sua aparição em sociedade, se afasta desta modelo *standard* de normalidade criado na sociedade tende a ser constantemente recordado desta sua diferença.

A “normalidade” não se pode identificar a si própria ou confirmar a exaltada natureza da sua existência sem referência à margem. Para propósitos analíticos, é útil o conceito de “invalidação” para representar a forma específica do processo de “criação” do “outro” que produziu e “mimou” a deficiência como uma identidade (Huges, 2000). De facto, a validade está no centro do processo de “criação” do “outro”. É a questão colocada pelos significados culturais acerca do que constitui o “natural” – concebida como a verdade inescapável –, sendo através disto que a validade é avaliada. Ser ou tornar-se “inválido” é ser definido como imperfeito ou em défice em termos do imperdoável tribunal da natureza e da necessidade, normalidade e anormalidade sobre os quais a ciência médica preside. Efectivamente, as distinções médicas são distinções culturais poderosas que promovem e reforçam as hierarquias sociais e catalogam as pessoas em relação à sua identidade.

Os processos culturais através dos quais normas orgânicas traduzem as normas sociais são centrais para compreender o processo de “criação do outro” e invalidação das pessoas com deficiência. Um processo cultural bem contemporâneo, nomeadamente, a estetização do quotidiano, tornou-se um

importante factor na forma corrente de “invalidação” das pessoas com deficiência e não deve ser subestimado o papel que a medicina desempenhou nesta última onda de padrão de deficiência (Hughes, 2000). De facto, conforme refere Davis (1995, cit por Hughes 2000), quando pensamos nos corpos numa sociedade como a ocidental, onde o conceito de norma é operativo, então as pessoas com deficiência serão consideradas como “desviantes”.

Adicionalmente, a falta de representações realistas de experiências a nível cultural da deficiência não apenas contribui para o fenómeno do “outro” em que são vistas as pessoas com deficiência, encorajando a crença de que as suas vidas são inconcebíveis para os ditos normais, como eleva o receio que as pessoas com deficiência têm de actuar nos mais diversos contextos sociais. Assim, os estereótipos estão associados à pessoa com deficiência como dependente, moralmente reprovável e “coitadinha”, o que acaba por afastá-la de qualquer tipo de possibilidade de participação no trabalho e na vida social (Wendell, 1996).

Importa ainda referir, apoiando-nos nas concepções de Merleau-Ponty (1996) e Sartre (1976), a ideia de que o “outro” é o nosso espelho e quando vemos os outros é a nós mesmos que encontramos. Assim, a pessoa com deficiência percebida como sendo o “outro” que não se deseja ser e que se tem muito receio de vir a ser promove a estigmatização. Nesta perspectiva, Sartre (1976) também nos ajuda a compreender a ideia do “outro”, particularmente pela “força” do olhar do “outro” que nos cataloga, e, portanto, nos estigmatiza. Para o autor, o olhar é profundamente constituído sob o ponto de vista social; mais do que qualquer outro sentido, o olhar objectifica e qualifica. Neste sentido, confere poder àquele que comanda o campo da visão e é fonte de vergonha e humilhação para aquele que é objectificado. Ser olhado é experienciar a perda de poder e sentir o exercício do poder no corpo (Hughes, 1999); aqui, a pessoa com deficiência sente-se olhada e avaliada pelos “outros” socialmente.

Quando os nossos entrevistados com amputação por causa congénita se referem ao seu primeiro dia de aulas na escola como o primeiro grande teste que tiveram de passar, referem-se ao seu primeiro confronto com a

realidade social. Assim, as outras crianças na escola representaram o primeiro olhar sobre si mesmos, foi nestes olhares que se sentiram avaliados e qualificados pela primeira vez, de forma marcante no olhar dos colegas de escola, facto que justifica a forma como todos se referiram a este momento como marcante na sua amputação. Pelo contrário, para aqueles com amputação adquirida devido a um acidente, este confronto consigo próprios dá-se na sua primeira saída à rua, momento no qual referem que se sentem extremamente observados e avaliados por todos, normalmente, conotando-se com o sentido negativo e de incapacidade associado à pessoa com deficiência.

Contudo, todos os atletas, independentemente da causa ou do tipo de amputação que os caracteriza, sentem que a sua deficiência física lhes é recordada pelos “outros” diariamente, dando exemplo dos olhares de reprovação que encaram nas suas faces, das palavras que ouvem ou até mesmo das atitudes que presenciam, muitas vezes de afastamento ou retracção face à sua amputação. Muitas vezes, por isso, as pessoas com deficiência são sujeitas a elevados abusos a nível verbal, físico ou até mesmo visual, principalmente numa deficiência física e aparente como a dos nossos atletas. Por essa razão, qualquer aparição em público torna o sujeito vulnerável a este tipo de situação. No seu trabalho “The rejected body” (1996), Susan Wendell refere-se precisamente a esta questão e o discurso do Francisco é exemplo disto mesmo quando salienta que uma das suas experiências mais marcantes foi a sua primeira saída à rua após a amputação, na qual se sentiu o centro das atenções, observado por tudo e avaliado por todos; no fundo, identificado como o “outro”. Neste contexto, para qualquer sujeito, a sua aproximação ao modelo de normalidade vigente na sociedade em que se insere tem um papel central na sua própria identidade, na forma como se sente aceite e respeitado socialmente.

Como refere a mesma autora, para as pessoas sem deficiência, as pessoas com deficiência representam o “outro”, pois o facto de terem uma deficiência afasta-as da normalidade e das pré-concepções associadas a este conceito de normalidade e em que um corpo alterado, um corpo com amputação, não se enquadra. Mesmo eles próprios não se sentindo diferentes,

como referiram os nossos entrevistados, sentem que terão sempre de lidar com este tipo de situação, pois serão sempre vistos como diferentes, identificados como objectos e não como sujeito e ser humano que são. O “outro” é, assim, um conceito criado pela sociedade e influenciado pela cultura, uma vez que, ao longo dos tempos, as metáforas do medo, da incapacidade, da infelicidade, da dependência, entre outras, reflectem as respostas sociais e estereotipadas face à deficiência (Goodwin et al., 2004).

Tal como argumenta Wendell (1996), a sociedade actual é não só fisicamente construída como socialmente organizada, baseando-se no ideal de que todos são saudáveis, padrão no qual a pessoa com deficiência e, nomeadamente, com amputação, não se enquadra. Tal facto conduz, frequentemente, à exclusão social e priva estes sujeitos de uma participação integral em sociedade, apenas porque a deficiência se associa muitas vezes à ideia de “corpo rejeitável”, como refere Higginbotham (1992, cit por Wendell, 1996), e que poderá ser evidente numa amputação.

Assim sendo, e tendo em vista a aproximação do corpo da pessoa com amputação aos padrões da normalidade social, a prótese detém também lugar de destaque, uma vez que, quando utilizada pelos atletas com amputação, é valorizada sobretudo pela funcionalidade que confere ao membro perdido, estando ainda associada ao conceito de independência e, naturalmente, à questão do “outro”. De facto, para além de ajudar a diminuir as dificuldades funcionais do indivíduo, segundo Horgan e MacLachlan (2004), uma prótese também funciona como uma excelente forma de corresponder ao conceito hegemónico de “normalidade”, ao ajustar, em certa medida, uma imagem corporal alterada àquela valorizada e promovida socialmente, mas sobretudo pela funcionalidade e conseqüente independência que promove para a pessoa com amputação e que lhe é reconhecida pelos atletas do nosso grupo de estudo (aplicando-se apenas aqueles com amputação(ões) do(s) membro(s) inferior(es)).

A este respeito, também Goodwin et al. (2004) afirmam que a prótese permite à pessoa com amputação uma experiência de normalização, eliminando a ideia assumida de dependência que está ligada a estas pessoas.

Com efeito, se a pessoa com deficiência precisa de outra para a auxiliar na execução de tarefas tão básicas como levantar da cama, tomar banho, vestir, deslocar-se, então esta sente-se muito dependente. Assim, a dependência de “outros” para suprimir estas necessidades físicas básicas torna-se factor depreciativo numa sociedade que tão claramente preza a independência sob qualquer forma particular de ajuda (Wendell, 1996).

Para as pessoas com deficiência que conseguem ter a possibilidade de viver de forma independente ou aquelas que após uma luta travada na recuperação (de que são exemplo os atletas com amputação por causa adquirida do nosso grupo de estudo) conseguem alcançar este objectivo, valorizam muito esta sua independência, de tal forma que a questão do “outro” e da diferença se poderá, em certa medida, esbater. A este respeito, todos os atletas entrevistados são totalmente independentes na realização das suas tarefas pessoais, profissionais e desportivas, algo que os aproxima da ideia de normalidade social, aspecto que também parece favorecer a sua aceitação social e esbater as diferenças. No entanto, é importante reforçar a ideia de que nenhum dos atletas em estudo se sente diferente pelo facto de ter uma amputação, mas reconhecem a forma como são percebidos como diferentes por parte dos “outros”, pelo que este aspecto acaba por ser relevante em termos sociais na sua vida.

Socialmente, o facto de se ter uma deficiência física faz com que as pessoas com deficiência muitas vezes se sintam invisíveis, pois as suas características não lhes permitem integrar esta sociedade, uma vez que as suas experiências não são integradas na cultura dessa mesma sociedade. Porém, frequentemente, são as próprias pessoas com deficiência que se excluem umas às outras e colocam aqueles que partilham uma deficiência física semelhante à sua como o “outro”. Este facto ficou claro na narrativa de Leila, quando se referiu a uma experiência negativa que teve no desporto, em que eram os seus próprios colegas mais experientes que a excluía do grupo, ou seja, a colocavam como o “outro” neste caso. A este respeito, Wendell (1996) refere que este facto é comum, pois dentro do próprio grupo das pessoas com deficiência, criam-se hierarquias de poder e de valor entre

aqueles que actuam de forma mais próxima das pessoas sem deficiência (no topo), sobre aqueles que têm menos controlo sobre o seu corpo e que são, de certa forma, discriminados. No caso da Leila, ela era a mais nova e a menos experiente do grupo.

Em relação ao nosso grupo de estudo, o facto de todos os atletas praticarem uma actividade desportiva e receberem, através dos seus feitos no desporto, o reconhecimento por parte dos “outros”, faz com que estes possam ser percebidos como estando no topo da hierarquia da deficiência, pela revelação de controlo excepcional sobre o seu corpo no desporto.

A este propósito, Wendell (1996) refere que algumas pessoas com deficiência, os chamados “heróis com deficiência” simbolizam o controlo heróico contra todas as expectativas, e as suas imagens públicas confrontam as pessoas sem deficiência reafirmando a possibilidade de recuperação do corpo. Estes “heróis com deficiência” são pessoas com deficiências físicas e visíveis que recebem a atenção pública por conseguirem fazer coisas que não são usuais, até mesmo para muitos corpos capazes e sem deficiência. Tal sentimento foi possível observar nas narrativas dos nossos atletas. Nestes casos, contra todas as expectativas, as pessoas com deficiência são reconhecidas como heróis por serem capazes de revelar performances reveladoras de força física e de resistência. Mais importante ainda, para Wendell (1996), esta imagem do “herói com deficiência” pode reduzir em grande medida o fenómeno do “outro”, pelas capacidades demonstradas, pois mesmo tendo uma deficiência física, estes enquadram-se nos corpos capazes, aspecto que poderá explicar o facto de os atletas entrevistados afirmarem repetidamente que não se sentem diferentes ou especiais e, muitas vezes, se pensam em si como diferentes, seria sempre para um ser melhor e nunca como alguém com menos corpo, como reforça o Sandro na sua narrativa.

Nas narrativas que obtivemos, vários foram os atletas que reforçaram esta ideia, não obstante, o Sandro foi, sem dúvida, aquele que focou mais este ponto, referindo mesmo que, frequentemente, as outras pessoas lhe dizem que ele é especial por aquilo que consegue, nomeadamente, no desporto. Apesar disso, o atleta insiste que não se percebe desta forma, mesmo

considerando que a sua amputação foi acompanhada por um processo de reestruturação positiva da sua identidade.

Neste sentido, pela interpretação dos discursos aproximamo-nos da ideia de *supercrip*. Segundo Hardin e Hardin (2004), *supercrip* é um modelo criado pelos *media* como forma estandardizada para histórias de pessoas com deficiência que são vistas como heróis, os “heróis com deficiência”. Este conceito está, assim, associado a uma pessoa com deficiência que pratica actividade física e que obtém sucesso reconhecido através da sua prática, sendo utilizado pelos meios de comunicação social associado à noção de atletas vistos como “heróis com deficiência”. Também Kama (2004) refere no seu estudo que as pessoas sem deficiência têm tendência a aproximar-se daqueles com deficiência que alcançam feitos considerados heróicos. Segundo a autora, tal comportamento justifica-se pela admiração perante pessoas que são capazes de triunfar ultrapassando vários obstáculos como no caso, a deficiência, e que alcançam feitos que nem mesmo pessoas sem deficiência conseguem, muitas vezes, alcançar. Neste contexto, o facto da pessoa com deficiência praticar uma actividade desportiva parece aumentar as suas possibilidades de reconhecimento social através das vitórias alcançadas no desporto, sendo percepcionadas pelos “outros” como actos heróicos, facto que se aplica aos atletas do nosso grupo de estudo.

Corroborando esta ideia, Hardin e Hardin (2004) notam que apesar das imagens culturais nos dizerem o contrário, muitas pessoas com deficiência não percepcionam o seu corpo como fraco e imperfeito, facto que, na sua perspectiva, é aumentado face à sua participação desportiva, ainda mais quando esta prática se faz ao nível do desporto de elite, como sucede naqueles que participam nos Jogos Paralímpicos (exemplo da Leila, da Joana e do Sandro). Esta mesma ideia é destacada por Taub et al. (1999); os autores sugerem que a participação desportiva demonstra que as pessoas com deficiência são mais capazes e se aproximam mais daqueles sem deficiência, contrariando a ideia de estereótipo formada em torno da deficiência. Adicionalmente, para Goodwin et al. (2004), a participação da pessoa com deficiência no desporto tende a providenciar um contexto onde os participantes



podem ser observados além das visões estereotipadas de fraqueza e dependência. Efectivamente, as pessoas que são fisicamente activas, são, naturalmente, catalogadas como saudáveis, vibrantes e aptas.

Neste sentido, aqueles que, como os atletas entrevistados, praticam desporto sentem que estas qualidades são transferidas para eles próprios quando observados dentro de contextos de actividade física e percebidos como fisicamente activos. Assim, a participação na actividade física parece ter um papel determinante na forma como as pessoas com deficiência se definem a elas próprias. Tal como referiram os nossos atletas, no desporto eles experienciaram orgulho nos seus objectivos físicos atingidos, nas suas vitórias, sentiram-se reconhecidos e apreciaram muito a oportunidade de partilhar estas experiências com outras pessoas com deficiência.

Tendo em conta o que referimos anteriormente, as metáforas dos nossos atletas e do desporto para pessoas com deficiência parecem promover a ideia de *supercrip*, uma vez que quando estas pessoas são vistas a praticar desporto, parecem aos olhos dos “outros” como algo de fantástico, algo diferente, novo, algo que realmente sentem ter necessidade de parar para olhar. Os nossos atletas salientam a ideia de que aqueles com deficiência que se evidenciam no desporto são percebidos pelos outros como especiais e fantásticos (como nos narrou o Sandro), sendo o desporto visto como forma de expressão não só do corpo, de capacidade, mas também de normalidade (Goodwin et al., 2004).

Contudo, os atletas do nosso grupo de estudo realçam a importância que os meios de comunicação social têm na divulgação destas actividades e dos feitos destes atletas, sentindo-se pouco apoiados nesta matéria, quer pelas entidades que promovem o desporto para a pessoa com deficiência (reportado por Abel), quer pela falta de apoio a nível político e económico (apontada por Joana). Adicionalmente, os nossos atletas gostariam ainda de ver os seus feitos reconhecidos de forma mais evidente através da sua divulgação em jornais ou na televisão, tal como o observam face a atletas sem deficiência.

É pela falta de informação e de divulgação, pelos *media*, por exemplo, que muitas vezes as pessoas que, como alguns dos nossos atletas que

adquiriram uma deficiência no decorrer de uma vida experienciada como pessoas sem deficiência, se vêem confrontadas com a questão de como viver a sua deficiência (Wendell, 1996). Na realidade, as pessoas sem deficiência sabem muito pouco ou mesmo nada sobre o que é viver com uma deficiência, desde os apoios que existem para melhorar a sua vida, aspectos burocráticos relacionados com a deficiência, onde se dirigir, etc. Esta foi uma situação pela qual passou o Sandro que, após a amputação, simplesmente não sabia como viver e conviver bem com a sua deficiência, na medida em que as pessoas com deficiência para si tinham sido o “outro”.

Neste sentido, torna-se fundamental, até pelo testemunho dos entrevistados, que se dê a conhecer os apoios que existem para a pessoa com deficiência, nomeadamente, com amputação, bem como as actividades em que esta pode participar, tais como o desporto, donde advêm grandes vantagens e que importa dar a conhecer. Neste processo de divulgação e de informação, os meios de comunicação social ocupam um papel com elevado peso, uma vez que facilmente podem fazer chegar estas ideias a um leque mais abrangente de pessoas. Porém, na perspectiva do grupo em estudo, os *media* têm-se demitido desta função. Aliás, Goodwin et al. (2004) reforçam esta mesma ideia no seu estudo; os atletas com deficiência entrevistados referem que os *media* destacam muito pouco as actividades desenvolvidas para e por pessoas com deficiência, facto que favorece e sedimenta a ideia de estereótipo já enraizada na sociedade. Não obstante, os autores reconhecem que, nesta área, as coisas têm vindo a melhorar, mas muito lentamente, facto também explícito nas narrativas que obtivemos. O mesmo foi observado por Schantz e Gilbert (2001), ao referirem que nas últimas décadas a cobertura do desporto para pessoas com deficiência por parte da comunicação social aumentou de forma significativa. Contudo, esta cobertura continua a focar-se em primeiro plano na deficiência em vez de no atleta que caracteriza a pessoa em si mesma. Nestes casos em que os atletas com deficiência são alvo de cobertura por parte dos *media* então eles são, na maior parte das vezes, identificados com *supercrrips*.

Focando-nos agora de forma mais específica sobre as experiências desportivas dos atletas do nosso grupo de estudo, é de realçar o alto nível

desportivo e competitivo que os caracteriza e que valoriza sobremaneira as vivências narradas. Deste modo, apesar das diferentes modalidades praticadas pelos entrevistados e das experiências únicas que caracterizam a sua participação na vida desportiva, os seus discursos cruzam-se em alguns pontos e aspectos importantes que pretendemos agora desenvolver.

Na abordagem da prática desportiva importa compreender como é que os atletas iniciaram a sua prática desportiva, quem os motivou para tal e os fez permanecer no desporto. A este respeito, é necessário distinguir as diferentes experiências dos nossos atletas. Assim, aqueles com amputação congénita referem ter sido os pais a promoverem a sua iniciação na prática desportiva, proporcionando aos seus filhos experiências variadas em termos desportivos e tendo sido eles próprios a optar, mais tarde, pela prática de uma modalidade (no caso das nossas atletas, pela Natação). Neste grupo de atletas, é feita excepção ao Abel que teve uma experiência de influência negativa por parte da sua família (tema já explorado anteriormente), pelo que foi apenas aos 18 anos, quando atingiu a maior idade, que o Abel começou a sair à rua e foi aí que se “cruzou” com o desporto.

Por outro lado, no grupo de atletas com amputação adquirida, foi-nos possível observar que parece haver uma ligação directa entre a prática desportiva anterior à amputação e a prática desportiva actual, uma vez que os atletas já estavam ligados ao mundo do desporto antes da amputação, mas tiveram de fazer adaptações face às modalidades praticadas, tendo em conta o diferente nível funcional associado à sua amputação. A este respeito, podemos destacar os exemplos do Sandro, que era jogador profissional de Futebol e que agora pratica Ciclismo, e do Bruno, que também jogava Futebol e, actualmente, pratica Atletismo e Basquetebol em cadeira de rodas.

Adicionalmente, quando pedimos aos nossos entrevistados para nos relatarem as suas experiências no contexto desportivo, evidenciou-se também o tema das pessoas para si referentes no desporto. Assim, torna-se evidente o papel fulcral do treinador na sua prática desportiva, não só como amigo, mas também como alguém que os motiva e apoia em momentos importantes como os treinos, em que incentiva e acredita nas suas capacidades, mas também

nas provas em que sofre com eles. Aqui também os colegas, companheiros e amigos de treino e de competição se salientam de forma positiva pela forma como partilham todas as mesmas experiências, como vivem juntos as vitórias e como lidam em conjunto também com experiências mais negativas. Com efeito, e talvez como ponto-chave, a Leila referiu mesmo que o seu treinador a trata como uma pessoa sem deficiência; para si isso é a chave do seu sucesso. Para além disso, sente que os seus amigos a vêem como “normal”, como a Leila, e não como uma pessoa com amputação, o que faz com que o desporto se relacione também favorecendo a questão do “outro” e aproximando a pessoa com amputação da normalidade social entendida no conceito de Wendell (1996). Aqui, a Leila destaca a importância que tem para si que os “outros” a vejam como pessoa humana, como a Leila em si mesma e não através da amputação que a caracteriza, facto que também já havia sido referido no nosso estudo anterior com atletas com amputação (Sousa et al., 2006).

Por outro lado, vários são os atletas que revelam ter um “ídolo” no desporto, alguém que lhes serve de exemplo, como modelo de acção, e lhes incute motivação para treinar mais e melhor, normalmente um atleta com prestações notáveis a nível desportivo na modalidade que praticam e que, fruto das vitórias e feitos evidenciados, alcançou o reconhecimento social por parte dos “outros”, o que também eles, no fundo, desejam para si próprios.

Passando agora, de uma forma mais específica para as experiências vividas no desporto pelos nossos atletas; através da análise dos seus discursos, verificamos que o desporto terá favorecido a sua auto-estima, aumentado a sua confiança, permitido melhorar o seu corpo em termos funcionais e conhecer melhor as suas próprias capacidades. A este respeito, são vários os autores que associam estes benefícios à prática desportiva por parte de pessoas com deficiência referindo que as experiências vivenciadas no desporto têm um impacto positivo na percepção de si e do seu próprio corpo fazendo-as sentir mais capazes e melhoram a satisfação nas relações sociais, tornando-as mais capazes de enfrentar estereótipos negativos (Ploeg et al., 2004; Giacobbi e Stancil, 2008; Sousa et al., 2009). Também Goodwin et al.

(2004) afirmam que no desporto para pessoas com deficiência os atletas ficam bem consigo mesmos, revelando uma elevada auto-estima e mostrando-se satisfeitos com as suas vidas “normais”.

Para além deste facto, para os nossos entrevistados, o desporto proporcionou-lhes vivências de sucesso, favorecendo também a sua noção de independência e enaltecendo o seu sentido de capacidade, pela superação de si mesmos. A este respeito, Garcia e Lemos (2005) afirmam que a pessoa é um todo capaz da transcendência e que a pessoa com deficiência, humana que é, também tem o direito de se transcender. Assim, o desporto salienta-se enquanto lugar de transcendência e de superação de capacidades, onde a pessoa com deficiência se sente, realmente, capaz. Com efeito, atletas como a Joana e o Sandro referiram que no desporto, mais do que o objectivo da vitória face aos restantes atletas, aquilo que os motiva é o objectivo final de serem capazes de se superar a si mesmos, de superar as suas marcas e sentirem que são realmente capazes de mais.

Adicionalmente, os resultados obtidos no desporto, designadamente, as vitórias nas provas em que participam ou nos jogos que disputam, promovem o reconhecimento social por parte dos “outros” e transferem-se para outros contextos da vida do sujeito, de que nos deu exemplo a Leila. Esta atleta refere-se de forma bem clara a este aspecto que sente na própria pele pela sua experiência enquanto atleta paralímpica. No desporto, e ainda por cima a um nível competitivo tão elevado, estes atletas levam as suas capacidades ao máximo, o que os ajuda a criar uma visão extremamente positiva da sua identidade física. Tal facto é favorecido pelas boas prestações desportivas que alcançam, pelas vitórias nas provas e, muitas vezes, pelos resultados melhores do que alguns atletas sem deficiência, como nos narra o Sandro nas suas experiências no Ciclismo. Para estes atletas, todos estes aspectos presentes na prática desportiva facilitam a aceitação do seu corpo e da sua amputação pela realização pessoal que trazem associada e pelo reconhecimento adquirido no desporto.

O desporto promove, igualmente, oportunidades para a pessoa com deficiência se conhecer melhor, particularmente, através de um conhecimento

superior das suas próprias capacidades (Goodwin et al., 2004). Alguns dos atletas deste estudo chegam a referir que o apoio que recebem por parte das suas próprias comunidades, da sua família e amigos, que acreditam neles e nas suas capacidades, faz com que estes reconheçam o seu próprio potencial e acreditem nele. Isto mesmo está patente também na narrativa da Leila, quando se reporta à importância do reconhecimento social que obteve por parte de amigos, colegas, professores, etc., através da sua participação no desporto.

Por outro lado, também identificamos melhorias a nível social, nomeadamente na relação social com o outro, uma vez que os atletas que entrevistámos reconhecem que o desporto é palco de relações sociais, rico pelo facto de favorecer a troca de experiências entre pessoas com a mesma condição corporal, em grupos sociais com interesses e problemas semelhantes, ou até mesmo com aquelas sem deficiência (McClung e Blinde, 1997). Ao mesmo tempo, o desporto revela-se como meio de criação de amizades, as quais, na maior parte dos casos, foram referidas como amizades que se transferem para a vida e para contextos sociais distintos do desportivo, evidenciando a importância das redes sociais criadas pelo desporto e da sua relevância enquanto palco de actuação social.

Deste modo, apoiando-nos nas ideias de Ploeg et al. (2004), bem como nos discursos dos atletas entrevistados, podemos afirmar que o desporto, para além de todos os aspectos enunciados até ao momento, parece favorecer também a integração do sujeito no seio de um grupo, permitindo-lhe conhecer-se e reconhecer-se como indivíduo pelas relações sociais que estabelece, bem como pelas prestações desportivas que alcança, ajudando a lidar mais facilmente com a questão do “outro”. Este aspecto é deveras importante, uma vez que, segundo Merleau-Ponty (1996), literalmente somos (também) aquilo que os outros pensam de nós e expressamos o mundo em que vivemos, colocando a questão do “outro” em relevo.

Na mesma linha de pensamento, a criação destas redes sociais e as experiências partilhadas parecem fazer com que a pessoa com amputação encare o seu corpo de forma mais positiva (Sousa et al. 2009), favorecendo a

aceitação corporal, aspecto destacado por vários atletas, mas que foi referido de forma repetida pelas atletas praticantes de Natação, um desporto em que o corpo se encontra naturalmente mais exposto. Tal como a Leila e a Joana referiram, a Natação ajudou-as a aceitar o seu corpo e a grande exposição corporal que está associada a esta modalidade, através do uso de fato de banho nos treinos e nas competições, fez com que estas não só aprendessem a conhecer melhor o seu corpo, bem como a valorizá-lo, reconhecendo as suas potencialidades e aprendendo a reagir positivamente perante a sua diferença quando esta lhes é lembrada pelos “outros”. Sobre isto, Gustafson et. al. (2004) afirmam que apesar de os relatos daqueles com deficiência evidenciarem o sentimento de que são vistos pelos “outros” como “coitadinhos” e “incapacitados”, estes sentem que através da prática desportiva são capazes de mostrar aos “outros” as suas capacidades e sentem-se mais valorizados socialmente, corroborando os resultados por nós obtidos. Aliás, a Joana refere mesmo que, antes de praticar Natação, quando ía a locais públicos com os pais, era habitual esconder-se atrás dos mesmos para não sentir que os “outros” reparavam em si e reprovavam a sua amputação, aspecto que diz ter mudado, radicalmente, desde que começou a nadar. De facto, hoje em dia isso não acontece mostrando-se perfeitamente à vontade, mesmo para lá da vida privada.

Pode então afirmar-se que, através do desporto, o corpo alcança visibilidade e que através das potencialidades evidenciadas por este corpo no desporto, o corpo do atleta com amputação é reconhecido como capaz. Assim sendo, e como refere Pereira (2006), o corpo assume cada vez mais o papel de uma narrativa de auto-identidade, como se este corpo falasse por nós. No desporto, e através dos resultados que cada atleta é capaz de alcançar neste palco social, é reconhecido o valor do corpo em si mesmo e do corpo para os “outros”.

Tendo ainda em conta que é através do corpo que o sujeito percepção o mundo e se relaciona com este, e que o nosso corpo representa a nossa visão sobre o mundo. Como refere Merleau-Ponty (1996), nós apreendemos o

mundo através do nosso corpo e, neste contacto, é a nós mesmos que iremos reencontrar, constituindo-se o corpo como verdadeiro objecto da percepção.

No desporto, o corpo é interlocutor directo, na actividade desportiva este ganha voz e fala através das relações que estabelece com os outros, com aqueles que o rodeiam, construindo um mundo rico de experiências vividas através do corpo e pelo corpo (Leder, 1998). Ora, no contexto desportivo o corpo evidencia-se como elemento com grande visibilidade, pelo que as experiências e vivências desportivas relatadas pelos sujeitos nos permitem compreender a relação que este estabelece com o seu corpo próprio e permitem, mais profundamente, conhecer o sujeito, o que valoriza, ainda mais, a importância dos dados obtidos neste estudo.

Numa perspectiva de futuro desportivo, um dos aspectos que confirma o elevado nível desportivo dos atletas do nosso grupo de estudo é o facto de dois deles estarem, neste momento, a treinar com o objectivo de participarem nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012 (reportamo-nos à Joana e ao Sandro). Os restantes têm como objectivo conseguir vitórias nas competições em que participam, mas, fundamentalmente, por se ultrapassarem a si mesmos cada dia mais, superando-se e aprendendo a conhecer melhor o seu corpo.

Em termos futuros importa, ainda, salientar a ideia de que os nossos entrevistados pretendem, mesmo quando abandonarem a vertente competitiva, permanecerem sempre ligados à prática desportiva para pessoas com deficiências. Aqui, gostaríamos de deixar alguns exemplos: o caso da Leila que é médica e tirou uma especialização em classificação desportiva que lhe permitirá, mesmo quando deixar a Natação sob o ponto de vista competitivo, continuar sempre ligada ao seu clube e ao desporto, nessa altura sob uma perspectiva diferente; ou ainda os exemplos do Francisco e do Sandro, dois atletas que afirmaram que os seus projectos futuros passam pela cria o de unidades de apoio à pessoa com deficiência, no sentido de divulgar aquilo que existe em termos de reabilita o, bem como as possibilidades a nível do mundo de trabalho ou de prática desportiva, para pessoas com amputa o.

Por fim, a nível pessoal, os atletas do nosso grupo de estudo, identificam-se com pessoas de um grande dinamismo, com espírito lutador



(exemplo da palavra “guerreiro” utilizada pelo Sandro para se identificar) que, acima de tudo, desejam sempre ser vistos pelos outros e recordados pelo seu valor enquanto pessoa e enquanto desportista, à parte da sua deficiência física.

A respeito deste assunto, segundo os resultados de um estudo realizado por Huang e Brittain (2004), o sucesso obtido na prática desportiva, principalmente, quando a um nível elevado como o internacional, parece ser um factor com elevado potencial para uma visão positiva por parte dos atletas na forma como se vêem a si próprios, oferecendo-lhes um enorme sentido de capacidade e participando de forma activa na construção de identidades. Nesse estudo, surge ainda a ideia de que a própria criação da identidade de cada um deles é influenciada pelas suas experiências desportivas, não só pelo reconhecimento social que recebem dos “outros” perante os resultados que obtêm, mas também pela própria ideia de superação e de teste face às capacidades do próprio atleta. Esta referência pode, de certa forma, sustentar as identidades percebidas pelos atletas com amputação do nosso grupo de estudo devido à sua prática desportiva.

Tendo em conta todos os benefícios que parecem advir da prática desportiva para os nossos atletas, quer a nível pessoal, como social e desportivo, importa enaltecer a necessidade de fazer com que estas ideias sejam capazes de chegar cada vez mais a um número alargado de pessoas, e uma das formas, talvez mais eficaz de o fazer, será, com certeza, através da divulgação das histórias e experiências de vida de atletas como aqueles que entrevistámos.

Passando agora para a exploração das questões relativas à temporalidade, é forçoso referir que todos nós, naturalmente, experienciamos o mundo e organizamos essas experiências através do tempo. Como nos relembra Bruner (1991), é através do tempo que a nossa vida é compreendida em termos de passagem e a nossa identidade é construída ao longo do tempo. Para além disso, ao contar as nossas histórias estamos a atribuir significado às nossas experiências, através das mudanças contínuas no contexto das nossas vidas (Sparkes e Smith, 2005). Tendo em conta estas ideias, faremos uma

abordagem relacional da temporalidade referente aos temas emergentes na interpretação das narrativas, focando-nos no passado, presente e futuro, ou seja, no antes, no agora e no depois destes temas.

Desde logo é necessário considerar que a própria amputação é um momento marcado no tempo das histórias de vida de cada um dos atletas. No caso daqueles com amputação congénita que teve evidência no nascimento, mas também na infância em que começam a tomar consciência do seu corpo e a perceber as diferenças no olhar e nas reacções dos “outros”. E no caso daqueles com amputação adquirida, no momento marcante do acidente que lhes retirou o membro.

Em ambas as situações, os atletas reconhecem uma primeira fase dolorosa e complicada em que enfrentaram várias dificuldades, quer em termos funcionais, quer em termos de vivências sociais, passando depois por um processo gradual e temporal de aceitação do seu corpo. Este processo de aceitação do corpo é vivido de forma distinta entre os entrevistados, uma vez que está directamente relacionado com o contexto sócio-cultural envolvente, o qual é único e singular para cada um dos atletas e se constitui, também, como elemento em mudança ao longo do tempo. Não obstante, para todos os atletas do grupo de estudo podemos verificar hoje uma aceitação positiva da sua amputação, nomeadamente, de aceitação corporal e até mesmo de aceitação da prótese (apenas no caso daqueles com amputação(ões) do(s) membro(s) inferior(es)) decorrente no tempo.

Relativamente, à prótese, aquando da interpretação das narrativas foi possível identificar a incorporação deste elemento como parte do corpo próprio, no caso dos atletas com amputação(ões) do(s) membro(s) inferior(es), ao contrário dos que têm amputação do membro superior, para os quais a prótese nunca chegou a ultrapassar a barreira física do corpo, sendo percebida pelas atletas como algo estranho e muito pouco funcional. Neste sentido, quando nos reportamos à incorporação, estamos apenas a referir-nos aos atletas com amputação(ões) do(s) membro(s) inferior(es). A incorporação constitui, em si mesma, um processo decorrente no tempo (Leder, 1990). Neste processo, o atleta deixa de ver a prótese como algo exterior ao corpo, para

penetrar a sua corporalidade, sentindo-a como parte de si. Contudo, para que tal aconteça é necessário que se faça a aprendizagem de como utilizar da melhor forma esta estrutura, processo este que se desenvolve, mas que leva o seu tempo até ser conseguido.

Ao longo do tempo em que o atleta experiencia o mundo e explora a sua amputação, aprendendo a encará-la de forma positiva e explorando as potencialidades da prótese, ele está a transformar-se a si próprio e ao seu corpo, em busca da melhor forma de tirar o melhor partido do seu novo corpo próprio.

Por outro lado, também na questão do “outro” encontramos implícita a noção de temporalidade. De facto, na própria importância focada na questão do “outro” é possível observar uma mudança ao longo do tempo, pelo modo como o elemento “outro” influencia os atletas que entrevistámos. Neste contexto, importa evidenciar que numa primeira fase os atletas referem sentir-se incomodados pelos olhares que os “outros” lhes lançam quando estes se expõem em locais públicos, mostrando-nos a forma como estas atitudes são percebidas e experienciadas de forma negativa por eles. Apesar disso, actualmente, e não obstante os atletas reconhecerem o importante papel que os “outros” exercem sob o ponto de vista social, levando, naturalmente, a uma atitude estigmatizante, estes sentem-se, hoje, muito à vontade com a sua amputação e, em particular, quando se expõem em público, tendo ultrapassado a questão da diferença inerente à sua própria deficiência.

Para tal, o desporto parece ter contribuído, indiscutivelmente, e de forma determinante, importando-nos olhar aqui a prática desportiva numa perspectiva de passado, presente e futuro. Com efeito, as experiências desportivas dos entrevistados foram relatadas nas suas narrativas numa perspectiva temporal, desde a sua iniciação, passando pelas primeiras experiências, pelo presente desportivo e pelo futuro perspectivado no desporto.

A respeito da iniciação desportiva, merece lugar de destaque a ligação que parece existir entre a prática desportiva anterior à amputação (no caso daqueles com amputação por causa adquirida), uma vez que os atletas que entrevistámos praticavam desporto antes de terem sido alvo de intervenção

cirúrgica e que levou à amputação do membro. Apesar de, nestes casos, os atletas terem de mudar a modalidade que praticavam como forma de se adaptarem à sua amputação, todos eles permaneceram ligados ao desporto, o que desde logo reforça a importância que o desporto teve e tem, ainda na sua vida.

Adicionalmente, os nossos entrevistados são hoje atletas activos, enérgicos, vitoriosos, com aspirações elevadas e experiências passadas de sucesso que os incentivam no presente e que os fazem ter objectivos futuros elevados quanto à sua prática desportiva. Deste modo, para além das metas que desejam, ainda, alcançar no desporto, ratificam, continuamente, nas várias narrativas, a vontade de permanecer sempre ligados ao mundo desportivo de alguma forma, como por exemplo a nível institucional ou como treinadores. Com efeito, estes atletas não querem que a elevada importância que o desporto teve e tem na sua vida, deixe de existir, pelas experiências positivas que o desporto lhes permitiu alcançar e pela forma como sentem que a prática desportiva os transformou, também, como pessoas. Aliás, alguns atletas com amputação adquirida referem mesmo que, hoje, após a sua amputação e face à sua ligação com o desporto, sentem que são melhores pessoas.

*Conclusões*

---



## 6. Conclusões

No decurso dos tempos, o corpo tem vindo a tornar-se, cada vez mais, num elemento central na hierarquia axiológica de valores, especialmente, quando nos debruçamos sobre a sociedade ocidental e contemporânea que habitamos. Para além desta importância atribuída, socialmente, ao corpo, este é um elemento activo e rico em experiências e vivências através da relação que estabelece com o contexto, com o mundo que o rodeia. Nesta relação o corpo constrói-se a si próprio, modifica-se e modifica também o mundo.

Tendo em conta estes pressupostos, entendemos que no desporto, numa actividade em que o corpo actua de forma directa e visível através da performance dos atletas, podemos chegar com facilidade e relativa profundidade ao corpo, nomeadamente, ao conhecimento do atleta em si mesmo através da forma como vivencia o desporto, através do seu corpo e o corpo através do desporto, indo de encontro aos objectivos do nosso estudo. Este facto poderá tornar-se ainda mais relevante quando observamos atletas com deficiência na prática desportiva, neste caso, com amputação, que se constitui como uma alteração corporal indiscutível que induz alterações no corpo próprio do sujeito.

Nesta perspectiva, foi nossa intenção compreender a importância da prática de actividade física e desportiva para a pessoa com amputação(ões) na tentativa de compreender as experiências vividas por estes atletas no desporto; experiências vividas através do corpo e pelo corpo, tentando compreender a forma como estes percebem e vivem o seu corpo desportivo. Assim, apresentamos, em seguida, as principais conclusões que emergiram neste estudo.

Um dos aspectos que distingue os atletas do nosso grupo de estudo é o tipo de amputação, em particular, a sua causa, onde encontramos atletas com amputação congénita (desde nascença) e outros com amputação adquirida de forma traumática (por doença ou acidente). No entanto, quando nos focamos sobre as questões centrais do nosso estudo, é possível identificar que todos os atletas, independentemente, da causa da mesma, encaram a sua amputação e

o seu corpo com grande à vontade e naturalidade, apesar de se poder identificar uma fase inicial dolorosa no processo de adaptação e reabilitação dos adquiridos.

Nesta relação positiva que os atletas estabelecem com o seu corpo, podemos observar a estratégia comum de utilizarem o humor e de, em certa medida, brincarem com a sua própria amputação e, conseqüentemente, com a sua condição corporal, como forma de ultrapassar as perguntas indiscretas, os olhares ou até mesmo as atitudes reveladas pelos “outros” sociais. A acrescentar a este facto, estes atletas fazem referência ao leque variado de coisas que são capazes de fazer apesar da sua amputação, atribuindo o que lhes aconteceu a uma fatalidade do destino com a qual têm de aprender a lidar da melhor forma para superar as dificuldades que lhes vão surgindo e reconhecerem o seu próprio valor, valor inscrito em si como pessoa e no seu corpo próprio.

Esta relação positiva que os atletas estabelecem com o seu corpo e a forma como vêem a sua amputação, é favorecida pela influência positiva da família, dos amigos, dos médicos, fisioterapeutas e técnicos de próteses, que são destacados pelos nossos entrevistados como pessoas referentes e marcantes na sua vida. Esta influência positiva parece estar relacionada com a forma como se sentem apoiados por estes elementos, especialmente numa fase difícil e de mudança nas suas vidas, pela forma como sentem que estes os tratam de forma “normal” e os fazem sentir que vivem vidas “normais”. Aqui, quando falamos de pessoas referentes, fazêmo-lo pelo conhecimento de que foram e são elementos presentes na vida do atleta, que partilharam com eles experiências marcantes e de sucesso na sua amputação, no seu processo de construção do corpo próprio, bem como na sua adaptação à prótese.

Adicionalmente, importa reter que a amputação traz associada uma alteração corporal e também uma certa limitação funcional que, apesar de não ser muito elevada no caso dos nossos atletas, se reflecte nos objectivos que estes estabelecem para si, nas suas escolhas profissionais e, também desportivas o que, em alguns casos, implicou a mudança de profissão ou de desporto praticado face às condicionantes colocadas pela sua deficiência.



Contudo, esta limitação funcional, é sentida, sobretudo, por aquilo que os “outros” os fazem sentir, porque, na realidade, todos os nossos entrevistados são, totalmente, independentes na sua actuação nos diversos contextos sociais que habitam.

A este respeito é de realçar que a noção de limitação funcional e física que os nossos atletas nos transmitiram, parece ser percebida pela forma como os “outros” os olham e avaliam sob o ponto de vista social, pela discordância entre a capacidade individual de realização do indivíduo e as expectativas do grupo social. Com efeito, salientou-se nas narrativas a importância que o “outro” e a aproximação aos padrões de “normalidade” têm para este grupo de atletas, designadamente, pela forma como sentem que são percebidos como “coisas diferentes” por parte das pessoas sem deficiência, apesar de eles não se perceberem desse modo.

Outra das questões a destacar das narrativas que obtivemos é o papel distinto que a prótese adquire mediante o facto de o atleta ter uma amputação do membro superior ou inferior, sendo, no caso dos primeiros, percebida como elemento “dispensável” e pelos segundos, como “indispensável”. Com efeito, as atletas com amputação do membro superior referem-se à prótese como um elemento estranho, do qual nunca perceberam qualquer funcionalidade e, como tal, optaram, definitivamente pela não utilização de prótese. Pelo contrário, todos os atletas com amputação no membro inferior nomearam a prótese como elemento vital pela sua funcionalidade e pela independência que lhes permite. Neste grupo, a prótese é incorporada pelo atleta e passa a fazer parte do seu corpo próprio, entendendo-a como uma extensão do seu próprio corpo, com uma importância de tal forma realçada que chegam mesmo a utilizar diferentes tipos de prótese consoante os contextos em que actuam. Estas questões da prótese levam-nos até ao tema do corpo, pela forma como esta estrutura é incorporada pelo atleta, pelo facto de passar a habitar a sua corporalidade, constituindo parte do seu corpo próprio.

Entendendo o corpo como estrutura visível, não poderíamos deixar de nos referir à forma positiva como os atletas entrevistados expõem, naturalmente, a sua amputação e a sua prótese em público, subvalorizando os

aspectos estéticos, questão na qual o desporto parece ter tido um papel determinante, pelo facto de na prática desportiva terem de expor o seu corpo de forma evidente perante os “outros”.

Nesta questão da exposição corporal, destaca-se também o tema do “outro” e da “normalidade”, pois aquilo que possam referir como aspectos mais marcantes nas suas experiências corporais é sustentado pelos olhares dos “outros” e pela forma como se sentem avaliados e identificados como incapazes nos seus olhares, aspecto que os afasta dos padrões de “normalidade”, promovendo a estigmatização e a exclusão social. A este nível, sobressai a forma positiva como os nossos entrevistados se relacionam e se sentem bem consigo mesmos, algo favorecido pela independência com que se percebem e pela funcionalidade que percebem do seu corpo próprio, o que, de certa forma, pode esbater estas diferenças sentidas, pela aproximação à “normalidade”.

Adicionalmente, o desporto constitui-se como palco em que estes atletas sentem que são capazes e vêem o seu bom desempenho reconhecido, sendo muitas vezes vistos pelos “outros” como “heróis com deficiência” e como especiais. De facto, o desporto é crucial enquanto palco em que o corpo alcança grande visibilidade, como expressão do corpo, expressão de capacidade, mas também de “normalidade”. Através da prática desportiva, os atletas com amputação sentem que, pelos feitos alcançados, tantas vezes próximos ou até mesmo melhores do que algumas pessoas sem deficiência, lhes são reconhecidas qualidades como aptos, saudáveis e competentes, normalmente, associadas apenas àqueles sem deficiência.

No seu percurso desportivo, estes atletas salientam, como pessoas marcantes, o seu treinador e a figura de um “ídolo” que identificam como modelo para a sua própria acção, mas também destacam as fortes amizades que criaram no contexto desportivo e que reforçam a importância das redes sociais criadas no desporto.

Adicionalmente, através das experiências narradas pelos nossos entrevistados, as quais foram contadas como vivências de sucesso, de capacidade, de reconhecimento social e de superação de si próprios, podemos

identificar a influência positiva da prática de actividade física: na auto-estima e confiança do atleta; nas melhorias funcionais evidenciadas e na conseqüente independência percebida; na forma como favoreceu a criação de amizades que se transferem muitas vezes para a sua vida, pela partilha de problemas e de vitórias com outros atletas; e, ainda, na construção da própria identidade.

Focando-nos agora no corpo, o desporto ajudou o atleta com amputação a aceitar de forma positiva o seu corpo e a relacionar-se com ele com naturalidade; permitiu-lhe valorizar o seu corpo e reconhecer-lhe capacidades, bem como explorá-las ao máximo, revelando-se, assim, como elemento essencial nas suas vidas e ao qual pretendem sempre manter-se ligados de futuro. Assim sendo, e reconhecendo a forma como os nossos entrevistados valorizam o desporto pelos efeitos positivos que percebem desta participação, particularmente, na relação que estabelecem com o seu corpo, destacam a necessidade de divulgação dos apoios e das actividades existentes para a pessoa com deficiência. Neste sentido, os nossos atletas acreditam que a partilha das suas experiências e vivências positivas com outras pessoas com deficiência, nomeadamente, com amputação, poderia ser um excelente meio de ajudar os “outros” que, como eles, se sentem “à margem” da “normalidade” social. Aqui, é ainda reconhecido pelos nossos atletas o papel importante que os meios de comunicação social deveriam desenvolver, enquanto meio privilegiado de informação como veículo transmissor de cultura e de valores. Esta modificação de mentalidades poderia, para os nossos atletas, ser conseguida, entre outras formas, através de uma cobertura e divulgação das actividades desenvolvidas pela pessoa com deficiência, podendo começar-se pelo desporto.

Finalmente, importa ainda referir como as experiências narradas pelos atletas do nosso grupo de estudo se desenrolaram numa perspectiva de temporalidade, associada à própria narrativa, enquanto história de vida que, naturalmente, se realiza no tempo. Pode dizer-se que a temporalidade se revelou em várias questões abordadas neste estudo, numa perspectiva do desenrolar e de progressão no tempo. Desta revelação, destaca-se a forma progressiva como, ao longo do tempo, o atleta é capaz de aceitar a sua

amputação e estabelecer uma relação positiva com o seu corpo próprio. Para tal, a sua participação no desporto contribui, de forma evidente, dado que esta é uma actividade na qual o seu corpo é valorizado e reconhecido como capaz. Porém, é de realçar que este é um processo que os atletas reconhecem como, inicialmente, doloroso e complexo. Não obstante reconhecerem essa dificuldade, a verdade é que os atletas compreendem esse processo, literalmente de incorporação, como algo que os transformou. No fundo, esta transformação demonstra aquilo que é veiculado no conceito de corpo próprio de Merleau-Ponty, a partir do qual a experiência no mundo pelo corpo transforma a pessoa. Neste caso, esta incorporação, mesmo que de dor e de dificuldade é compreendida como algo que ajudou os nossos entrevistados a crescerem e a serem mais, de tal modo, que no presente, ao olharem para o seu passado, são capazes de entender como algo positivo e até benéfico enquanto pessoa humana. Também a prótese parece ser aceite pelo atleta no decorrer do tempo (apenas naqueles com amputação(ões) do(s) membro(s) inferior(es)) pelo processo de incorporação. Neste caso, a prótese é, gradualmente, integrada como parte do seu corpo próprio a partir do momento em que o atleta experiencia sucesso na sua utilização.

Ainda com respeito à temporalidade, consideramos o corpo como elemento central em todo este processo de aceitação da amputação, de relacionamento positivo com o corpo e até mesmo com a prótese, nomeadamente, através da forma como as potencialidades deste corpo próprio são exploradas na relação diária com o mundo, expressa também no desporto.

Em suma, e tendo como meta responder aos objectivos por nós formulados, acentuamos a elevada importância que a prática de actividade física tem para a pessoa com amputação, nomeadamente, pelos benefícios que percebe desta prática e que identifica não só a nível físico e funcional, mas também pelas melhorias sentidas em termos de valorização pessoal, de relacionamento social com os “outros” e de percepção corporal. Destaque-se ainda que esta valorização é tal, que todos os entrevistados praticam desporto

de competição, procurando, inclusivamente, elevados níveis competitivos, como sejam os próprios Jogos Paralímpicos.

No desporto, estes atletas narram experiências vividas e sentem-nas como extremamente, positivas e de sucesso, experiências estas vividas através de um corpo com amputação, mas que, através da prática desportiva aprenderam a reconhecer como capaz e funcional. Com efeito, no desporto, estes atletas encontraram um meio de expressão do seu corpo perante os “outros”, expressão de um corpo vivido e explorado ao máximo e que alcança relevo através dos resultados desportivos obtidos e do reconhecimento social que lhes está associado.

Neste sentido, os nossos entrevistados percebem o seu corpo desportivo como um corpo capaz, saudável e com elevado potencial, um corpo capaz de se superar e transcender através de feitos que muitas vezes estes atletas, numa mesma situação, não observam na pessoa sem deficiência. Assim, os entrevistados revêem-se neste seu corpo desportivo, mais do que na condição corporal que a amputação lhes confere, ou melhor, que os “outros” lhes conferem.

Tendo em conta o que foi referido, as sugestões que apresentamos estão directamente associadas a algumas das questões que, apesar de não terem sido focadas de forma directa nas entrevistas realizadas, emergiram como temas relevantes para os atletas do nosso grupo de estudo e que, portanto, poderão ser questões interessantes a explorar. Neste sentido, recomendamos que investigações futuras se façam no âmbito da experiência vivida pela pessoa com deficiência no desporto, mas focando agora outros tipos de deficiência e ainda outros desportos, por forma a compreender melhor as vivências diversificadas de todos aqueles que praticam desporto adaptado.

Adicionalmente, parece-nos que será interessante explorar mais aprofundadamente as questões do “outro” na pessoa com deficiência, associando-o ao conceito de normalidade construído socialmente, bem como ao papel que a prática desportiva terá na relação que se estabelece entre estes

conceitos. De facto, este foi um tema que se realçou nas narrativas do nosso grupo de estudo.

Por fim, e tendo em conta o futuro narrado, será relevante explorar a questão do abandono da prática desportiva por parte de atletas com deficiência, praticantes de desporto de alta competição.

## *Referências Bibliográficas*

---





## 7. Referências Bibliográficas

1. Adams, R; Daniel, A.; Mccubbin, J.; Rullman, L. (1985). Jogos, esportes e exercícios para o Deficiente Físico (3ª ed.). São Paulo. Editoria Manole.
2. Amiralian, M., Pinto, E., Ghirardi, M., Litchtig, i., Masini, E., & Pasqualin, L. (2000). Conceituando deficiência/The concept of disability. *Revista de Saúde Pública/ Journal of Public Health*, 34(1), 97-103.
3. Arbour, K., Latimer, A., Ginis, K., & Jung, M. (2007). Moving Beyond the Stigma: The Impression Formation Benefits of Exercise for Individuals With a Physical Disability. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 24(2), 144-159.
4. Atkinson, R. (1998). *The Life Story Interview. Qualitative Research Methods. Volume 44.* London. Sage Publications.
5. Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo.* Lisboa. Edições 70.
6. Barsby, P.; Ham, R.; Lumley, C.; Roberts, C. (1995). *Amputee Management – a handbook.* King's College School of Medicine & Dentistry. London. Denmark Hill.
7. Bento, J. (1995). *O outro lado do desporto. Vivências e reflexões pedagógicas.* Porto. Campo das Letras.
8. Blinde, E.; McClung, L. (1997). Enhancing the physical and social self through recreational activity: Accounts of individuals with physical disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 14, 327-344.
9. Bruandet, J. (1996). Les agésies et amputations. In M. Sourdillan e F. Hourdeau (Eds), *Déficiences Motrices et*

Handicaps (pp. 277-280). Paris. Edition APAF (Association des Paralyses de France).

10. Bruner, J. (1991). The Narrative Construction of Reality. *Critical Inquiry*, 18(1), 1-21.
11. Bruner, J. (2004). Life as Narrative. *Social Research*, 71(3), 691-710.
12. Cohen, M.; Omery, A. (1994). Schools of phenomenology: implications for research. In J. Morse (Eds), *Critical issues in qualitative research methods* (pp. 136-156). California: Sage Publications.
13. Conroy, S. (2003). A Pathway for interpretative phenomenology. *International Journal of Qualitative Methods*, 2(3), 1-43.
14. Corker, M. (1999). Disability – the unwelcome ghost at the banquet...and the conspiracy of Normality. *Body and Society*, 5(4), 75-83.
15. Costa, A. (2001). Atividade Física e Esportes para Portadores de Deficiência Física. In Lazer, *Atividade Física e Esporte para Portadores de Deficiência* (pp. 53-87). Serviço Nacional da Indústria. Brasília. Departamento Nacional.
16. Crossley, N. (2001). The phenomenological habitus and its construction. *Theory and Society* (30), 81-120.
17. Denzin, N. (1989). *Interpretive Biography. Qualitative Research Methods. Volume 17.* London. Sage Publications.
18. Duncan, M. (1998). Stories we tell ourselves about ourselves. *Sociology of Sports Journal*, 15, 95-108.

19. Esquenazi, A. (2004). Amputation rehabilitation and prosthetic restoration. From surgery to community reintegration. *Disability and Rehabilitation*, 26 (14/15), 831-836.
20. Ezzy, D. (1998). Theorizing narrative identity: symbolic interactionism and hermeneutics. *Sociological Quarterly*, 39 (2), 239-252.
21. Ferreira, L. (1993). Participação em Sociedade, desporto para todos/ desporto adaptado. *Revista Integrar*, 1, 42-45.
22. Garcia, R. (1997). A evolução do homem e das mentalidades – uma perspectiva através do corpo. *Revista Movimento* 4(6), 61-71.
23. Garcia, R.; Lemos, K. (2005). Temas (quase éticos) de desporto. Belo Horizonte. Casa da Educação Física.
24. Genin, J.; Bastien, J.; Detrembleur, C.; Willems, A. (2005). Changes in the optimal speed of walking with the level of lower limb amputation. *Computer Methods in Biomechanics Engineering*, 8, 115-116.
25. Giacobbi, P.; Stancil, M. (2008). Physical Activity and Quality of Life Experienced by Highly Active Individuals with Physical Disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 25, 189-207.
26. Goodley, D.; Tragaskis, C. (2006). Storying disability and impairment: retrospective accounts of disabled family life. *Qualitative Research*, 16, 630-646.
27. Goodwin, D.; Thurmeier, R.; Gustafson, P. (2004). Reactions to the Metaphors of Disability: The Mediating Effects of Physical Activity. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 21, 379-398.

28. Gubrium, J.; Holstein, J. (1998). Narrative practice and the coherence of personal stories. *Sociological Quarterly*, 39 (1), 163-187.
29. Gustafson, P.; Goodwin, D.; Thurmeier, R. (2004). Reactions to the Metaphors of Disability: The Mediating Effects of Physical Activity. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 21, 379-398.
30. Gutfleisch, O. (2003). Peg legs and bionic limbs: the development of lower extremity prosthetics. *Interdisciplinary Science Review*, 28 (2), 139-148.
31. Hafren, B.; Sandens, J.; Czerniecki, J.; Fergason, J. (2002). Transtibial energy-storage and return prosthetic devices: A review of energy concepts and proposed nomenclature. *Journal of Rehabilitation Research and Development*, 39 (1), 1-11.
32. Hardin, M., & Hardin, B. (2004). The 'Supercrip' in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony's disabled hero. *Sosol*, 7(1): [[physed.otago.ac.nz/sosol/v7i1/v7i1.html](http://physed.otago.ac.nz/sosol/v7i1/v7i1.html)].
33. Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo*. Universidade de São Francisco (parte I). Editora Vozes (15ª Edição).
34. Horgan, O.; MacLachlan, M. (2004). Psychosocial adjustment to lower-limb amputation: a review. *Disability and Rehabilitation*, 26 (14/15), 837-850.
35. Howe, P.; Jones, C. (2006). Classification of Disabled Athletes: (Dis)Empowering the Practice Community. *Sociology of Sport Journal*, 23, 29-46.
36. Huang, C.; Brittain, I. (2006). Negotiating Identities through Disability Sport. *Sociology of Sport Journal*, 23(4), 352-375.
37. Hughes, B. (2000). Medicine and the aesthetic invalidation of disabled people. *Disability & Society*, 15(4), 555-568.

38. Husserl, E. (1909). A Ideia da Fenomenologia. Textos Filosóficos. Edições 70. (Data utilizada, 2000).
39. Kama, A. (2004). Supercrips versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. *Communications*, 29, 447-466.
40. Leder, D. (1990). *The Absent Body*. Chicago. The University of Chicago Press.
41. Leder, D. (1998). A tale of two bodies: the Cartesian Corpse and the Lived Body. In D. Welton (Eds.), *Body and Flesh. A philosophical reader* (pp. 117-129). Oxford. Blackwell Publishers.
42. Manning, P. e Cullum-Swan, B. (1994). Narrative, content, and semiotic analysis. In N. Denzin e Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 463-477). California. Sage Publications, Inc.
43. Marks, L.; Michael, J. (2005). Artificial limbs: clinical review – science, medicine, and future. *British Journal of Sports Medicine*, (323), 732-735.
44. Marques, U. (1991). Investigação Científica em Pedagogia do Desporto para Deficientes. In J. Bento; A. Marques (Eds.), *Actas do II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa – As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva*, Vol. I, (pp. 533-541). Porto. Desporto na escola, Desporto de Reeducação e Reabilitação.
45. Meimoun, Y.; Mizrahi, J. (2000). Biomechanical Simulation of an Amputated Forearm With and Without a Prosthesis. *Proceedings of the Institution of Mechanical Engineers - Part H. Journal of Engineering in Medicine*, 214 (3), 287-299.

46. Merleau-Ponty, M. (1996). Fenomenologia da Percepção, (2ª ed.). São Paulo. Martins Fontes.
47. Miller, P. (1995). Fitness Programing and Physical Disability. Champaign. Human Kinetics.
48. Moem, T. (2006). Reflections on the Narrative Research Approach. International Journey of Qualitative Methods, 5(4), 1-11, December.
49. Murray, C. (2004). An interpretative phenomenological analysis of the embodiment of artificial limbs. Disability and Rehabilitation, 26(16), 963-973.
50. Nogueira, A. (2005). Análise da Marcha de Amputados Transtibiais em subida de rampa, para três níveis de inclinação. Dissertação de Mestrado. Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
51. Nogueira, R. (2002). A prevenção e actividade física – estudo efectuado em indivíduos amputados por acidente de trabalho no Concelho de Paredes. Dissertação de Licenciatura. Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
52. O' Sullivan, S.; Schmitz, J. (1993). Fisioterapia, avaliação e tratamento. São Paulo. Editora Manole.
53. Oliveira. A. (2000). Elementos terapêuticos na reabilitação dos sujeitos com incapacidades físicas adquiridas. Análise Psicológica, 18 (4), 437-453.
54. Pais, J. (1996). Culturas Juvenis. Lisboa. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
55. Palmer, M.; Toms, J. (1988). Treinamento Funcional dos Deficientes Físicos. São Paulo. Editora Manole.

56. Patton, M. (2002). *Qualitative research & evaluation methods* (3<sup>rd</sup> ed.). Thousand Oaks. Sage Publications.
57. Pedrinelli, A.; Teixeira, W. (2005). *Atividade Física nas Amputações e Anomalias Congênitas*. In M. Gorgatti, R. Costa (Eds.), *Atividade Física Adaptada. Qualidade de Vida para Pessoas com Necessidades Especiais*, (pp. 182-217). São Paulo. Editora Manole.
58. Pereira, A. (2006). *Para uma visão fenomenológica do corpo contemporâneo*. In A. Pereira, A. Costa, R. Garcia (Orgs.), *O desporto entre lugares: o lugar das Ciências Humanas para a compreensão do Desporto*, (pp. 143-172). Porto. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
59. Ploeg, H.; Bexk, A.; Woude, L.; Mechelen, W. (2004). *Physical Activity for People with Disability, a conceptual model*. *Sports Medicine*, 34 (10), 639-649.
60. Poirier, J.; Clapier-Valladon, S.; Raybaut, P. (1999). *Histórias de Vida, teoria e prática*. Oeiras. Celta Editora.
61. Quigley, M. (1992). *Prosthetic Management: overview, methods and materials*. In Bower, J. (Eds.), *Atlas of Limb Prosthetics* (pp. 67-79). St. Louis. Mosby-year Inc.
62. Quivy, R., Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.
63. Ray, M. (1994). *The richness of phenomenology: philosophic, theoretic, and methodologic concerns*. In J. Morse (Eds.), *Critical issues in qualitative research methods* (pp. 117-133). California. Sage Publications.

64. Reale, G. e Antiseri, D. (1995). Historia del pensamiento filosófico y científico III – Del romanticismo hasta hoy. Barcelona. Editorial Heder.
65. Ribeiro, A. (2003). O corpo que somos. Aparência, sensualidade, comunicação. Lisboa. Editorial Notícias.
66. Richardson, L. (1990). Narrative and Sociology. *Journal of Contemporary Ethnography*, 19(1), 116-135.
67. Richardson, L. (2000). Writing. A method of inquiry. In Denzin N & Lincoln Y (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 923-948). California. Sage Publications, Inc.
68. Ricoeur, P. (1981). *Hermeneutics & the Human Sciences* (J. Thompson trans. and Ed.). New York: Cambridge University Press and Editions de la Maison des Sciences de L'Homme.
69. Rodrigues, D. (1983). Incidência, Definição e Classificação da Deficiência Motora. In *Colectânea de textos: Educação Especial – Deficiência Motora da Universidade Técnica de Lisboa – ISEF*, (pp. 29-31). Lisboa. Edição ISEF- Centro de Documentação e Informação.
70. Rodrigues, N. (1999). Estudo da Opinião de Deficientes Visuais acerca da Utilização das Técnicas de Bengala. Dissertação de Licenciatura. Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
71. Santiago, L. (2006). Os valores orientadores das práticas desportivas em grupos emergentes da terceira idade. In A. Pereira, A. Costa e R. Garcia (Eds.), *O desporto entre lugares. O lugar das Ciências Humanas para a Compreensão do Desporto*. Porto - Fadeup ( pp.245-263).



72. Sautreuil, P. (1996). L'appareillage orthopédique. In M. Sourdillan e F. Hourdeau (Eds.), *Déficiences Motrices et Handicaps*. Paris, (pp. 385-399). Edition APAF (association des paralyses de France).
73. Schwandt, A. (1997). *Qualitative Inquiry: a dictionary of terms*. Thousand Oaks, Sage Publications.
74. Schantz, O.; Gilbert, K. (2001). An ideal misconstrued: newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, 18, 69-94.
75. Seabra, A. (1996). *A influência de Actividades Físicas e/ou Desportivas no auto-conceito de indivíduos amputados*. Dissertação de Licenciatura. Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
76. Seymour, W. (2002). Time and the Body: re-embodying time in disability. *Journal of Occupational Science*, 9(3), 135-142.
77. Silva, A. (1991). *Desporto para Deficientes – corolário de uma evolução conceptual*. Dissertação apresentada às Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica na F.C.D.E.F. da Universidade do Porto.
78. Smith, B.; Sparkes, A. (2008). Narrative and its potential contribution to disability studies. *Disability & Society*, 23 (1), 17-28.
79. Smith, L. (1998). Biographical Method. In N. Denzin e Y. Lincoln (Eds.), *Strategies of Qualitative Inquiry*. London, (pp. 184-224). Sage Publications.
80. Sousa, A. (2006). *O corpo no amputado: - percepção do corpo no amputado praticante de não praticante de actividade física*.

Dissertação de Monografia. Porto. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

81. Sousa, A.; Corredeira, R.; Pereira, A. (2009). "The body in persons with an amputation". *Adapted Physical Activity Quarterly*, 26, 236-258.
82. Souza, A. (1994). *O esporte na Paraplegia e Tetraplegia*. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan.
83. Sparkes, A. (2004). Bodies, narratives, selves and autobiography. The example of Lance Armstrong. *Journal of Sport & Social Issues*, 28(4), 397-438.
84. Sparkes, A.; Smith, B. (2003). Men, sport, spinal cord injury and narrative time. *Qualitative Research*, 3, 295-320.
85. Sparkes, A.; Smith, B. (2005). When narratives matter. *Medical Humanities*, 31, 81-88.
86. Stam, H.; Anne-Marieke, D.; Hans.B. (2004). Prevalence of low back pain after transfemoral amputation related to physical activity and others prosthesis-related parameters. *Disability and Rehabilitation*, 26 (13), 794-797.
87. Taub, D.; Blinde, E.; Greer, K. (1999). Stigma management through participation in sport and physical activity: experiences of male college students with physical disabilities. *Human Relations*, 52 (11), 1469-1484.
88. Teixeira, J. (1995). *Prática Desportiva no indivíduo amputado: contributo para o estabelecimento de uma estrutura desportiva para amputados num hospital*. Dissertação de Licenciatura. Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

89. Teixeira, J. (1998). Reconstrução simbólica do corpo do amputado. Dissertação de Mestrado. Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
90. Tierney, W. (2000). Life History and Postmodern Challenge. In N. Denzin e Y. Lincoln (Eds.), Handbook of Qualitative Research. London, (pp. 537-553). Sage Publications.
91. Touraine, A. (1994). Critica da Modernidade. Lisboa. Instituto Piaget.
92. Wendell, S. (1996). The Rejected Body: feminist philosophical reflections on disability. New York. Routledge.
93. Wilson, P. (1992). History of Amputation Surgery and Prosthetics. In Bower, J. (Eds.), Atlas of Limb Prosthetics (pp. 3-15). St. Louis. Mosby-year Inc.

### **Pesquisas na Internet**

1. International Organizations of Sport for the Disabled (ISODs, 2009). Sports Classification, disponível em: [[www.paralympic.org](http://www.paralympic.org)], consultado em 12 de Junho de 2009.
2. International Paralympic Committee (IPC, 2009). Ipc – classification guideline, disponível em: [[www.paralympic.org](http://www.paralympic.org)], consultado em 12 de Junho de 2009.



*Anexos*

---



## 8. Anexos

### 8.1- Guião da Entrevista

#### Guião da Entrevista

##### Questões Biográficas/Dados Pessoais:

Género: M \_\_\_ F \_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Morada/Localidade: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_ Grau académico: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Causa da amputação: \_\_\_\_\_ Tipo de amputação: \_\_\_\_\_

Tempo decorrido desde a amputação: \_\_\_\_\_

Tipo de Prática Desportiva: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo pratica: \_\_\_\_\_

Onde pratica: \_\_\_\_\_

Quantas vezes por semana: \_\_\_\_\_

As questões que se seguem têm como objectivo conhecer a sua história de vida, tentando compreender a influência que o facto de ser amputado tem, diariamente, na sua experiência vivida. Sendo, em nosso entender, crucial esta sua contribuição para criar actividades/programas de reabilitação e inclusão social o mais ajustados possível às necessidades específicas da pessoa com amputação.

##### Questões da entrevista:

1. Fale-me acerca da sua amputação, como aconteceu?
2. Há algum episódio e/ou alguém na sua amputação que (antes/durante/após) seja mais marcante e que recorde? Porquê?
3. Ao longo do seu processo de recuperação/reabilitação/adaptação o quê e/ou quem o marcou de forma mais evidente? Porquê?
4. Qual a importância que a prótese tem na sua vida? Conte-me algumas experiências que demonstrem a sua importância.
5. Como era a sua vida antes da amputação? O que mudou? Conte-me alguns episódios que sejam marcantes nestas diferenças.

6. Que implicações teve a sua amputação naquilo que é e faz hoje? E naquilo que projecta em termos futuros?
7. Sente-se diferente pelo facto de ser amputado? De que forma (experiências marcantes)?
8. Fale-me acerca da sua vida, das suas vivências e experiências enquanto amputado ao nível da vida pessoal, profissional e social.
9. A sua profissão antes de sofrer a amputação era a mesma? Realiza o mesmo tipo de tarefas? Se mudou, porquê?
10. Em termos corporais como vive a sua amputação?
11. O que o levou a praticar desporto? O quê e quem o influenciou de forma determinante neste percurso? De que forma?
12. Praticava desporto antes da amputação? Qual?
13. Fale-me acerca das suas experiências mais marcantes no desporto? Porque o foram?
14. Quais as pessoas que foram e que são actualmente mais marcantes para si na sua vida desportiva? Porquê?
15. Tem amigos no clube? Habitualmente realiza actividades com esses amigos para além dos treinos? Que tipo de actividades?
16. Com que objectivos treina?
17. Que projectos tem em termos futuros na sua prática desportiva?
18. Conte-me as suas experiências mais marcantes nas competições em que participou até ao momento?
19. Que significado tem o desporto na sua vida? E a competição?
20. Como é que vê a amputação enquanto alteração corporal na sua prática desportiva? Que limitações lhe coloca?
21. Como é que se identifica? (Quando pensa em si de que é que se lembra?)



## 8.2 – Termo de Consentimento

### Termo de Consentimento

Eu, \_\_\_\_\_  
(nome completo), venho por este meio autorizar a utilização pública de todos os dados fornecidos na entrevista pessoal que realizei no âmbito do trabalho de mestrado intitulado: “A experiência vivida da pessoa com amputação através do corpo: - influência da prática de actividade física” realizado pela aluna Ana Isabel Castro Almeida e Sousa, sob a orientação da Professora Doutora Ana Luísa Pereira da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto - FADEUP. Neste sentido, autorizo também que a minha identidade e dados pessoais sejam utilizados neste estudo para os fins académico-científicos que aqui se colocam e tendo em vista o enriquecimento de estudos sobre esta temática.

Porto, \_\_\_\_\_ de Junho 2009.

\_\_\_\_\_  
Entrevistado